

Janice Andrighetti

**HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIAS DE LEITURA  
DE IDOSOS DE PAIM FILHO**

Passo Fundo

2012

Janice Andrighetti

## **Histórias de vida e memórias de leitura de idosos de Paim Filho**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr. Fabiane Verardi Burlamaque.

Passo Fundo

2012

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, força e inspiração.

A Santo Expedito, que, nos momentos de indecisão, fraqueza e insegurança, foi constantemente solicitado, para que me mostrasse o caminho e me fortalecesse na sabedoria e na persistência.

Aos meus filhos Mattheus e Pedro, companheiros e amigos, que me motivaram a olhar para o futuro, sempre com muito amor, carinho e compreensão.

Aos meus pais Artemio e Lucia, que doaram uma parte de si para que eu fosse o que eu sou.

Ao querido Nelson, que foi meu grande incentivador na busca pelo aperfeiçoamento. Seu amor, carinho e compreensão foram a força para os momentos de desânimo e fraqueza.

A todos os meus familiares, por terem compreendido as ausências, respeitando minhas opções e ajudando-me a realizá-las.

Aos idosos entrevistados, pelos depoimentos significativos que tornaram possível a realização deste trabalho.

À Professora Dr. Fabiane Verardi Burlamaque, pela sua orientação firme e segura demonstrada na execução deste trabalho e também pelo incentivo, pela confiança e amizade nesse período de convivência. A você, a minha admiração.

Aos Professores do Mestrado em Letras da UPF: Miguel Rettenmaier da Silva, Márcia Helena Saldanha Barbosa, Tania Mariza Kuchenbecker Rösing e Paulo Becker, pelo desempenho e pela formação proporcionada.

À colega de trabalho e de aula, além de grande amiga, Ana Cristina Baggio, a quem devo todas as coronas até a universidade, sem as quais não seria possível minha participação no Mestrado.

Aos colegas de Mestrado, que compartilharam reflexões sobre leitura, literatura e identidade e contribuíram para o meu amadurecimento

intelectual. Obrigada pela amizade, união e companheirismo.

Aos dedicados e simpáticos funcionários do PPGL da UPF, em especial à secretária Karine Castoldi, pela paciência e solicitude.

Aos meus colegas de trabalho, professores da Escola Estadual Luiza Formiguieri, de Paim Filho, pelo apoio, ajuda, compreensão e companheirismo.

A Izabel Carniel e Maria Cristiane Cioatto, pela amizade e constante motivação.

À minha sobrinha Daniele Andrighetti, que, durante a transcrição das entrevistas e nas horas de inconveniências tecnológicas, com bastante boa vontade me auxiliou;

Ao secretário da Educação de Lagoa Vermelha, Sr. Osmar Piardi, pela gentileza ao enviar-me material útil à pesquisa.

A todos, que, direta ou indiretamente, contribuíram para que pudesse concluir este trabalho.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como proposta identificar, reconstruir e registrar as lembranças de seis idosos painfilhenses, relacionando suas histórias de vida com suas memórias de leitura. A fim de alcançar os objetivos, o trabalho, em seu percurso metodológico, segue uma abordagem qualitativa de cunho descritivo, tendo como base a história oral, com entrevista aberta. Os dados obtidos são analisados à luz da teoria da história cultural e de estudo sobre a memória, considerada elemento-chave do trabalho. Para tanto, busca-se suporte nas concepções de Jacques Le Goff, Henri Bergson, Maurice Halbwachs e Ecléia Bosi, entre outros pensadores que, num sentido geral, apresentam em comum a ideia que a memória é social, coletiva e associada ao grupo de convivência, embora sofra alterações na sua reorganização, quando sua transmissão é individualizada. Assim, ao compreender as memórias dos mais velhos, é possível traçar um perfil desses leitores, constatando seus variados modos de interação com a leitura em diferentes períodos de suas vidas. Além disso, o estudo permite identificar traços da vida sociocultural do município, à medida que os depoentes recorrem às lembranças sobre a escola, os hábitos e costumes familiares e sociais, enfim, sobre os modos de vida na cidade de Paim Filho.

Palavras-chave: Memória. História. Leitura. Idosos. Paim Filho.

## ABSTRACT

This research has the purpose to identify, reconstruct and record the memories of six elderly painfilhenses, relating their life stories with their memories of reading in the sociocultural construction of the city of Paim Filho, Rio Grande do Sul. To achieve the objectives, the work, in its methodological course, follows a qualitative descriptive approach based on oral history, with an open interview. The data obtained are analyzed in light of the theory of cultural history and a study of memory, considered a key element of the work. Therefore, it seeks to support the theories of Jacques Le Goff, Henri Bergson, Maurice Halbwach and Ecléia Bosi, among other thinkers that, in a general sense, have in common the idea that memory is social, collective and associated to the support group, even though it has changes in its reorganization, when the transmission is individualized. Thus, by understanding the memories of older, you can draw a profile of those readers, noting their various modes of interaction with the reading in different periods of their lives. Furthermore, the study identifies traces of sociocultural life of the city, as the respondents turn to their memories of school, habits and family and social customs and about the ways of life in the city of Paim Filho.

Keywords: Memory. History. Reading. Elderly. Paim Filho.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
1 A MEMÓRIA E SUAS IMPLICAÇÕES .....	13
1.1 História é memória? .....	13
1.2 Tradição oral, memória individual e coletiva .....	19
1.3 Memória familiar .....	24
1.4 Relembrar, narrar e ensinar: o idoso como fonte primária .....	27
2 INVENTÁRIO DA LEITURA NO BRASIL.....	32
2.1 Memória: reconstrução da história da leitura .....	32
2.2 O uso dos livros pelos leitores .....	37
2.3 O livro e a leitura a serviço de quem? .....	40
2.4 A leitura na escola .....	42
2.5 O livro didático .....	44
2.6 As escolas, os professores, os leitores .....	46
3 POR UMA GEOGRAFIA DOS LEITORES .....	49
3.1 Lagoa Vermelha: raízes de um município-mãe .....	49
3.2 Paim Filho: constituição sócio-histórica .....	51
3.2.1 A participação da Igreja Católica no contexto histórico-cultural de Paim Filho ....	52
3.2.2 Da capelinha à Escola Luiza Formigueri: as instituições escolares em Paim filho	54
3.3 Os sujeitos da pesquisa .....	56
4 ANÁLISE DAS MEMÓRIAS.....	64
4.1 Memórias de vida e de leitura: entrelaçando histórias e leitores .....	64
4.2 Espaços de leitura.....	70
4.2.1 Em casa.....	70
4.2.2 A biblioteca.....	72

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	74
REFERÊNCIAS .....	78
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS .....	80



## INTRODUÇÃO

“[...] não se pode dizer que seja mesmo um álbum de família igual a esses que as pessoas têm na gaveta das suas cômodas ou na mesa da sala de visitas. Eu falo de lembranças... Ele esfregava pausadamente as mãos nodosas. O passado ressurgia com nitidez, não mais como fotos, mas como um filme em preto-e-branco, onde as pessoas e a natureza tinham vida própria e falavam e sorriam, e o som dos seus passos e o metal de suas vozes eram agora audíveis, como se estivessem naquele momento dentro da casa deles, participando daquele lento e arrastado fim que chegava com tranquila naturalidade... – Não vejo motivo para a gente ficar triste e deprimida – disse a velha espiando mais uma vez pela janela. – Afinal, nós já vimos mais coisas do que milhares de pessoas jamais tiveram oportunidade de ver... – Chega um dia em que a luz nunca mais chega e a noite passa a ser eterna – disse Dom Eleutério, suspirando”.

Josué Guimarães, em *Enquanto a noite não chega*

Assim como no texto de Josué Guimarães, a “noite”, uma metáfora da morte, tem chegado sistematicamente a Paim Filho e está levando aqueles que representam grande parte da história cultural e social do município: os idosos. Por isso, pensando-os como fonte primária, a presente pesquisa quer evidenciar que uma comunidade se identifica pela sua história cultural e social. Identificar, reconstruir e registrar as lembranças dos idosos, relacionando suas histórias de vida com suas memórias de leitura, é a proposta deste trabalho, em virtude da finitude natural dessas pessoas.

Ao enfrentar o efeito corrosivo do tempo, a memória revive e recria as coisas e os eventos. O tempo relatado pelas histórias de vida apresenta-se como fonte de conhecimento, pleno de significados. Ao compreender as memórias dos mais velhos, busca-se reconstruir suas trajetórias leitoras, bem como mostrar a forma pela qual a cidade emerge da alma e dos afetos desses idosos entrevistados, com o propósito de reconstruir, mesmo que parcialmente, o contexto sociocultural que os constitui.

Julga-se que a pesquisa se reveste de relevância social, porque, além de possibilitar a valorização das pessoas envolvidas no processo constitutivo do município, permite a retomada e o registro de uma comunidade. Constata-se que quase nada está sendo feito nesse sentido, no município de Paim Filho, embora muitas pesquisas com esse enfoque já tenham sido realizadas em outras cidades. Cita-se, como exemplo, um estudo de grande destaque da professora Fabiane Verardi Burlamaque, que, inicialmente no mestrado – com a dissertação *Memórias de leitoras: histórias de vida* (1999) – e posteriormente no doutorado – com a tese *Mulheres em três gerações: histórias de vida, itinerários de leitura* (2003) –, analisa gerações distintas de mulheres leitoras da cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Outra pesquisa

foi feita e apresentada em 1997 como dissertação de mestrado de autoria de Marilene de Carli Bonafé, intitulada *Memória, literatura e cultura: as vozes de mulheres italianas*. Em seu estudo, a autora busca identificar e reconstituir, por meio da memória oral, a cultura de imigração italiana na cidade de Casca, Rio Grande do Sul.

Contar histórias é reconstruir o passado. Não significa apenas recordação verbalizada somente porque há resíduos de tempos passados interessantes para o presente e para que cada membro de uma geração posterior herde algo da história, ainda que seja fragmentada. A questão da cidadania está presente na reconstrução da memória. Rememorar é uma atividade que se orienta pelo momento presente, determinada pelo lugar social e pelo referencial de significados do imaginário coletivo de um grupo. O ser humano é um ser histórico. Ele nasce numa família, inserida numa comunidade, que vê o mundo de acordo com as referências nela existentes. Além disso, ao agir sobre a história, com seu desejo e seu conhecimento, credencia-se para conquistar sua identidade social e pessoal.

Considerando a importância do sujeito histórico, ressalta-se a sua valorização como intérprete do mundo que o cerca e como produtor de significações sociais. Assim, neste estudo, opta-se por uma abordagem qualitativa que procura visualizar o contexto, integrando-se, empaticamente, com o objeto, de modo que a preocupação com o processo é muito maior que com o produto, tendo como foco os significados que os depoentes atribuem às coisas e à sua vida.

A adoção da metodologia da história oral de vida, que tem como marca o fato de ser bastante subjetiva e construída em torno de pessoas. Por isso, os depoimentos orais são essenciais a esta pesquisa, ao poderem “devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história, um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, 1992, p. 22). A metodologia adotada reconhece que existe um conhecimento produzido socialmente pelos testemunhos da história, os quais, de forma compartilhada, constroem significados e representações acerca do mundo em que vivem. Conforme Alberti:

A história oral amplia o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes versões e testemunhos. (1989, p. 2)

O depoimento oral permite penetrar numa forma de conhecimento de mundo conduzido pelos olhares dos atores sociais e pelos sentidos que estes atribuem aos objetos e às ações que desenvolveram e desenvolvem. Não é preocupação deste trabalho, portanto,

estabelecer verdades a respeito do que foi dito pelos sujeitos de pesquisa ou, ainda, reconstruir a história tal qual aconteceu, considerando que:

Não é mais fator negativo o fato de o depoente poder “distorcer” a realidade, ter “falhas” de memória ou “errar” em seu relato; o que importa agora é incluir tais ocorrências em uma reflexão mais ampla, perguntando-se por que razão o entrevistado concebe o passado de uma forma e não de outra e por que razão e em que medida sua concepção distingue-se (ou não) das de outros depoentes. (ALBERTI, 1989, p. 3)

Para a seleção dos sujeitos que compõem o *corpus* da pesquisa, foram adotados alguns critérios. Os depoentes deveriam ter mais de 60 anos e bastante lucidez; ser painfilhenses que, de alguma forma, tivessem contribuído ou continuassem colaborando para o desenvolvimento cultural e social do município; ser moradores de longa data; ser declaradamente alfabetizados e leitores. Além disso, os sujeitos deveriam aceitar, por livre vontade, o convite para participar da pesquisa. Com base em tais critérios, foram entrevistados três homens e três mulheres. A escolha também se justifica pela necessidade de valorizar essas pessoas, dando-lhes oportunidade para registrar, por meio de suas memórias, a história dessa comunidade e sua própria história, uma vez que é nela que todos estão inseridos.

Com o auxílio de um questionário semiestruturado, que caracteriza a pesquisa descritiva, buscou-se conhecer a história de vida e as memórias de leitura dos sujeitos, o processo de construção da cidade e as transformações culturais ocorridas em decorrência da evolução temporal. A coleta dos relatos, feita por meio da entrevista oral, tornou-se bastante profícua, pois, a cada fala, acrescentava-se novo conteúdo à construção ou reconstrução do momento vivenciado pelos entrevistados, comprovando o que sugere Montenegro:

O processo de rememoração se torna, muitas vezes, mais rico, quando o caminho da abordagem se faz através de um processo diversificado de relembrações, através do qual a chave para alcançar visões, opiniões, análises sobre o passado surge de forma inusitada, já que a abordagem direta de um determinado assunto, acontecimento, nem sempre desencadeia um processo de relembração. (2001, p. 22)

Os roteiros foram preparados previamente, de acordo com o contato estabelecido com os sujeitos da pesquisa, visando a captar determinados pontos que, posteriormente, pudessem ser explorados na entrevista. Para tanto, foram percorridos os seguintes passos: pré-entrevista,

entrevista e pós-entrevista. Na pré-entrevista, ou seja, no primeiro contato com os possíveis depoentes, solicitou-se a sua colaboração, proporcionando-lhes esclarecimentos acerca do projeto e da sua participação. Na ocasião, combinou-se data, horário e local das entrevistas, que aconteceram na casa dos entrevistados. Os registros, com o consentimento dos depoentes, foram feitos por meio de gravação e/ou anotação e, quando possível, em vídeo, de forma complementar, sendo, posteriormente, transcritos pela pesquisadora.

O entrevistador precisa receber uma formação especial e compreender o depoimento como um trabalho do sujeito. Na abordagem em campo, procurou-se, o máximo possível, deixar o entrevistado à vontade, com liberdade de compor e de encadear os momentos de seu passado. Conforme orienta Montenegro, “ao entrevistador cabe a obrigação profissional e ética de ouvir tudo o que é descrito com a maior atenção, consciente de que o entrevistado não deve ou não tem a obrigação de atender a quaisquer que sejam as expectativas teóricas/metodológicas que então realiza”. (2001, p. 150)

Dessa forma, os interlocutores se abriram para o diálogo com naturalidade e empenho. Todos se apresentaram como conhecedores da história da cidade, porque dela fizeram parte. Responderam com gentileza e boa vontade, criando uma atmosfera bastante agradável. Confiaram recordações que os envolviam emocionalmente, empenhando, por vezes, toda sua pessoa.

No livro *Gerontogogia: educação e longevidade* (1999), Agostinho Both afirma que os mais velhos, pela revelação de suas memórias, imprimem significados, potencializando os afetos em torno das diversas realidades humanas; sentem-se vitalizados uma vez que o seu legado é valorizado e sua história é transferida, pelo poder da reciprocidade, aos mais jovens, criando-se a sensação da transcendentalidade. Então, pelo passado, pode surgir um sentido para a vida. O certo é que a cultura revelada pelos mais velhos assume uma fisionomia nova pela percepção dos mais novos. Os vínculos com o passado oferecem ideais de identificação entre os sujeitos nela inseridos. E quando esse diálogo não acontece? Em nossa sociedade, os mais velhos passam por um processo inverso daquele da criança. Enquanto esta é estimulada a entrar no mundo dos objetos, das ações, a conceber o mundo, a lidar com ele, com a linguagem e seus significados, o velho, ao contrário, é forçado a perder o interesse, porque lhe retiram os objetos, a ação e a palavra, empobrecendo-lhe as mediações sociais, ou pela retirada das instituições, ou porque essas já não oferecem objetivos em torno dos quais se formam o pensamento, a linguagem e os sentimentos. É de se perguntar: será que o silêncio advindo dessa situação não coincide com a morte da cultura como linguagem e de suas significações mais singulares? Não se empobrece o ser humano, ao lhe negar a transcendência

inscrita nos esforços silenciados? E aí ficam os jovens sem ser tomados pela solidariedade necessária dos seus. Não ficam eles órfãos de alma e tão pobres, como se nunca se lhes tivesse sido alcançado o jeito humano de ser já praticado nas gerações precedentes? A história viva dos avós seria como a revelação da autoimagem, o espelho vivo que sinaliza a face humana mais legítima. Nas palavras de Both:

Apropriar-se do universo dos sonhos, fracassos e feitos por onde escorre a alma humana de uma cultura é retomar a própria alma humana, que é a linguagem com seus significados. Tomar a consciência da cultura é conceber a alma já instituída pela história. (1999, p. 43)

O filósofo Walter Benjamin (1993) confirma a importância do narrador para a sobrevivência dos conhecimentos do passado. Segundo ele, é por meio das histórias que o narrador transmite o legado da tradição às gerações futuras. Ao lembrar os acontecimentos, liga os eventos presentes ao passado, ampliando o arco de compreensão do mundo. Dessa forma, as lembranças dos idosos podem esclarecer episódios obscurecidos da consciência, transitando entre história, filosofia, literatura, filosofia, e outras ciências, para melhor captar e compreender a memória, seja ela individual ou coletiva.

Diante disso, recorre-se à memória como elemento-chave deste trabalho de pesquisa. Memória é uma construção psíquica e intelectual; é uma representação do passado, que não pertence apenas a um indivíduo, mas a esse indivíduo inserido num contexto familiar e social. Na perspectiva de Maurice Halbwachs (2006), toda memória é coletiva, ideia igualmente defendida por Jacques Le Goff (1996). De acordo com o teórico, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (1996, p. 476). Assim, vinculando-o às relações vivenciais – sociais e culturais –, retoma-se esse elemento fundamental para a rememoração das histórias dos painfilhenses pesquisados.

O registro que é feito do passado, pela memória, possui o caráter do irrepitível. Os indivíduos querem, de alguma forma, lembrar-se de algo que foi relevante, que merece fazer parte de sua história de vida. Ter um acontecimento, uma data, uma imagem para se lembrar é o que as pessoas fazem a todo o momento, por saberem que tais eventos não se repetem. Nesse sentido, Henri Bergson (1990) explica que existem duas formas de lembranças. Uma, denominada “memória-hábito”, se baseia no caráter sistemático dos movimentos que encenam o passado, sendo útil ao presente, por meio do esforço acumulado ao longo do tempo e do exercício da repetição que realiza. A outra, denominada “imagens-lembranças”, é a que

registra os acontecimentos da vida cotidiana, armazenando o passado como efeito de uma necessidade humana. E é a esse que se remonta, quando se tem a intenção de buscar determinada imagem do passado.

Além das teorias de Jacques Le Goff, Henri Bergson, Maurice Halbwach e Walter Benjamin, destaca-se, para a análise a ser empreendida, a contribuição de Ecléia Bosi, Marieta Ferreira e Roger Chartier, entre outros pensadores. Num sentido geral, todos eles apresentam em comum a ideia que a memória é social, de caráter coletivo, estando associada ao grupo de convivência, embora sofra alterações na sua reorganização, quando a transmissão é individualizada.

Este trabalho é apresentado em quatro capítulos. No primeiro deles, são observados, inicialmente, os pontos de vista de vários teóricos sobre a relação entre História e memória. Posteriormente, expõem-se outros pressupostos teóricos que sustentam o trabalho, ressaltando, sobretudo, a história cultural, a tradição oral e as memórias individual e coletiva, além da memória familiar, fundamental nesta pesquisa. Encerrando o capítulo, evidenciam-se o idoso como fonte primária e sua importância no processo de rememoração.

No segundo capítulo, para melhor situar o leitor, faz-se um inventário da leitura no Brasil. Inicialmente, empreende-se, por meio da memória histórica, uma reconstrução da história da leitura, abordando, ainda, a utilização de diferentes materiais pelos leitores, a quem essa prática se destina e o que dela é feito. Ao final do capítulo, destacam-se a leitura na escola e o livro didático como instrumento de mediação na formação de leitores.

Na terceira seção, o objetivo é situar, social e geograficamente, os painfilhenses que compõem a pesquisa, registrando a história do município e do povo, desde suas origens, em Lagoa Vermelha, até o presente. Destacam-se, nesse contexto, a influência da fé religiosa e dos padres capuchinhos na construção da cidade, bem como seus marcos principais: as igrejas e as escolas. Por último, são apresentados os sujeitos que constituem a amostra da pesquisa, traçando os seus perfis.

No capítulo quatro, são analisadas as memórias inventariadas durante as entrevistas, compreendendo um detalhamento das histórias de vida de cada um e de suas leituras. Faz parte dessa análise a observação dos espaços em que essas leituras foram feitas: em casa, na biblioteca, na escola. Salienta-se, também, a importância do livro didático, das leituras que foram ou não censuradas e daquelas que contribuíram, de forma significativa, para a constituição da identidade leitora de cada um.

Um apêndice ainda complementa este trabalho. Nele, são apresentadas as entrevistas realizadas com os sujeitos envolvidos na pesquisa. Integralmente transcritas, revelam uma

linguagem cotidiana, na qual os saltos da memória marcam a despreocupação com uma narrativa cronológica. Delas são extraídos apenas os trechos que guardam relação com o objeto de estudo em foco.

## 1 A MEMÓRIA E SUAS IMPLICAÇÕES

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Jacques Le Goff

### 1.1 História é memória?

O patrimônio cultural, passado de geração em geração, se reconstrói por meio da memória, entendida como a capacidade da mente humana de conservar a informação, armazenando conhecimentos e vivências. De acordo com Bosi (1994), a memória vai além do conhecimento do passado já visto, equivalendo a um conjunto de experiências, lembranças e imagens que vão se somando, em contato com a vivência do presente, para formar a teoria de mundo de cada sujeito. Falar em memória é, portanto, reconstruir o passado, trazendo elementos da história para o presente, proporcionando aos mais novos os conhecimentos, os saberes, os valores de outras épocas, que podem contribuir para a formação social atual. Um dos grandes debates teóricos, entretanto, que atravessa várias gerações de historiadores, pois envolve os objetivos e fundamentos do trabalho histórico, se refere à discussão sobre a relação entre História e memória. Uma maneira de entender a problemática é retomar o desenvolvimento do estudo da História e verificar como foi sendo considerada a utilização de fontes tidas como registros memorialistas, tais como as fontes orais, ao longo do tempo.

Como ressalta Le Goff (1994), para pensar numa relação entre História e memória, vale recorrer aos gregos, para quem esta era tão importante que recebeu um lugar especial no panteão de seus deuses. Segundo o mito, *Mnemósine*, a deusa da memória, foi a quarta esposa de Zeus, tendo sido geradas dessa união nove musas, entre as quais *Clio*, a História. Com base nessa relação, pode-se entender que, para a produção da História, torna-se indispensável recorrer à memória.

“Desejoso de saber, interrogo”. A frase atribuída ao grego Heródoto, autor daquele que é considerado um dos primeiros trabalhos históricos da civilização ocidental, demonstra que a utilização de fontes orais como meio de escrever História não é fenômeno recente. Por isso, falar do estudo da História, conforme o historiador Paulo Miceli (2004), é falar da origem prática da memória, do testemunho, da pergunta e da resposta, que é muito antiga e que se estende até os dias atuais.



A utilização de relatos orais, no entanto, foi colocada em suspeição a partir do século XVIII, quando a História ganhou o *status* de ciência e essas fontes deixaram de ser consideradas seguras para o historiador. As memórias construídas com base em subjetividades não mais eram vistas como confiáveis para a produção do conhecimento científico. A historiadora Marieta de Moraes Ferreira acrescenta que esse processo continuou no século XIX, quando ocorre a institucionalização da História como disciplina universitária e uma profissionalização dos historiadores: “Nesse momento, os historiadores passam a adotar um conjunto de procedimentos para se diferenciar daqueles então denominados ‘amadores’, que eram cronistas, políticos, literatos ou, como no caso da França, indivíduos ligados à Igreja Católica” (1988, p.23). A pesquisadora também esclarece que isso significou a fixação sobre o que deveria ser ou não usado como fonte: “Um estudo ‘isento’ só poderia ser elaborado quando o historiador se distanciasse do seu objeto de pesquisa, abrindo mão de relatos parciais e cronologicamente próximos de eventos históricos”. (1988, p. 12)

Essa História centrada no estudo de “grandes eventos históricos” e “grandes personalidades” foi muito forte até a primeira metade do século XX. Seu questionamento tem como grande referencial o surgimento da corrente historiográfica francesa dos *Annales*, na década de 1920. Historiadores como Marc Bloch e Lucien Febvre propuseram a diversificação de temas, mais voltados para as “pessoas comuns”, e relativizaram a importância de “marcos políticos” para a escrita da História. Esse foi o primeiro passo rumo à diversificação do uso de fontes, englobando, também, a iconografia, a literatura e os trabalhos artísticos. Ainda de acordo com Marieta Ferreira, é possível trabalhar com a memória com base em monumentos, literatura e outros documentos: “Muitos historiadores dos *Annales*, embora se propusessem a trabalhar com a ‘História dos homens comuns’, ainda viam com muita desconfiança o trabalho com testemunhos” (1988, p. 9). Segundo a autora, durante muito tempo, permaneceu a ideia de que as fontes escritas possuíam uma maior objetividade que as fontes orais, o que somente foi quebrado nas décadas de 1980 e 1990, juntamente com a discussão sobre como utilizar os relatos e testemunhos para o trabalho histórico. Tal avanço foi resultado de um processo de discussões teóricas iniciadas na década de 1950, curiosamente motivadas por uma inovação tecnológica, o gravador, que tornou possível armazenar, reproduzir e conservar os depoimentos. A partir de então é que o termo “história oral” começa a ganhar notoriedade, pois muitos dos aspectos que têm caracterizado as transformações no campo da História abriram espaço para o reconhecimento das fontes orais, garantindo-lhes legitimidade.

Conforme D'Alessio (1995), é pertinente afirmar que a história oral faz parte de um processo maior de alargamento da possibilidade de usar fontes para a escrita da História e de trazer para os historiadores instrumentos para lidar com a subjetividade, que está nos depoimentos, mas também nas fontes escritas. Como destaca Marieta Ferreira, esse tipo de fonte auxilia, ainda, a quebrar um tipo de “fetiche” pela escrita, que está presente em uma espécie de “*establishment* historiográfico” até os dias de hoje.

Seria possível entender, então, que a memória de um ou mais grupos sociais, a qual inclui tradições, culturas, hábitos, políticas etc., passíveis de serem expressos em depoimentos, pode ser simplesmente considerada como “fonte”? Qual a separação entre memória e História? A relação e as diferenças entre ambas têm-se colocado como questão de amplo debate entre os inúmeros estudiosos do assunto.

Na primeira metade do século passado, o sociólogo Maurice Halbwachs, no livro *A memória coletiva* (2006), já procurava sublinhar a diferença entre os dois conceitos. Suas reflexões poderiam ser sintetizadas da seguinte forma: a memória liga-se à lembrança das vivências, e esta somente existe quando laços afetivos criam o pertencimento ao grupo e ainda os mantêm no presente. Em outras palavras, a memória é sempre vivida, física ou afetivamente. Ao contrário, a História, na sua leitura, começa justamente onde a memória acaba, e a memória acaba quando não tem mais um grupo como suporte:

Enquanto uma lembrança existe, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la pura e simplesmente. Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança. (HALBWCHS, 2006, p. 80)

Dessa maneira, a História é escrita e impessoal, e nela grupos com suas construções desaparecem para ceder lugar a outros, pois a escrita não os registrou. A memória é história viva e vivida e permanece no tempo, renovando-se. A história viva é, assim, o lugar da permanência, e, nesse lugar, o desaparecimento das criações grupais é somente uma aparência. A memória, na perspectiva de Halbwachs, é a possibilidade de recolocação das situações escondidas que habitam na sociedade profunda, na sensibilidade. De acordo com sua leitura, a condição necessária para que exista memória é o sentimento de continuidade presente naquele que se lembra. A memória não faz corte ou ruptura entre passado e presente, porque retém “*do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém*”. (HALBWCHS, 2006, p. 98, grifo nosso)

A História não é memória, pelo fato de haver descontinuidade entre quem a lê e os grupos, testemunhas ou atores das situações ali narradas, havendo uma relação entre a exterioridade ou distanciamento da História, os grupos e a divisão do tempo histórico em fatos pontuais. É, pois, como se a História fragmentasse o tempo.

Pierre Nora (1993), em reflexão desenvolvida nos anos 1980, também trata da distinção entre memória e História, além de realizar a construção de uma nova noção para se trabalhar na fronteira dessas vivências: “os lugares de memória<sup>1</sup>”. A questão histórica que permeia essa reflexão parece ser a chamada “aceleração histórica”, com seus desdobramentos, as transformações incessantes e as suas decorrências, a ameaça do esquecimento – o mito da prisão no eterno presente –, situações que levam a uma obsessão pelo registro, pelos traços, pelos arquivos, em síntese, pela história:

Aceleração da história. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo de terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais. (NORA, 1993, p. 7)

É significativo que se estabeleça uma diferença importante, que pode ser identificada na reflexão de Halbwachs, mas que está explicitada no argumento de Nora, qual seja, a distinção entre história-objeto e história-conhecimento, “história vivida e operação intelectual que a torna inteligível”. É esta última o contraponto da memória. Podem-se notar aproximações relevantes entre os pensamentos do sociólogo e do historiador sobre o assunto que ora se analisa. De acordo com Nora, memória e História, longe de serem sinônimas, tudo opõem uma à outra. Segundo o autor, a memória é um processo vivido, conduzido por grupos vivos, portanto, em evolução permanente e suscetível a todas as manipulações:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. (1993, p. 9)

---

<sup>1</sup> Conforme o autor, esses *lugares de memória* representam, simultaneamente, os três sentidos da expressão: são lugares materiais, como os arquivos, as bibliotecas e os museus, onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; lugares funcionais, porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas; e lugares simbólicos, onde essa memória coletiva se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. (NORA, 1993)

Em contrapartida, a História é conhecimento, distanciamento, problematização, crítica, reflexão. A História, como operação intelectual, dessacraliza a memória:

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 9)

Os “lugares de memória” expressam o anseio de retorno a ritos que definem os grupos, a vontade de busca do grupo que se autorreconhece e se autodiferencia. Na expressão do autor, “*os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais*”. (NORA, 1993, p. 13, grifo nosso)

Conforme D’Alessio, o fato de a memória ser denominada como “fonte” é fruto das mudanças historiográficas que ocorrem constantemente, mas “é também instituinte desse processo, sobretudo por ser um dos fatores da introdução da subjetividade nos estudos históricos e, conseqüentemente, da transformação do discurso historiográfico em menos demonstrativo e mais narrativo”. (1995, p. 23)

Já Marieta Ferreira realça a distinção entre ambas, enfatizando a História como um campo profissional institucional que tem princípios e formas de funcionamento, gerando um conhecimento produzido com base numa reflexão, de um conjunto de procedimentos e regras. No entanto, essa distinção não faz que exista uma oposição ou um conflito entre memória e História. A memória coloca uma série de desafios sobre como se deve fazer a História, assim como esta também pode contribuir com aquela.

Paulo Miceli (2004) relativiza a distinção dos dois conceitos, afirmando que isso depende da articulação e do arbítrio do historiador, sendo impossível definir, conceitualmente, onde termina um e começa o outro. Em seu entendimento, tal questão, como a própria distinção entre a História e os demais campos das ciências humanas, não tem uma resposta

definitiva, pois representa um debate acadêmico entre grandes autores. Conforme o tempo for passando, ficarão grandes estudos dentro do campo da memória, da História ou de outras áreas do conhecimento.

O historiador Norberto Luiz Guarinello (2004) afirma que as interpretações da História são sempre produtoras de memória, de lembrança ou esquecimento; são instrumentos de identidade, de legitimidade e de poder; reflexos da subjetividade, intenção e seleção de fontes históricas do historiador que a produziu. Já na perspectiva de Le Goff, a memória envolve, principalmente, aqueles elementos registrados nas inscrições grafadas desde a Antiguidade, formando-se os monumentos que retratam um fato específico. Assim, a memória seria uma espécie de “monumento comemorativo de um acontecimento memorável”. É com esse caráter que deve ser visitada pelo historiador, pois não existe memória coletiva bruta. Ela é sempre lapidada pelo contingenciamento da lembrança, distância temporal e social, entre outras medidas.

Pode-se afirmar que o pesquisador, em seu instante vivenciado – no seu presente fluido e dinâmico que a tudo arremessa para o passado –, está separado de seu objeto de estudo por quatro dimensões de distâncias: cronológica, pois não estuda o seu instante vivido, mas o passado inacessível; geográfica, pois as ações humanas que estuda não ocorreram ao seu redor; cultural, pois, ao viver em um outro tempo, embebe-se de variados elementos culturais e diferentes valores; e ideológica, pois está sempre se fundamentando em uma perspectiva teórica de interpretação da realidade, e essa teoria se fundamenta em uma cosmovisão, ao mesmo tempo em que, ao escolher seu suporte teórico, o faz com base em alguma concepção de mundo. Além disso, explica o autor que, hoje, os historiadores se interessam cada vez mais pelas relações entre História e memória. Não se pode esquecer, entretanto, que, devido a essa dimensão coletiva, a memória ultrapassa a simples lembrança. A memória coletiva, registrada nas entrevistas ou nos monumentos, ganha *status* de documento histórico, constituindo, dessa forma, os arquivos orais. Daí um dos atuais métodos de pesquisa histórica, a história oral, que se baseia não somente no documento passivo e positivo, mas nos depoimentos daqueles que viveram e fizeram a História (objeto), ultrapassando a perspectiva de um documento.

Por isso, trabalhar com história oral é dar espaço aos sujeitos anônimos da narrativa, procurando articular seus relatos aos contextos e elementos do(s) objeto(s) em pesquisa. É estar preparado para compreender que nem sempre o ato de recordar é uma ação saudável e positiva para o sujeito, pois pode lhe trazer dores e sofrimentos. É escrever História sem sacramentar certezas, embora diminuindo o campo das dúvidas. O uso da história oral, bem

como das narrativas que dela se originam estimula a escrita de algo que não é uma representação exata do que existiu, mas que se esforça em propor uma inteligibilidade, em compreender a forma como o passado chega até o presente. (CHARTIER, 2002)

Nesta pesquisa, considera-se que contar histórias é relembrar o passado, não significando apenas recordação verbalizada, somente porque há resíduos de um tempo interessante para o presente, para que cada membro de uma geração posterior herde algo da história, ainda que seja fragmentada. Salienta-se, sobretudo, a questão da cidadania que está presente na reconstrução da memória. Rememorar é uma atividade que se orienta pelo momento presente, determinada pelo lugar social e referencial de significados do imaginário coletivo de um grupo (LACERDA, 1999). Por isso, pode-se afirmar que cada indivíduo, também pelas suas memórias, é um construtor social. “*Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos*” (BOSI, 1994, p. 82, grifo nosso). A função de cada uma dessas memórias e seu papel no contexto das relações sociais serão mostrados no próximo capítulo.

## 1.2 Tradição oral, memória individual e coletiva

Segundo Waldemar Ferreira Neto (2008), em seu livro *Tradição oral e produção de narrativas*, existem duas formas de oralidade. Uma delas é a que se faz baseada em textos escritos: uma conversa em que se discute o que se leu, o que se assistiu pela TV, o que se assistiu no cinema, por exemplo. A outra é aquela cheia de informalidades, embora uma conversa feita dessa forma, por si só, não represente, necessariamente, um fato da oralidade. Como explica o autor, a distinção entre ambas se dá em razão dos assuntos, dos pressupostos, da maneira de abordagem, das estratégias de memorização e de uma porção de outros fatores que são muito diferentes entre as duas formas de oralidade.

Halbwachs (2006) relaciona conceitos específicos para a memória individual, a coletiva e a histórica. Conforme o autor, das três, apenas a memória individual pode ser considerada original, por ser a que foi gerada por uma testemunha do fato. Entretanto, é fragmentária, pois não comporta a reconstituição precisa do fato testemunhado.

A preocupação de Halbwachs com a memória baseia-se, segundo comentário de Bosi, na ideia dos “quadros sociais da memória”. A autora, amparada no sociólogo francês, explica que, nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão limitadas ao mundo da pessoa, mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social,

com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência que lhe são peculiares. (BOSI, 1994)

Embora carregue suas lembranças pessoais, cada indivíduo está inserido em um contexto, vivendo em uma sociedade, e é nesse contexto que estão suas lembranças. A sua memória individual sofre influências das diversas memórias que o rodeiam. Essas diversas memórias constituem a memória coletiva, que garante a identidade do indivíduo, como pertencente a um determinado grupo. Halbwachs, numa intenção maior de estudar a memória coletiva e a memória histórica, tece uma análise distintiva entre esta última e a memória autobiográfica. As lembranças agrupam-se em duas espécies de memórias, das quais o indivíduo participa, adotando atitudes diferentes diante de cada uma. A autobiográfica é ocupada pelas lembranças ligadas à sua personalidade, à sua vida pessoal. A histórica, por seu turno, destina-se à sua participação como membro de um grupo que contribui para “evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 57). Essas memórias, apesar de distintas, podem apresentar pontos de interseção em algumas situações, mas seguem seus próprios caminhos. A memória individual, às vezes, confunde-se com a coletiva, pois pode se apoiar sobre ela em situações nas quais precise confirmar algumas de suas lembranças, ou dar-lhes precisão, ou mesmo para preencher algumas de suas lacunas. Embora a memória coletiva envolva as memórias individuais, com elas não se confunde, e a junção dessas memórias tem um caráter prático.

Para retomar seu próprio passado, o ser humano, frequentemente, precisa buscar apoio nas lembranças dos outros, reportando-se a pontos de referência que existem fora de si e que são fixados pela sociedade. O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Isso mostra a relevância de um estudo paralelo dessas duas memórias, na medida em que se completam, dependem de uma coexistência.

Durante a vida, o indivíduo arquiva suas lembranças pessoais, mas também compõe um grupo nacional e entra em contato com um certo número de acontecimentos dos quais se lembrará, mesmo os tendo conhecido apenas por intermédio de jornais ou de depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Esses fatos ocupam um lugar na memória da nação, mas, para a maioria, essas lembranças representam o sentimento de confiança que se tem na memória dos outros, uma vez que não foram vivenciados e por ser a memória do outro a única fonte daquilo que o indivíduo quer repetir. Essa é uma memória “emprestada” que serve ao homem como bagagem de lembranças históricas. Distinguem-se, então, duas memórias:

[...] uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 2006, p. 59)

A memória autobiográfica apoia-se na memória histórica, uma vez que toda a história de nossa vida faz parte da história em geral. Quando olhamos nosso passado, é comum relacionarmos as fases de nossa vida aos acontecimentos nacionais. Mas é na história vivida, e não na história aprendida, que se apoia nossa memória. Halbwachs assim explica o sentido de história em relação à nossa memória: “por história é preciso entender, então, não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto”. (HALBWACHS, 2006, p. 64)

Conforme Halbwachs, atingir a realidade histórica é algo que exige um movimento de afastamento da individualidade, para se buscar o ponto de vista do grupo, a fim de ver como um determinado fato marca uma data e por que este penetrou num círculo das preocupações, dos interesses e das paixões nacionais. É curioso observar como as lembranças históricas construídas na infância são influenciadas pela presença das lembranças das outras pessoas. Se o indivíduo se lembra de um fato de infância, mesmo sem compreender num momento imediato seu sentido histórico, é porque, naquela época, sentia que os outros indivíduos ao seu redor, os adultos, preocupavam-se com aquilo. Mais tarde, então, ele passará a compreender melhor a importância de tal acontecimento.

Izquierdo (2002) reitera que somos seres “únicos” porque aprendemos e lembramos das nossas experiências. O conjunto de memórias de cada um determina aquilo que se denomina personalidade ou forma de ser. Pode-se perguntar: mas, afinal, como se processa a memória? Na tentativa de defini-la de uma forma simples, seria possível descrever que memória é a aquisição, o armazenamento e a evocação de informações. A aquisição é, também, denominada de aprendizado. A evocação é, também, chamada de recordação, lembrança, recuperação.

Apesar da imensa capacidade de armazenar experiências, é pertinente afirmar que tão importante quanto o armazenamento de informações é o seu esquecimento. O fenômeno do esquecimento é fisiológico e desempenha um papel adaptativo. “Guardar” tudo aquilo que



vivenciamos, em pormenores, seria praticamente impossível, pois levaríamos boa parte do nosso tempo recordando cada detalhe vivenciado.

Sabe-se, entretanto, que o ser humano se preserva em busca da imortalidade, em busca de uma espécie de divinização. E para perpetuar-se, cria monumentos, redige textos, produz arte... Faz tudo isso porque sabe que os outros o verão na obra produzida e se recordarão de sua passagem pela vida. Mas como permanecer na memória, se ela, como recordação e lembrança, pode se apagar? Comentando Bergson, Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e sociedade* (1994), afirma que a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, concomitantemente, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não somente vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e permanente, oculta e invasora: “*Qual a função da Memória? Não constrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação*”. (BOSI, 1994, p. 59, grifo nosso)

Segundo Umberto Eco, ninguém vive o presente imediato, tendo em vista que se ligam coisas e fatos graças à função adesiva das memórias pessoal e coletiva (história e mito). Ele acrescenta, ainda: “Nosso relacionamento perceptual com o mundo funciona porque confiamos em histórias anteriores. [...]. Aceitamos como verdadeira uma história que nossos ancestrais nos transmitiram, ainda que hoje chamemos estes ancestrais de cientistas”. (ECO, 1996, p. 136)

Se nossas verdades se baseiam nos relatos de nossos ancestrais, o idoso ganha um papel importante na construção de nossa memória, pois sua própria existência revela uma época; ele é a prova viva de um quadro temporal que não vivenciamos. Assim, de acordo com Halbwachs, geralmente, é na medida em que a presença de um parente idoso está, de algum modo, impressa em tudo aquilo que nos revelou de um período e de uma sociedade antiga que ela se destaca em nossa memória, não como uma aparência física um pouco apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro que o resume. (HALBWACHS, 2006, p. 70)

A história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode apoiar-se, dar sustentação à memória. As lembranças, porém, são reconstruídas no presente, pois retomam os fatos do passado com a ajuda de dados emprestados do momento atual. Com o distanciamento

temporal dos acontecimentos, a lembrança destes parece ocorrer em conjuntos, mas a precisão e a individualidade vão se perdendo. A imagem, muitas vezes, é reconstruída com base em relatos e depoimentos, sem que o indivíduo se dê conta de que aquela não é uma lembrança fiel, conservada pela sua memória. Também não se pode dizer que a lembrança seja estática, porque ela se modifica. Lembranças mais antigas juntam-se às mais novas, por exemplo, em relação a uma pessoa, o que compõe sempre uma nova imagem. Muda, assim, o ponto de vista daquele que se põe a recordar algo; desloca-se, de acordo com suas vivências pessoais, com as posições ocupadas em determinados grupos, com o tipo de relação que estabelece com o objeto de lembrança. As imagens do passado enfraquecem-se lentamente, e as novas imagens recobrem as antigas. Nessa reconstrução de imagens, novamente o outro, a memória dos componentes dos grupos a que uma pessoa pertence, passa a ter valor essencial.

Sobre esse assunto, Bergson (apud BOSI, 1994) afirma que, aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos, nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos, então, apenas algumas indicações, meros “signos” destinados a evocar antigas imagens. A memória teria a função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Na visão de Bergson, “o passado permanece inteiramente dentro de nossa memória, tal como foi para nós; porém alguns obstáculos, em particular o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos dele todas as partes” (apud HALBWACHS, 2006, p. 12). No entanto, Halbwachs não acredita que as imagens do passado estejam no indivíduo, e sim na sociedade, “onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nós representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo, cremos que provêm completamente de nossa memória” (2006, p. 12). Assim, reconstruímos as imagens do passado, mas essa reconstrução se opera segundo linhas já demarcadas e delineadas por nossas outras lembranças ou pelas lembranças dos outros.

Apesar da oposição teórica entre os dois autores, é interessante notar como Bergson se preocupa em entender as relações entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, a confluência de memória e percepção. Em sua opinião, a lembrança é a sobrevivência do passado, que se conserva no espírito de cada ser humano, sendo atualizado pela consciência na forma de imagens-lembranças. O passado, em sua forma pura, seria a imagem presente nos sonhos e devaneios. Não atingimos jamais o limite da clareza total ou da sombra inteiramente impenetrável, o que configura diferentes graus dessa capacidade de lembrar. Às vezes, somos enganados por nossa falsa sensação de certeza diante de um fato do

passado. Isso ocorre, por exemplo, quando encontramos alguém que participou de um determinado acontecimento conosco e que, ao relatá-lo, põe em conflito nossas lembranças: sua sequência, seus detalhes, pois o fato sempre é percebido de modo diferente por indivíduos diferentes.

Memória individual e coletiva alimentam-se e têm pontos de contato com a memória histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm por função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros. Abarcam períodos menores do que aqueles tratados pela História. Têm na oralidade o seu veículo privilegiado, porém não necessariamente exclusivo, de troca. Já a memória histórica tem no registro escrito um meio fundamental de preservação e comunicação. Memória individual, coletiva e histórica interpenetram-se e contaminam-se. Memórias individuais e coletivas vivem num permanente embate pela coexistência e também pelo *status* de se constituírem como memória histórica.

### **1.3 Memória familiar**

Conforme Ariès (1993), a família é uma instituição e, como tal, é historicamente construída, recebida e transmitida, em termos de valores culturais, pelas ações dos antepassados e dos contemporâneos. Forma-se numa complexa coesão entre o indivíduo e a sociedade, por isso é regida por uma lógica que permite a cada membro do grupo familiar ser portador de uma tradição específica, como testemunho vivo de uma identidade, que demarca e simboliza as condições sociais de parentesco. Nas relações familiares, registra-se uma itinerância entre o presente e o passado, nas práticas e nas representações, decorrentes das relações de parceria compartilhada nas diferentes formas de convivência no cotidiano doméstico.

A figura dos mais velhos ganha uma função fundamental nesse processo de manutenção da identidade grupal. Apresentados como elo vivo entre gerações, são eles que transmitem a história de um passado vivido e experimentado. No meio familiar, os avós representam a imagem da união entre seus antepassados e seus descendentes. Nas palavras de Bosi: “As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de superar”. (1994, p. 423)

Com os olhos de quem já percorreu um longo caminho, os mais velhos voltam-se para o passado para construir, hoje, frente à modernização da sociedade e dos papéis familiares, um

modelo de família no qual evidencia-se a importância da sua presença como mediadores entre as gerações e como transmissores do valor social atribuído a essa instituição. Tomam para si a tarefa de preservar os “arquivos da memória familiar”, alguns deles encontrados nos álbuns de família. Caixas nas partes mais altas dos armários, álbuns nas estantes do escritório, envelopes e papéis empilhados dentro de gavetas, pacotes cuidadosamente amarrados com barbantes e guardados em cômodas pesadas são os espaços para preservar fotos, álbuns e outras tantas relíquias familiares: cartas, “santinhos”, medalhas, vasos, móveis. Todos juntos, são elementos a serem preservados e reunidos, compondo um pequeno museu da memória familiar.

João Carlos Tedesco, no livro *Usos de memórias: política, educação e identidade* (2002), revela que as lembranças acentuam a necessidade de caracterizar a vida dos avós como a fonte de transmissão de determinados bens simbólicos, que representam uma situação social e, ao mesmo tempo, uma ordem moral. Muitas famílias têm neles o início da trajetória da grande família; nesse sentido, falar de avós matriarcas ou avós patriarcas é falar em seu poder familiar, na capacidade de agregação de uma ampla rede familiar em torno de si, não apenas para festejar determinadas datas, mas também como um elemento de comunicação e de conhecimento entre membros de uma grande família. Esses bens simbólicos, contudo, não precisam representar, necessariamente, uma origem do *status* elevado na hierarquia social nem precisam ser objetos transferíveis de uma geração para outra. Quando uma avó ensina a neta a costurar, a cozinhar, a rezar, a viver, como ela própria aprendera com sua mãe ou avó, resume a importância desta(s) em sua vida. Esses bens são intransferíveis e esses momentos fazem parte de um processo de socialização, sempre presentes na lembrança dessas pessoas; são rituais de introdução na vida real e no mundo adulto.

Conforme Tedesco, a transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes situa a família como o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente o alvo e, ao mesmo tempo, o veículo da preservação dos valores familiares. Em torno dessa ideia de transmissão de valores, está presente a noção de um tempo que se repete, de um tempo cíclico. Para as pessoas, preocupadas em marcar seu lugar social e sua identidade pela inserção na grande família, o tempo do ciclo dessa instituição é a referência temporal. Há, assim, um plano moral que acaba por definir, também, a inserção das famílias na sociedade mais ampla, não em termos econômicos, mas como representantes de uma camada social que compartilha de um mesmo discurso de representação familiar.

Escreve Halbwachs que transmitir uma história, sobretudo a história familiar, é transmitir uma mensagem, referida tanto à individualidade da memória afetiva de cada família

quanto à memória da sociedade mais ampla, expressando a importância e permanência do valor dessa instituição. A importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de ele ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas. Os avós, que são as figuras fundamentais para a análise da representação da família, configuraram-se como responsáveis pela manutenção do valor-família. Assumem o papel de narradores da memória familiar, representam a figura fundamental para se compreender o que Halbwachs chamou de marcas visíveis do passado ou “museus de família”. (2006, p. 87)

Os avós reconstróem suas vidas, relembando a trajetória familiar e estabelecendo, na lembrança, o espaço da família e suas relações internas. A própria representação do grupo familiar e do parentesco sofre, assim, a marca do tempo. Na maioria das vezes, os limites de sua infância são traçados, no presente, com olhos e elaborações atuais que, embora possam ser explicados e racionalizados em razão das mudanças sociais, alteraram as representações dessas pessoas, aparecendo em cada etapa de sua vida com configurações diferentes. É nesse sentido que Halbwachs se refere à lembrança como reconstrução do passado, realizada com a ajuda de dados tomados do presente e elaborados em outros lugares, em outras circunstâncias, por outras reconstruções feitas em épocas anteriores, nas quais a imagem do tempo antigo já é algo bem alterado. Mais do que as etapas de formação da lembrança, Halbwachs fala do grupo social como lugar em que se desenvolvem as memórias coletivas e que fazem delas algo vivo e passível de transformação pelo desenrolar das mudanças do grupo. Assim, esses avós, ao reconstruírem suas histórias de vida, reconstróem, também, a história do modelo familiar, por meio de caminhos já marcados, ou seja, pelo acúmulo das experiências alcançadas que buscam transmitir aos mais jovens. Essas práticas culturais repassadas entre as gerações se constituem, historicamente, como parte do saber, da emoção e da partilha. À medida que a família cultiva valores, tradições e símbolos, de forma consciente ou inconsciente, passa a ensinar sua missão às gerações futuras, confiando-lhes a tarefa de manutenção e continuidade do grupo.

#### **1.4 Relembrar, narrar e ensinar: o idoso como fonte primária**

Um dos papéis sociais atribuídos ao idoso é o de ser a memória coletiva de seu grupo social, na arte de contar histórias e de transmitir seu legado cultural. A sobrevivência do passado depende, nesse sentido, das lembranças que emergem da memória e que são traduzidas para outrem. Na sociedade contemporânea, percebe-se que o passado, advindo de

uma história de vida ou mesmo de acontecimentos do cotidiano, é relativamente privado de expressão no meio social. (CORREA, 2010)

A sobrevivência do passado e do legado cultural depende das lembranças que emergem da memória e que são traduzidas para os seus. As lembranças, na maior parte das vezes, são despertadas quando provocadas por outro(s), em situações nas quais o sujeito é chamado a contar um caso, ou a história da família, ou, mesmo, para ajudar a relembrar e confirmar fatos passados. Dessa forma, a memória sempre se recompõe, o passado se atualiza e se presentifica na relação que se estabelece ao se narrar uma história. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. (BOSI, 1987, p. 17)

Apesar do que a cultura popular diz, debruçar-se na esteira do tempo que toma corpo nas memórias é realizar um trabalho político. Mais do que um devaneio fútil ou uma tentativa de preencher o tempo ocioso. Apropriar-se da memória e transmitir esse legado cultural é reconstruir o passado, dar-lhe a possibilidade de ser atualizado e narrado de uma forma diferente daquela contada nos livros. Mais ainda: é ter de volta o sentimento de pertença a uma história, ou, mesmo, à própria sociedade, sentimento que, muitas vezes, é expropriado daqueles que viveram e construíram a sociedade, cada qual à sua maneira.

Trabalhar com memória de idosos pode parecer, à primeira vista, um exercício óbvio, na medida em que um dos papéis atribuídos aos mais velhos é contar histórias de um passado considerado longínquo, seja da família, seja da cidade, seja de acontecimentos que marcaram uma determinada geração. Diz-se do idoso que ele é um saudosista, que vive das memórias de anos dourados de sua juventude e que sempre as evoca para confrontar o passado com os contornos do contemporâneo, muitas vezes valorizando o pretérito em detrimento do presente. É comum ouvir que o idoso é alguém que vive de lembranças, remoendo e degustando os anos que já se foram. Há, nesse sentido, até um ditado popular, segundo o qual “quem vive de passado é museu”, como se os idosos fossem meramente museus ambulantes extemporâneos, situados em um tempo que não o atual.

A atividade de recordar é exercida com feições diferentes em cada fase da vida. Quando crianças e adolescentes, aos sujeitos não há muito que ser lembrado da própria história de vida. Para o adulto ativo, a atividade de recordar é tida como uma fuga, ou contemplação nos momentos de lazer. Preocupado com sua vida prática, o adulto dificilmente se entrega à arte de rememorar. Essa tarefa – ser a memória da família e do seu grupo social – parece caber, então, ao idoso. É esta sua obrigação: “lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1994, p. 24). No entanto, se essa experiência for tomada como única possibilidade de vivência no

coletivo, a tarefa de lembrar pode se tornar aprisionadora para o sujeito e há o risco de se perder a dimensão política da reconstrução do passado.

Nesta pesquisa, percebe-se que o passado, advindo de uma história de vida do idoso ou mesmo de acontecimentos do cotidiano, é, muitas vezes, privado de expressão no meio social. Muitas das histórias consideradas “do arco da velha” permanecem guardadas num museu peculiar: seu próprio corpo. Passada a sua fase chamada produtiva no mundo do trabalho, ele pode se deleitar com a tarefa de recordar. Mas para quem ele o faz? Como pode exercer sua função social e política, quando suas lembranças se perdem numa linguagem discursiva que não encontra interlocutores? “Ele (o idoso) não pode mais ensinar aquilo que sabe e que custou uma vida inteira para aprender” (BOSI, 1994, p. 37). Em meio a uma sociedade que preza a velocidade, a aceleração do tempo e a compressão dos espaços, a experiência e a escuta narrativa parecem ter seu espaço demasiadamente reduzido.

A narrativa tem um veio forte de história oral, na qual verdades e mentiras se misturam entre as paixões humanas e o fantástico da vida. No entanto, as narrativas contemporâneas deram lugar à informação veiculada pelo jornal, que passa os fatos de forma “imparcial e verídica”. A necessidade de estar bem informado, criada pela cultura, leva o sujeito a um bombardeio de dados que somente têm valor no instante mesmo em que surgem. Passados alguns poucos momentos, eles se perdem e se esgotam, dando lugar a outras notícias mais recentes. Seus sentidos são muito restritos, diferentemente da narrativa, que permanece no tempo e é polissêmica, ou seja, seus significados não se consomem. A arte de narrar é um trabalho artesanal. Trabalho que, conforme Bosi, exige alma, olho e mão. É assim que o narrador transforma sua matéria – a vida humana: “seu talento de narrar vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo”. (1994, p. 49)

Além disso, segundo Hanna Arendt (1979), os legados de uma geração apenas podem ser transmitidos às gerações seguintes por meio da palavra, porque o que se pode transmitir é o sentido daquilo que foi vivido, e não a vivência concreta, que, aliás, o próprio sujeito também pode desconhecer, pois a lembrança narrada pode não ter sido uma vivência do indivíduo, mas uma situação social. Assim, pensando tanto na necessidade da apropriação da própria história, quanto na função social da transmissão da história da qual o sujeito é portador, torna-se necessário criar situações nas quais essas experiências vividas sejam lembradas, ressignificadas e contadas para os outros, ainda que os espaços para essas atividades estejam restritos atualmente.

A criação de um espaço para que as histórias de vida e a memória cultural venham à tona é uma iniciativa densamente rica e essencial. Para os idosos, constitui uma possibilidade de recapitulação das próprias histórias, que, muitas vezes, ficaram esquecidas por eles mesmos, além de uma oportunidade para terem interlocutores diante de si. Para quem escuta, é uma oportunidade de construir uma prática diferenciada, que permite a arte do encontro não só do passado com o presente, numa dimensão puramente temporal, mas um encontro geracional daqueles que possuem uma densa experiência de vida percorrida em diferentes situações com os que ainda estão no *intermezzo* da existência.

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento de paisagens caras, pelo desaparecimento de entes queridos, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (BOSI, 1994, p. 41)

Ao longo de nossa trajetória de vida, colecionamos diversas histórias que nos são contadas; vivenciamos intensos momentos que guardamos como relíquias de nosso passado e presenciamos acontecimentos que produzem marcas para além do tempo. Todo esse material se constitui, juntamente com outros elementos, em matéria-prima para a subjetividade. Lapidada pela ação do tempo e do espaço, essa matéria toma corpo na memória, tanto dos sujeitos quanto de seus grupos sociais.

Ao eleger a memória como ferramenta de trabalho com idosos, procura-se incitar a emergência das mais diversas lembranças de experiências ocorridas nas diferentes fases da vida, com o intuito de promover o resgate da história do indivíduo e de seu entorno. Exercitar a memória de pessoas dessa faixa etária, ao tomar histórias de vida, possibilita entrar em contato com o seu processo de construção identitária, pois, “refletindo todo um universo de representações e significados, a memória, atualizada pela categoria lembrança, constitui, ela própria, uma representação que os sujeitos fazem de sua própria vida”. (FERREIRA, 1988, p. 208)

Neste trabalho com o grupo de idosos, privilegiou-se um espaço no qual as experiências armazenadas na memória pudessem ganhar corpo e sentidos polissêmicos por meio da narrativa. A experiência narrativa, de acordo com Certeau (1994), é diferente de uma simples técnica de descrição. Segundo o autor, contar uma história é criar espaço para a ficção, é uma arte do dizer e do fazer a história. Essa prática implica uma relação indissociada do tempo, da noção de duração, da memória se presentificando no ato mesmo da fala: “o discurso produz efeitos ao querer dizer outra coisa do que aquilo que se diz; exerce sua



estratégia por um desvio pelo passado, recorrendo à memória como uma de suas táticas geradoras de sentido”. (MAIRESSE; FONSECA, 2002, p. 114)

Ao reler um livro ou rever um filme, o olhar sempre captura algo que antes não foi visto. Assim acontece quando um indivíduo recorda suas experiências passadas. É impossível recordá-las tal e qual aconteceram, no mesmo cenário e com as mesmas pessoas. Por isso, o trabalho de recordar é uma reconstrução de fatos da memória e da linguagem. Cada vez que uma lembrança é evocada, há a possibilidade de emergirem novos significados sobre o mesmo acontecimento, assim como outros sentimentos e sensações são despertados no trabalho de reconstrução da história, independentemente da objetividade que se queira dar ao relato.

A experiência narrativa recorre ao passado para lançar mão das histórias impressas na memória. E é por essa última que o passado se produz, não apenas como um antigo presente, mas também como algo que se constrói no próprio presente: “a memória se constrói no encontro com os acontecimentos, em seu instante ainda virtual, quase pronto para realizar-se. Assim, a memória consiste num meio de transformar os lugares” (MAIRESSE; FONSECA, 2002, p. 114). Essa arte de contar histórias é, pois, uma arte do encontro do que já passou com o que é atual; do encontro com a presença das ausências, com as diferentes gerações, com os fantasmas vagantes em algum lugar da memória; é o lugar das possibilidades de se produzir e transformar alguma(s) realidade(s): somente por meio da memória se pode atingir o passado, e este, não existindo como um antigo presente, somente se torna possível na condição de produção no presente, resgatado pelo imemorial. É somente a partir de hoje que se pode falar sobre o passado, e é implicado no presente e comprometido com o futuro que se faz valer o passado – um passado sempre a se refazer no presente.

Assim, pensando não apenas na necessidade da apropriação da própria história, mas também na função social da transmissão da história da qual o sujeito é portador, justifica-se este trabalho de pesquisa. Afinal, é necessário criar situações nas quais essas histórias, as experiências vividas, sejam lembradas, ressignificadas e contadas para os outros, em virtude da finitude natural dessas pessoas. Nessa visão, a cultura de um povo, para ser preservada na sua originalidade, ou para ser verificada na sua recriação em diferentes épocas, deve ser reconstruída e registrada enquanto viva na comunidade a que pertence.

## 2 INVENTÁRIO DA LEITURA NO BRASIL

“Pelo poder da palavra, ela pode agora navegar nas nuvens, visitar as estrelas, entrar no corpo de animais, fluir com a seiva das plantas, investigar a imaginação da matéria, mergulhar no fundo de rios e de mares, andar por mundos que há muito deixaram de existir, assentar-se dentro das pirâmides e de catedrais góticas, ouvir corais gregorianos, ver os homens trabalhando e amando, ler as canções que escreveram, aprender das loucuras do poder, passear pelos espaços da literatura, da arte, da filosofia, dos números, lugares onde seu corpo nunca poderia ir sozinho...  
 corpo espelho do universo!  
 Tudo cabe dentro dele!”

Rubem Alves

### 2.1 Memória: reconstrução da história da leitura

Os leitores do presente, herdeiros de uma longa história, incorporaram três inovações fundamentais em relação ao livro. A primeira diz respeito ao “códex”, material composto por folhas reunidas dentro da mesma encadernação, o qual, entre os séculos II e IV, foi substituindo os rolos lidos na Antiguidade grega e romana. A segunda inovação é oriunda de mudanças ocorridas nos séculos XIV e XV, época anterior a Gutenberg, quando houve a invenção de um novo tipo de livro, que continha, dentro de um mesmo objeto, obras compostas por um só autor ou somente uma obra, o que não era frequente naquele mundo clássico ou na tradição cristã. Por fim, no século XV, foi inventada a imprensa, que se tornou a técnica mais utilizada para a reprodução do escrito e a produção dos livros.

As diferentes relações estabelecidas pelos homens com os livros e a leitura ao longo do tempo têm uma história a ser contada, entendida e refletida. Achar que a relação entre leitura, impressão e publicação deveu-se somente à invenção de Gutenberg, embora de fundamental importância, conduziu à reflexão sobre outras maneiras de publicação. Em países como China e Japão, livros foram gravados em madeira; os coreanos imprimiam seus textos em caracteres de metal. A publicação em larga escala veio apenas a partir de uma técnica usada no Ocidente, a impressão em blocos.

Márcia Abreu, no livro *Leitura, história e a história da leitura* (1999), afirma que a publicação de um texto, mesmo no mundo ocidental, não implicava necessariamente sua impressão. As cópias manuscritas, depois do invento da impressão, ainda circulavam entre um número limitado de escritores, como panfletos políticos, folhetos informativos com conteúdos proibidos, composições poéticas escritas por “escritores não profissionais” ou trabalhos eruditos dos membros da República das Letras, que tinham valores em comum e desprezavam

o comércio livreiro que corrompia os textos, preferindo, assim, a circulação manuscrita de seus trabalhos a um público seletivo.

Lembra Abreu que, em oposição ao “etnocentrismo da leitura”, não se imaginava de maneira alguma um leitor silencioso e solitário, pois os textos, na época, eram planejados para serem lidos em voz alta e compartilhados com o público ouvinte, atendendo, basicamente, a dois propósitos: o primeiro, com uma função pedagógica, era demonstrar o domínio de retórica e a capacidade de falar em público; o segundo visava a colocar o texto em circulação, “publicá-lo”. Porém, a necessidade de imprimir acabou se tornando uma imposição, o que possibilitou aos leitores – em quantidade muito mais expressiva – ter acesso ao maior número possível de livros. A invenção e a difusão dos livros impressos provocaram “revoluções na leitura”. O processo da leitura oral para a silenciosa chegou primeiro entre os leitores ocidentais, restrita aos escribas monásticos, estendendo-se às universidades entre os séculos XI e XIII, para somente a partir do século XIV se tornar prática comum entre cortesãos e aristocratas laicos.

O crescimento na produção dos livros, a multiplicação e a transformação dos jornais, o triunfo das obras de pequeno formato e a proliferação de instituições como bibliotecas de empréstimos, clube do livro, sociedades de leitura tornaram possível ter acesso a tais materiais sem que, obrigatoriamente, precisassem ser comprados. Novos gêneros textuais e novas práticas de leitura foram incorporados. Os textos eram lidos, relidos; vivia-se o texto; os leitores identificavam-se com a trama, com a sensibilidade; principalmente nas leitoras, afloravam emoções e lágrimas. Destaca Abreu que estas, com frequência, tomavam de suas penas para expressar seus próprios sentimentos ou para escrever ao autor como diretor de consciência e guia de suas vidas.

Já em meados do século XIX, o desenvolvimento de escolas, o aumento das taxas de alfabetização e a diversificação da produção impressa permitiram novas práticas e novas categorias de leitores: mulheres, crianças, trabalhadores. A cultura compartilhada, fruto da alfabetização disseminada na Europa nos anos 70 e 80 do século XIX, dentro e fora das escolas, deu lugar a uma ampla diversificação das práticas de leitura da sociedade contemporânea, entrando na era da sociologia das diferenças. (ABREU, 1999)

O século XX marca outra revolução na leitura, quando a transmissão eletrônica de textos transformou a noção de contexto, ao substituir a estrutura de livros, jornais, revistas, por arquivos eletrônicos, arquiteturas lógicas que regem bancos de dados e sistemas de processamento, tornando possível o acesso à informação. Acontece, nesse momento, uma reorganização da economia da escrita: conceitos jurídicos, categorias estéticas, noções

administrativas e instrumentos bibliográficos foram reformulados em detrimento dos textos eletrônicos, bem como a recepção e a capacidade de intervir no livro e de tornarem-se coautores, podendo modificar e reescrever o texto a qualquer momento. Conforme Abreu, porém, “temos de lembrar que somente preservando o entendimento da cultura impressa poderemos saborear completamente a ‘felicidade extravagante’ prometida pelas invenções tecnológicas”. (1999, p. 31)

Ao longo dos séculos, o estatuto simbólico da leitura, as funções dos “letrados”, as finalidades e os usos práticos da leitura mudaram. As características das culturas oral e escrita modificaram-se. O *corpus* frequentado e a maneira de ler constroem variados hábitos de leitores, de modo que, em cada etapa da história, houve mudanças na aprendizagem da leitura e da escrita. Abreu aborda a história da leitura escolar numa perspectiva da história cultural, questionando a oposição clássica entre oralidade e escrita, segundo a qual aquele que aprende a ler passaria do mundo da cultura oral ao mundo da cultura escrita.

Centrando atenção no domínio francês, a autora apresenta três momentos-chave dessa história. O primeiro momento aconteceu no final do século XVII, quando o francês Jean-Baptiste de La Salle criou um novo tipo de escolarização, com vistas aos setores populares urbanos – os artesãos e pequenos negociantes –, focando o conhecimento na leitura, na catequese, na escrita, na aritmética e na contabilidade. O segundo momento aconteceu entre 1833 e 1842, quando as escolas, controladas pelo Estado, visavam a uma alfabetização em massa e a uma pedagogia da escrita primária, ultrapassando a cópia de textos para chegar a um “saber dirigir”, restrito, na época, aos filhos de notáveis. O terceiro momento coincide com os anos precedentes à Grande Guerra, quando foram assegurados a todos os alunos pelo menos cinco anos de estudo, concebendo um currículo em que se colocavam as bases de uma nova cultura escolar.

A leitura e a escrita foram pensadas, também, como meios de adquirir outros conhecimentos, mudando a concepção de mundo. As crianças do campo e da burguesia urbana tinham como referência grandes textos da literatura nacional, nos liceus e nos colégios. Na alvorada do século XX, iniciou-se um debate sobre a maneira de ler e escrever, de entender e memorizar que podia fundar a cidadania da elite e do povo.

Escrever, ler e contar eram competências claramente identificáveis e constantes na longa duração dos estudos pioneiros sobre alfabetização. A aprendizagem precoce da língua era uma obrigação para todos, desde as práticas jurídicas, aos escrivães, aos meros padres. Escolas para as crianças das elites constituíram um currículo em torno do que era sua língua de trabalho, a língua da cultura. As preocupações com a escrita ficavam sob responsabilidade

das famílias a partir do sexto grau. A leitura dos textos não era um fim em si, mas uma preliminar à escrita, pelo fato de todos frequentarem o mesmo *corpus* de referências, conhecerem os mesmos lugares. A necessidade de escrever estava com os comerciantes, pois precisavam fazer a escrituração comercial e corresponder-se com clientes e fornecedores. Aos poucos, no final do século XVIII, a cultura e os saberes foram se estruturando e normalizando, através do aparecimento dos professores, cada vez mais eficazes.

De acordo com Abreu, um terceiro modelo relacionado à escrita surgiu a partir do século XVI, quando as igrejas e os dogmas estavam divididos, pois não bastava batizar a criança, sendo preciso formá-la, instruí-la na religião. Foram feitos manuais, guias para aqueles que ensinavam, onde as orações e os principais elementos das doutrinas eram colocados em forma de perguntas e respostas alternadas. Essa prática de escuta, memorização e recitação era uma iniciação à cultura escrita. O livro do mestre tornou-se o livro do aluno, e os pequenos catecismos tornaram-se livros de leitura, salientando-se que as escolas figuravam como lugar comum para a formação cristã, uma cultura católica mínima, ancorada nos saberes da escrita.

No século XVIII, o novo modelo de escolarização criado por La Salle, do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, garantia uma escola gratuita e moderna, com o mérito de atender, ao mesmo tempo, aos projetos educativos da Reforma Católica e às expectativas profanas das camadas populares, proporcionando conhecimentos utilitários aos menos favorecidos. A escola gratuita para todos, a escola moderna, a exigência da frequência de vários anos, o privilégio não apenas da língua latina, mas também da língua francesa, a lentidão na aprendizagem, a passagem por todas as classes de leitura – o primeiro, o segundo, o terceiro livro, o Saltério, a Civilidade, as cartas escritas à mão – não eram um obstáculo, e sim uma vantagem que prolongava o processo de escolarização, pois os alunos entravam na classe da escrita e depois do cálculo, somente aos dez anos. Essa divisão do trabalho permitiu acolher grande número de alunos, favorecidos, ainda, pelo material pedagógico padronizado: quadros de letras e sílabas impressos, manuais idênticos.

Nesse ínterim, aparece o papel do professor com o objetivo de cuidar da instituição e do bom desenvolvimento das operações. As intervenções do professor eram poucas, na medida em que os melhores alunos eram modelos para os mais fracos. A sucessão de ler-escrever-contar poderia ser separada da religião, o que implicava grande preocupação, pois a escola era ritmada pelos rituais religiosos com orações cotidianas ao começo e término das atividades, com assistência regular à missa, calendário litúrgico dos domingos e feriados.

A alfabetização generalizada proposta pela Igreja Católica não foi aceita no século XIX, após a Revolução, tendo em vista que, dentro do partido da Ordem, vozes afirmavam que, quanto menos instruído o povo fosse, melhor seria para governar. Afinal, se o povo fosse ignorante, o terreno para os regimes tirânicos estava preparado, o que garantiria o sucesso das doutrinas subversivas. O esforço escolar do século XIX consistia em promover uma pedagogia que não se limitasse à leitura, mas que a ligasse à escrita, passando por transformações. A primeira seria o uso de novas técnicas de escrever, dado pela substituição da pena de ganso pela pena metálica, pela abundância de papel barato, pelo uso de giz e lousa para os iniciantes, tornando-se, mais tarde, por volta de 1880, uma “forma ordinária de escolarização”. O segundo ponto afetou os conteúdos, remetendo a preocupações com a simultaneidade da leitura e da escrita conduzida aos estudos dos elementos da língua francesa e com a ortografia, com a gramática. Os professores adotaram práticas que permaneceram até o século XX: ditado de textos, conjugações, análise gramatical, exercícios sobre as quatro operações, problemas de aritmética, cópias de textos (resumos de história e geografia) e prova escrita das lições. O domínio da escrita levou a uma terceira inovação: aprender a redigir textos, o que era reservado apenas a alunos dos liceus ou dos colégios acostumados a traduções e retóricas da humanidade clássica. Eram comuns nessa época exercícios como as ampliações, em que fragmentos de um autor eram selecionados e, logo em seguida, ampliados, na tentativa de se imitar o seu estilo.

Segundo Abreu, os discursos de Cícero, as histórias de Tito-Lívio, a poesia de Virgílio influenciaram a retórica, e os “lugares-comuns” aprendidos foram levados para a arte de pensar e escrever. Os professores foram submetidos aos testes do bem redigir sobre um determinado assunto, para poderem assumir as escolas. Voltar-se para a formação do professor era uma prioridade, na medida em que – acreditava-se – se ele redigisse bem os alunos também o fariam. Outros processos de escrita foram adotados, como a liberdade de não mais imitar os grandes autores, sendo possível ao aluno expressar, de formas diversas, seus sentimentos, seus pensamentos. Porém, por muito tempo, foram introduzidos, além da trilogia de saber ler-escrever-contar, novos conteúdos para dominar a língua francesa, programas de saberes científicos e exercícios da redação em grande escala.

A escola tornou-se gratuita, obrigatória e laica, sob a influência da Terceira República. As pressões políticas que os padres e os prefeitos faziam sobre os professores “não mais existiam”. No início do século XX, quando as medidas administrativas e os investimentos financeiros eram voltados para a formação docente, vários projetos pedagógicos coexistiram. Os alunos possuíam um “livro de leitura”, reunindo saberes que julgavam úteis ao escolar:

instruir e educar. Cumpriam um ritual de leitura em voz alta; em seguida, respondiam a perguntas feitas pelo professor, cuja complexidade aumentava à medida que avançavam nos cursos, do médio ao superior.

A leitura segue caminhos com suas finalidades antigas – o escrito-memória e o escrito-ferramenta – e, depois, com suas finalidades modernas da leitura-saber (a enciclopédia) ou da leitura edificante (o relato moralizador), a leitura pelo amor ao texto, que somente a Literatura legitima. Cabe ressaltar que esta tinha um efeito considerado perigoso, visto que a possibilidade de o leitor ler sem a companhia do seu mestre, na solidão, contribuía para que se deixasse influenciar por textos imorais, subversivos, romances, ensaios políticos, criando consciência e libertando-se.

Por isso, os grandes escritores deveriam constar em todos os programas dos seus liceus, das escolas públicas. A Igreja Católica reivindicava ser a religião a grande força. O Estado, neutro em todas as religiões, furtava-lhe o diretório de todas as almas e das inteligências. Como não era possível voltar ao século passado, era preciso dar a ler o século das luzes (Voltaire e Rousseau) e mesmo o século XIX. A literatura oferecida era de múltiplas reflexões e identificações, transparecendo todas as faces da história literária nacional, sem ultrapassar os limites que exige a laicidade. Ressalta Abreu que a ciência pode instruir as inteligências, exercitar a razão e fazer acreditar no progresso, mas não pode formar, ao mesmo tempo, a sensibilidade e a consciência moral. A leitura, assim, foi marcada por dois momentos importantes: o da Primeira Guerra, quando houve um recuo ao modelo catequético da leitura em voz alta ou do decifrar; e o que veio após a Segunda Guerra, quando estava presente a leitura silenciosa, com alunos avançados no ato de ler e com o modelo cultural de leituras literárias de textos que eles podiam entender, compartilhar e aprender dentro e fora da escola.

## **2.2 O uso dos livros pelos leitores**

O uso dos livros da América Portuguesa, num período que se estende do século XVI até a independência, foge a marcos cronológicos e espaciais muito limitados. Nesse espaço de tempo, amplo foi o número de livros tratados de forma comum, não havendo preocupação de investigar as maneiras pelas quais se davam as leituras, nem a interpretação precisa que os leitores faziam de cada texto. Os livros – onde se inclui toda sorte de impressos – eram tidos como objetos de leitura, fontes de conhecimento, de deleite, meios de acesso ao sagrado e elementos de ornamentação, figurando como fator de poder; contribuindo para questionamentos ou para reforçar a ordem política, sexual, religiosa ou econômica, nos

âmbitos privados ou públicos; definindo relações de saber, poder e prazer, além de redes de sociabilidade. Ao contrário do que se pode imaginar, os livros não eram tão universais, pois, em algumas sociedades, como a Chinesa e a Coreana, eram reservados ao uso exclusivo do soberano.

Na América Portuguesa, conforme estudos de Villalta (1999), havia poucos livros, e os proprietários tinham uma quantia reduzida de volumes. As obras referiam-se à religião e à literatura, destacando-se *Flos Sanctorum* e *A Diana*, obra luso-castelhana de projeção europeia. A França Antártica foi a exceção no quadro de poucos livros. Os de inspiração calvinista foram encontrados pelos portugueses na colônia francesa durante a ocupação portuguesa, tendo em vista que alguns autores usavam os livros para ensinar a “seita luterana” e realizar cerimônias religiosas, como foi o caso de Pero Vila Nova, ao estabelecer-se na Bahia. O autor ressalta que o proprietário do maior número de livros, no século XVI, não foi português nem francês, mas provavelmente um italiano, estabelecido em Ilhéus, na Bahia, chamado Rafael Olivi, dono de 27 volumes. A modéstia das bibliotecas familiares e individuais encontrava, nos séculos XVI e XVII, contraponto nos colégios jesuíticos, que, na Bahia, contava com 3.000 volumes; no Rio de Janeiro, com 5.000; e no Pará, com 1.263. Os livros em circulação eram os literários ou de cunho religioso, fontes de conhecimento e acesso ao sagrado, com o propósito de atender à rotina dos colégios jesuíticos.

A partir do século XVII, houve uma mudança no que diz respeito à posse dos livros e à composição das bibliotecas. A propriedade tornou-se mais disseminada, e as livrarias abriam espaço para as ciências e os saberes profanos, perceptíveis nos títulos das obras. Contudo, a venda de obras devocionais ou religiosas predominava. O aumento dos livros foi favorecido pela constituição de uma civilização urbana e pelo aumento no nível educacional. Outro fator importante consistiu na elevação da cidade do Rio de Janeiro à condição de capital, aumentando o número de pessoas envolvidas no setor de serviços e com formação superior, de modo que a leitura era exigência do próprio exercício profissional. Os proprietários de livros representavam, no entanto, parcela insignificante da população. Segundo Villalta,

a posse dos livros concentrava-se entre os detentores da propriedade de terras e escravos, marcadamente entre aqueles que a conjugavam à dedicação, à carreira sacerdotal, ao direito, à cirurgia e à farmácia ou, ainda, ao comércio, à navegação, aos estudos, às atividades militares e ao exercício de cargos públicos. (1999, p. 189)



Complementando a afirmação do autor, ressalta-se que as maiores bibliotecas pertenciam aos que se dedicavam ao direito e ao sacerdócio.

O interesse pelas ciências físicas e naturais era evidenciado pela presença de obras de Isaac Newton, Bezout e Euclides Megarense. Ampliaram-se o leque de escritores das belas artes e a existência de livros ilustrados, muitos deles proibidos pela censura portuguesa. Os belettristas citados por Villalta são Fénelon (*As Aventuras de Telêmaco*), Camões (*Os Lusíadas*), Homero, Horácio e Cícero, Willian Shakespeare, entre outros; já entre os ilustradores, são lembrados Voltaire, Willian Robertson, Teodoro de Almeida, Montesquieu e Mably. Ressalta, ainda, o autor que as desigualdades relacionadas à propriedade dos livros e à capacidade de ler, bem como a dificuldade dos humildes em acessar o saber livresco, tornavam-no um signo de poder e reforçavam seu prestígio social, juntamente com os demais elementos materiais passíveis de ostentação, como joias, louças e pratarias, privilégios de poucos. O formato dos livros também ganhava relevância entre o parecer e o ser, conferindo importância visível aos seus proprietários. Contudo, os impressos baratos permitiam à população a circulação de estampas e novenas religiosas, auxiliando os fiéis a praticar as devoções e assistir aos ofícios sagrados, além de contribuir na preparação para o sacramento da penitência. Cita Villalta que os impressos religiosos de maior circulação para todos os cantos da América Portuguesa foram os livros de Santa Bárbara.

Os livros prestavam-se ao sagrado ou, ao contrário, eram extremamente mundanos. Nas viagens, como exemplifica Villalta, somavam-se à mulher, aos filhos e à família, sendo exigência particular de alguns desembargadores e doutores. Tais objetos operavam, também, como ornamentos, de modo que algumas obras tiveram títulos dourados impressos na contracapa, pois os aspectos materiais eram importantes. Foram igualmente reconhecidos pelos leitores como fontes de conhecimento, subsidiando o exercício das atividades profissionais e acadêmicas, os propósitos de cunho político e doutrinário, que iam da defesa das ideias até a subserviência à realeza. A última forma que se alia ao uso dos livros está vinculada ao desejo literário. Por fim, outra fonte oculta foi, talvez, a rede de sociabilidade da qual o livro era a base.

É importante mencionar que a censura sempre se fez presente, impedindo a circulação de alguns “conhecimentos”. Se o pedido de circulação não era aceito, outros livros com acesso ao divertimento eram marcados, também, para o exercício do poder. Na literatura, era explorada, por meio de personagens, a figura do bom governante, as ideias que precisavam combater, municiando-se contra os adversários, como exemplifica o livro *Cartas chilenas*, no qual a personagem Fanfarrão Minésio satiriza o governador da capitania de Minas Gerais.

Assim, na passagem do século XVIII para o século XIX, o livro chega como fonte de saber, meio de acesso ao sagrado, objeto de entretenimento, mas ainda como privilégio de poucos, de grupos seletos e determinados.

O perfil do novo leitor do século XIX está presente nas bibliotecas particulares, influenciadas pela cultura francesa. Transformações no gosto e nas preferências passam a ser sentidas, dando espaço a uma literatura mais leve e atribuindo uma crescente importância ao inglês como língua alternativa aos profissionais egressos das faculdades brasileiras. Bibliotecas particulares e iniciativas como associações culturais crescem. Conjuntos de obras compradas, doadas ou leiloadas são incorporados às bibliotecas públicas e servem para a (trans)formação de uma nova camada de letrados da população brasileira.

### 2.3 O livro e a leitura a serviço de quem?

Ao tratar sobre os modos de ler as belas artes, afirma Abreu (1999) que ainda é uma incógnita a maneira como se liam os textos no passado, bem como a função específica da leitura, sendo difícil definir para que ela servia. Padre Sacchini, segundo a autora, aborda a questão da finalidade da leitura com muita clareza: primeiro para formar o estilo e segundo para adquirir conhecimentos. Ela destaca, ainda, que há três funções para a leitura – formar um estilo, instruir e divertir –, porém desqualifica uma delas, afirmando que a leitura que interessa não é a que diverte, mas a que é formada. A preocupação dos autores, quando se referem aos leitores, não é com “a grande leitura que é necessária, mas a boa” (ABREU, 1999, p. 215). Assim, a vulgarização da leitura é vista com inquietação:

Todo mundo lê. É a ocupação ou divertimento ordinário da vida. Os jovens como os velhos, as mulheres igualmente os homens, os ignorantes assim como os sábios, abandonam-se com mais ou menos ardor, segundo suas capacidades, seus gostos e seus estados. O número de leitores efetivamente aumentou consideravelmente nestes últimos séculos. (BOLLIOUND-MERMET apud ABREU, 1999, p. 215)

Abreu revela, igualmente, que, real ou não, a premissa de que “todo mundo lê” importa para que se perceba que o ingresso de novos autores num mundo letrado tem como correlato desejo de operar entre “ignorantes e sábios”, entre “boas” e “más” leituras, maneiras corretas e incorretas de ler. A capacidade e a oportunidade de ler não poderiam borrar as distinções entre pessoas comuns e “pessoas de espírito”, colocar o leitor com novas formas de texto, como faz o gênero romance, que suscita uma nova modalidade de leitura: uma leitura

extensiva, que o põe em contato com uma infinidade de textos, permitindo tanto a prática em voz alta (feita pela mãe) quanto a silenciosa e recolhida.

De acordo com alguns autores, há regras e tratados de como ler um texto, chegando a detalhar o método a ser seguido nas anotações: observar a estruturação dos textos, as divisões e subdivisões a que o autor os submete, o assunto, os princípios, as induções dele extraídas, a justeza e a disposição da matéria, a relação entre as partes e seus efeitos. Esses são passos para ler os melhores autores “dos quais se podem gostar sem temor de se equivocar” (1999, p. 220). O tratado ocupa-se, também, das leituras feitas com o objetivo de “adquirir conhecimento” e de “ornar o espírito”.

Formar o gosto é ler os melhores autores, por isso a importância de saber quem eles são, informar-se sobre sua época e sua vida, ler dedicatórias e prefácios para conhecer o motivo que os levou a escrever, entender o plano de divisão do trabalho, bem como ler os resumos que precedem cada capítulo, os títulos e as notas (BIRON apud ABREU, 1999, p. 221). Essas atividades que antecedem o contato com o texto compõem o julgamento. Sobre o assunto, destaca Baedou-Duhamel (apud ABREU, 1999, p. 222) que não se pode julgar com base em critérios subjetivos, senão no critério de uma obra que se lê. Já Batteux (apud ABREU, 1999, p. 223) discorre sobre a razão e o sentimento, sobre conhecer e apreciar, valorizando-os sobre o sentido de fruição e ressaltando que a leitura é uma atividade do espírito, de modo que somente o conhecimento pode levar à percepção plena da matéria. Fazendo coro com os demais autores, Abreu lembra que a leitura de uma obra não deve ser calcada nas experiências cotidianas, mas medida por um conjunto de textos que regula as possibilidades de interpretações que não são óbvias para as pessoas comuns.

Os tratados do início do século XIX entram em declínio, os protocolos de leitura perdem espaço e começam a florescer publicações de histórias literárias, que tomam para si a tarefa de selecionar, hierarquizar e propor modelos de avaliação para os textos literários. Aproximando-se dos tratados, estes se destinam à formação do gosto e dão como fundamento um modelo de excelência ao qual devem ser comparadas as diversas produções literárias. No Brasil, os livros submetidos à Mesa Real Censória Portuguesa eram encontrados com facilidade, principalmente no Rio de Janeiro, contextos que podem ser considerados clássicos, tendo em conta sua destinação escolar, seu desejo de formação do gosto das elites e a centralidade dos greco-latinos, propostos como modelo. Os textos preferidos eram os romances e as novelas, seletas, como *Selecta Latina*, excluindo qualquer tipo de texto integral de autores da Antiguidade.

A discrepância entre os modelos difundidos pela escola e pelos homens eruditos e o gosto da maioria pode ter contribuído para a difusão da ideia que os brasileiros não se interessavam pela leitura. Cabe ressaltar, nesse sentido, que tal desinteresse era dirigido a um tipo peculiar de texto e não ao conjunto das obras de belas artes. Essa observação levanta suspeita sobre a relevância de obras atualmente tidas como menores para circulação de conceitos e para a produção literária no início do século XIX. Segundo Lajolo e Zilberman (1996), por volta de 1840, no Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passaram-se a exibir alguns traços necessários para a formação e o fortalecimento de uma sociedade leitora, não obstante a existência de mecanismos mínimos para a circulação da literatura, como tipografias, escolas, bibliotecas. Diante de um público incipiente, afirmam as autoras, os escritores tomavam certos cuidados na produção das obras, para que este não sentisse a menor dificuldade, garantindo, assim, a continuidade da leitura, a cumplicidade com a obra lida, pois, naquele período, ao leitor se contava “em segredo os acontecimentos da trama” (1996, p. 20). O escritor Machado de Assis criava cenários nos quais autor e leitor compartilhavam ambientes comuns, íntimos e propícios para desafiar as histórias, ficcionais ou verdadeiras, criando familiaridade entre aquele que conta e aquele que se deseja atento. Apesar disso, nem sempre a familiaridade acontecia, visto que apareciam descaminhos e o leitor, por vezes, não era um modelo exemplar.

Machado de Assis não buscava, contudo, o leitor exemplar; queria um leitor mal comportado que não se deixasse consumir pela febre romântica, mas que construísse seus próprios caminhos, comportando-se de maneira diferenciada diante das situações que a leitura impunha. O leitor, também definido como um aprendiz, deveria estabelecer um diálogo com a narrativa, com o autor, para entender a constante intertextualidade que o texto apresentava. Segundo Lajolo e Zilberman, a literatura brasileira, no século XX, foi assumindo uma crescente perspectiva social, voltada à revelação das mazelas do país, ao tomar para si a tarefa de tirar a máscara dessa sociedade que vivia sob forte regime militar, uma sociedade insatisfeita, fatos revelados por autores como Erico Verissimo, em *Incidente em Antares*, 1971; Ignácio de Loyola Brandão, em *Zero*, 1975; e outros, como Fernando Gabeira, Tabajara Ruas, Antônio Callado, Darcy Ribeiro, que denunciavam a injustiça social, os grupos dominantes no poder, do político ao policial, passando pelo literário.

Nas palavras de Lajolo e Zilberman, são “os papéis do narrador e do leitor que mimetizam, na intimidade do texto, a natureza comunicativa da leitura” (1996, p. 56). Nesse sentido, a literatura encontra razões de sua existência por meio do narrador-leitor, cujas estratégias culturais são a contrapartida de situações culturais históricas, condições de

existência da literatura. Por fim, salienta-se que as novas questões da literatura, como a legibilidade das obras, asseguram sua venda, sua circulação e seu consumo.

#### 2.4 A leitura na escola

Pondera Abreu (1999) que a escola, no Brasil, por volta dos anos de 1920, queria distinguir-se do ensino tradicional até então vigente, baseado na memorização de conteúdos, e introduzir em seu bojo a intenção de vivificar o processo, com excursões, trabalhos em grupo, realização de experiências para tornar o ensino mais atraente e eficaz. Nessa busca, o livro sempre teve um papel importante, e a diferença na proposta era a “nova” maneira de utilizá-lo. A leitura, nesse ínterim, era uma tarefa relevante, pois se relacionava com a possibilidade de alargar a experiência individual do leitor e de produzir novos saberes. Procurava-se determinar a melhor forma de ler, fosse essa leitura silenciosa ou oral, o que exigia dos alunos o acompanhamento de diferentes ritmos, ora mais rápidos, ora mais lentos. Tal prática habilitava o leitor sobre o conteúdo e também era chamada de leitura inteligente. Paulatinamente, o aluno era conduzido a um hábito, intensificando a leitura silenciosa, a mais usada no decorrer da vida. As habilidades, no entanto, deveriam priorizar uma leitura correta e eficiente para dar sentido a sua produção escrita.

A leitura assumia um papel de destaque na formação intelectual do educando, e o livro passava a ser visto como fonte de experiência. O material didático tornou-se objeto de investigação no que se refere à qualidade. As bibliotecas escolares também se transformaram em alvo de mudanças, constituindo-se em lugares agradáveis, com livros selecionados ao alcance das mãos, leitura ao contato do aluno. O livro deveria ser amado, conquistado pelo leitor, transformado em instrumento de deleite e de trabalho. Contudo, o regulamento das bibliotecas versava somente sobre a conservação dos materiais, organização, ordem e asseio, além de atendimento a professores e alunos, eis que os livros estavam sob sua guarda.

Lajolo e Zilberman (1996) abordam questões referentes aos direitos autorais dos escritores, afirmando que o livro como mercadoria ou objeto industrializado, submetido à compra e à venda, fazia parte dos mecanismos do capitalismo, em cujo início somente ilustradores e livreiros eram beneficiados, de modo que somente mais tarde o escritor passou a ter privilégio sobre a própria obra. Abreu enfatiza que o melhor comércio de livro no Rio de Janeiro, capital da república, estava centrado na Livraria Garnier. Reinaugurada em 1901, catalisava os maiores homens de letras do período, fazendo surgir o *Almanaque Garnier*, em 1903. Foram notáveis como Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Joaquim Nabuco, José

Veríssimo, Olavo Bilac, entre outros, que deram corpo e substância às páginas do *Almanaque Brasileiro Garnier*. Ao lado dos brasileiros, estavam as traduções de celebridades literárias como Defoe, Flammarion, Julio Verne, Robert Southey e outros.

Segundo Dutra (1999), a cada número do *Almanaque*, pela penetração geográfica, pelo crescimento do público leitor e sua diversidade, pela difusão da imagem do veículo por uma leitura culta, crescia a ambição de formar o seu público leitor. Para compor esse público especial, prescindia da existência de uma inteligência nacional de seus homens de letras e de um repertório de sua melhor literatura. As leituras indicadas eram aquelas que faziam o leitor conhecer o Brasil para dele construir uma imagem global: para que se pudesse responder ao questionamento sobre o que é o Brasil e o que é ser brasileiro, era preciso “ler o Brasil”. Havia, também, no *Almanaque Garnier*, o cultivo pelo uso da língua nacional, ressaltando as habilidades do léxico, o estilo no que concerne à obediência gramatical, à concordância verbal, à colocação de pronome, à ortografia, e as questões de gramática, além do recurso didático-pedagógico. Páginas eram dedicadas à geografia, com mapas, dados estatísticos e outros que retratavam o Brasil, modelando sua imagem de uma natureza generosa e fulgurante, a grandeza de uma nacionalidade futura e promissora. As discussões sociológicas e etnográficas sobre a origem e a identidade étnico-racial do homem brasileiro estavam, igualmente, em pauta no *Almanaque*. Porém, o seu editor queria mostrar que a nação possuía uma vivacidade na vida econômico-industrial, política e cultural, o dinamismo dos tempos, o progresso técnico, científico, cultural, industrial, em contraponto aos ideais republicanos. São citados grandes nomes como sinalizadores da moderna civilização brasileira, como Santos Dumont, Carlos Chagas, Vital Brasil, Osvaldo Cruz e outros. O *Almanaque Brasileiro Garnier*, conforme Dutra, servia ao povo como a materialização de sua identidade, pelo conjunto de ideais de cultura, de ciência, de literatura, das artes, da curiosidade, podendo transcender ao universal e buscar a civilização.

## 2.5 O livro didático

Lajolo e Zilberman (1996) afirmam que, por um lado, o livro didático é o “primo pobre” da literatura, pois é texto para ler e botar fora, descartável, anacrônico – porque, ou ele fica superado, dados os progressos da ciência a que se refere, ou o estudante o abandona, por avançar na educação –, tendo, portanto, prazo de validade. Por outro lado, advertem as autoras que ele é o “primo rico” das editoras, na medida em que conta com o apoio do sistema de ensino e o abrigo do Estado, sendo aceito por pais e educadores. O livro didático, no entanto,

interessa a uma história de leitura, porque, dentre outras formas escritas, propicia formação ao leitor, nas cartilhas e nas seletas, quando da aprendizagem da tradição histórica, servindo, também, como manual para reconhecimento e para a profissionalização adulta, na universidade.

Nessa linha de pensamento, Munakata (1999) defende que o uso do livro didático, numa situação trivial de ensino-aprendizagem, requer pelo menos dois leitores permanentes, o aluno e o professor, estabelecendo este uma relação de poder sobre aquele, haja vista que é ele que “escolhe” o livro a ser lido. O livro didático está sujeito a várias práticas, ao controle de quem o produz – editores, autores, governantes. Segundo Munakata, a partir de 1996, o governo federal, por intermédio de uma equipe formada pelo Ministério da Educação (MEC), passou a encaminhar os livros didáticos enviados pelas editoras para análise de um novo grupo de leitores e dos avaliadores. De acordo com Lajolo e Zilberman, as condições mínimas da existência do livro didático passam por duas etapas: a primeira, herdada da Antiguidade e com características do mundo ocidental, diz respeito a uma política educacional de produzir livros para estudantes e professores usuários desse instrumento; a segunda, por sua vez, está relacionada à infraestrutura tecnológica, eis que eram necessárias tipografias e editoras para imprimir o material didático para docentes e discentes em sala de aula. A imprensa expandiu-se e aperfeiçoou-se, em decorrência da Revolução Industrial, que encontrou na fabricação de livros e impressos umas das oportunidades de ganhar dinheiro, juntamente com o desenvolvimento de uma política, a economia, gerenciada pela classe dominante de um povo. O livro didático nasceu sob o abrigo do Estado, a quem se sujeitava, contudo, era uma maneira de se fazer circular os textos na escola e fora dela.

A história relata a chegada da corte portuguesa ao Brasil, por volta de 1808, por meio nada convencional. Como explicam Lajolo e Zilberman, nessa ocasião, foi instalada a Imprensa Régia, na condição de monopólio do governo, com a marca forte de censura governamental. Somente a partir de 1821, em decorrência da Constituição imposta por Dom João, foi abolida a censura e teve fim o monopólio estatal, o que possibilitou o funcionamento de outras tipografias e o crescimento de outras leituras. Num país de poucas leituras e pouco consumo das letras, estabeleciam-se, porém, outros problemas, tais como a manutenção das fábricas e a luta para impedir o contrabando do material estrangeiro, concorrente da produção nacional. No entanto, ainda que com as dificuldades elencadas, outras publicações foram tomando corpo de jornais e livros nas mais diversificadas áreas, além de obras didáticas nos campos de ciências humanas, línguas, gramáticas, preceitos de retórica, literatura infantil. O

primeiro livro editado chamava-se *Leitura para meninos*, de José Saturnino da Costa Pereira, em 1818, e em 1820 publicava-se a primeira gramática inglesa feita no Brasil.

A atenção da Imprensa Régia ao livro didático tinha como urgência fornecer material para as instituições de ensino superior criadas por Dom João após se estabelecer no Brasil, nascendo, assim, a prática de leituras nos arredores da escola. As várias histórias de leitura no Brasil, inicialmente, recorrem à nacionalização dos autores e ao nacionalismo dos temas e textos, pois, num primeiro momento, as traduções abasteceram o mercado local, para, em seguida, os autores nativos começarem a produzir os textos. Mais tarde, afirmam as autoras, assuntos de coloração patriótica foram introduzidos, e, nas escolas, os textos produzidos pela Imprensa Régia tinham ampla circulação.

## **2.6 As escolas, os professores, os leitores**

Lajolo e Zilberman (1996) enfatizam que a escola e a imprensa no Brasil nasceram precárias, fruto da chegada da corte portuguesa, com as conseqüentes improvisações. As instituições escolares eram creditadas ao progresso da Colônia, evitando que a juventude brasileira precisasse atravessar o Atlântico para estudar. A carreira militar, embora muito necessária para a proteção do país de uma eventual invasão estrangeira, não era tão valorizada, sendo procurada pelos mais humildes, pois seus pais se orgulhavam das condecorações recebidas por seus filhos, havendo, ainda, discriminação em relação a homens de cor negra. Afinal, julgava-se, à época, que estes deveriam saber obedecer e bem executar o que lhes era ordenado pelos homens brancos. Essas escolas – bem-sucedidas ou não – introduziram, de maneira gradativa, o livro didático em suas práticas e contribuíram para que a leitura se tornasse um ato de consumo. No centro de tudo, estava o leitor, a sua história das leituras, que é, simultaneamente, sujeito e objeto.

Com uma demanda grande de crianças e jovens, o número se revelava insuficiente para atender a todos que precisavam estudar. Por isso, muitas escolas foram abertas, ação facilitada pelo Decreto do Governo, que dava a qualquer cidadão de primeiras letras o direito ao exame de licença para trabalhar. Surgiram, nesse ínterim, os problemas de baixa remuneração. O salário era estipulado de acordo com o número de alunos e o trabalho correspondente do professor. Inclusas estavam as más condições de trabalho, que não eram apropriadas para o magistério e, por conseguinte, para a adequada formação das crianças. Sob essas circunstâncias, a formação de um público leitor se arrastava inconclusa e rarefeita. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996)



Ressaltam as autoras que o surgimento de bibliotecas e gabinetes de leitura ajudava no aprimoramento da leitura, porém os livros que vinham de longe, devido à escassa produção nacional, eram inadequados para a juventude do Brasil. José Veríssimo foi um dos autores que apontou para a necessidade de acesso a livros nacionais, na medida em que a maneira como a literatura portuguesa entrou na escola brasileira não facilitou o seu entendimento. O caráter coercitivo e conservador com que circulou contribuiu para que não fosse admirada, e raros foram os que a apreciaram. Surgiu, então, entre autores brasileiros e o povo letrado uma preferência pela literatura francesa, simbolizando, talvez, uma alternativa à dominação da literatura portuguesa existente nas escolas.

A literatura brasileira começou a pôr sua marca no currículo escolar nacional a partir do século XIX, por meio de antologias, celebrizando autores românticos como José de Alencar, Gonçalves Dias, Casemiro de Abreu, Fagundes Varela, Castro Alves, Machado de Assis, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, entre outros. As escolas seguiam padrões e modelos portugueses de ensinar literatura, relevando o papel desta na formação de práticas leitoras. Cyro dos Anjos, com seu romance *Abdias*, desenhava o perfil do professor moderno: aquele que incentivava conhecer a literatura de seu tempo, a mesma da qual ele fazia parte.

Havia, no entanto, entre a literatura que a escola ensinava e o que a literatura apresenta, um espaço de contraste, visto que as pesadas aulas sobre *Os Lusíadas* contrastavam com histórias sobre uma preta velha ou sobre contos fantásticos, contos de fadas ou do folclore brasileiro, mais atrativos aos jovens sedentos de fantasia e amantes da aventura. Autores como Viriato Correia, Graça Aranha e Maria Helena Cardoso lembravam-se, saudosos, de como se encantavam com a audição de contos de fadas narrados por cozinheiras da casa, mães pretas, avós. Essa nostalgia invocada fazia parte da memória nacional, migrando para a literatura infantil, presentes em obras como *Histórias da velha Totonha*, de José Lins do Rego; *O Boi Aruá*, de Luiz Jardim; ou *Contos da mãe preta e histórias do pai João*, de Osvaldo Orico. Com destaque, Tia Anastácia – criação de Monteiro Lobato – assumiu o papel de narradora de contos do folclore brasileiro no livro *Histórias de Tia Anastácia*. Monteiro Lobato, conforme as autoras, aproveitou o processo da narrativa oral na formação de leitores, dedicando à figura feminina o incentivo para iniciar novas leituras.

A convivência com a tradição oral da literatura, com a contação de histórias servia como ponte para a clandestinização da leitura. Lajolo e Ziberman exemplificam o fato, citando o escritor Graça Aranha, que, depois de ter passado da narrativa oral à leitura dos clássicos, como *Dom Quixote* e *Gil Blás*, transitava com tranquilidade de uma para outra, porque ambas passavam pela imaginação do leitor, mas tinha que fugir para o telhado da casa

ou esconder-se para ler seus livros preferidos. As leituras que produziam prazer raramente passavam pela escola, como conta Raul Pompéia em seu livro *O Ateneu*, no qual o personagem depara-se com livros pornográficos, romances proibidos que circulavam entre os estudantes. Autores como Julio Verne (*Viagem ao centro da Terra*), Bernardin De Saint-Pierre (*Paulo e Virgínia*), Alexandre Dumas (*Os três mosqueteiros*) e Daniel Defoe (*Robinson Crusoe*) agradavam não só os adolescentes do século XIX, mas também os do século XX. Lajolo e Zilberman afirmam que:

As obras escolhidas por crianças e adolescentes, quando elas escapolem da rígida rotina escolar de leitura, parecem responder às exigências da fantasia, pela qual, em acumulação infinita, articulam-se a outras de ficção ou às escolhidas por meio da transmissão oral, como as ouvidas de contadores. O fato da imaginação explica e reforça a clandestinidade dessas leituras, que pouco ensinam de prático, mas que provocam consumo contínuo. Os admiradores de Julio Verne ou Ponson de Terrail querem tão somente terminar um livro para começar outro, e mais outro, num espiral sem fim. (1996, p. 227)

A literatura de massa, do âmbito do não consagrado constituiu-se como o novo acervo básico de leitura brasileira, sem a interferência dos adultos. Assim, a escola tornava-se impopular, na medida em que as leituras que atendem à imaginação e ao gosto do povo não faziam parte do acervo educacional vigente. Isso é exemplificado pelas autoras com *Capitães de areia*, de Jorge Amado, obra na qual o menino encontrava nos livros um mundo ideal, transmitindo aos companheiros as promessas de felicidade e transportando para mundos diversos quem escutava suas histórias. De fato, a leitura conduz a um alargamento de fronteiras, integrando o indivíduo ao coletivo e à pátria, civilizando-o, para que se torne útil na sociedade em que vive. Na maioria das vezes, ressalta-se, esses valores são introduzidos por bons livros oferecidos por mãos femininas, sejam das mães, sejam das professoras.

### 3 PAIM FILHO: DE ONDE FALAM OS LEITORES

“Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós [...]”.

Paulo Freire

Ao privilegiar idosos que vivem ou que passaram grande parte de suas vidas no município, torna-se indispensável traçar uma retrospectiva de Paim Filho, com sua trajetória de acontecimentos e transformações. Reconstruir esse passado significa recriar tempos, espaços e situações que permitem ao leitor compreender todas as implicações inerentes às relações entre as memórias dos entrevistados e a história sociocultural do município.

O estudo do lugar, como concretização das relações sociais, é uma forma de compreender o processo de relações que se estabelecem no mundo em diferentes escalas. O conhecimento e a compreensão da realidade de um lugar é, também, uma das condições do exercício da cidadania, considerando que é nesse contexto, no espaço próximo que se estabelecem as relações cotidianas de vivência e de construção social, levando seus moradores à formação do sentimento de pertencimento.

#### 3.1 Lagoa Vermelha: raízes de um município-mãe

Segundo Barbosa (1981), o Rio Grande do Sul, que desde 1760 era um “Governo Militar”, foi elevado à condição de Capitania Geral em 1807, com a denominação de Capitania de São Pedro. Em 1809, um ano após a vinda da família real para o Brasil, mediante provimento do Príncipe Regente, teve sua primeira divisão administrativa, repartindo-se em quatro municípios: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha. Este último cobria a vasta região do litoral norte até o planalto serrano do nordeste dos Campos de Cima da Serra. Ainda no século XIX, cinco municípios emanciparam-se de Santo Antônio da Patrulha: Vacaria, Osório, São Francisco de Paula, Taquara e Lagoa Vermelha. Deles nasceram, em sucessivas gerações, municípios no norte e nordeste do estado, onde se encontram atualmente instalados num total de 64.

Quem observa, hoje, essas cidades, com seu respeitável volume populacional, certamente, tem alguma dificuldade de imaginar os primórdios do “Continente do Rio Grande”, localizado aquém da linha imaginária de Tordesilhas. Se o litoral era zona de passagem para quem de Laguna demandasse o sul, o gado bravo dos Campos de Cima da

Serra foi o grande atrativo para os primeiros povoadores. A disputa pelos rebanhos foi sucedida pela instalação de fazendas nas terras dadas em sesmarias. E assim surgiu, já no século XIX, a povoação de Lagoa Vermelha, fundada por José Ferreira Bueno, capitão da guarda nacional e fazendeiro, em 25 de janeiro de 1845, com o nome de São Paulo da Lagoa Vermelha. Em poucos anos, o povoado se transformaria no novo núcleo em freguesia, para se tornar município, definitivamente, em 1881.

Conforme Nepomuceno (2003), ao elemento indígena que ali vivia, em boa parte remanescente das reduções jesuíticas, juntaram-se os povoadores paulistas, lagunenses e paranaenses. Mais tarde, somaram-se os imigrantes italianos, alemães e poloneses. Dedicando-se de forma quase exclusiva à agricultura, os italianos, particularmente, constituíram importantes núcleos em Sananduva, Cacique Doble, Machadinho, Maximiliano de Almeida, Ibiaçá, São José do Ouro, Ibiraiaras e Paim Filho, municípios que, aos poucos, foram se desmembrando de Lagoa Vermelha. As diversas etnias que povoaram a região integraram-se gradativamente, constituindo um raro exemplo de assimilação. Em sua chegada, esses imigrantes se depararam com um obstáculo para o desenvolvimento de suas atividades: grandes extensões de florestas, que precisaram ser destruídas para sua ocupação. No entanto, a madeira não ficou ignorada, sendo, pelo contrário, aproveitada. Tedesco e Sander assim analisam essa situação:

A agricultura colonial, nos moldes que foi imposta, não poderia se viabilizar sem a presença das serrarias. Ambos, juntamente com o comércio, constituíram novas relações de produção, de trabalho e de contato com referenciais de natureza. Colonizadores, colonos e madeireiros estruturaram uma comunidade de interesses em torno da madeira. (2002, p. 194)

O final do século XIX e o início do século XX foram marcados pela implantação da estrada de ferro no norte do Rio Grande do Sul. Conforme Tedesco e Sander (2002), a ferrovia deu grande impulso ao desenvolvimento econômico e populacional das cidades por ela beneficiadas. A denominada “ferrovia da integração” ligava o nordeste gaúcho ao Rio de Janeiro (então capital federal). À vizinha cidade de Marcelino Ramos, ponte de embarque e desembarque de passageiros, também chegavam mascates, viajantes, circos, comerciantes, cargas, despachos, consignação de toda a produção ou aquisição de novas comunas, vilas, distritos, ou povoados no nordeste e norte gaúchos.

Nesse contexto, aos poucos, foi se desenvolvendo boa parte das cidades que compunham essa região, entre elas a de Paim Filho.

### 3.2 Paim Filho: constituição sócio-histórica

Paim Filho está localizado na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Conforme registrado no *Histórico do município*, há relatos de que os primeiros habitantes da região tenham sido índios Caingangues (Coroados). No entanto, o primeiro morador oficialmente reconhecido foi o Sr. Felisberto Manoel Theodoro, casado com Dona Rufina Barreto dos Santos, que teria fixado residência aos pés da Cordilheira – uma sequência de montanhas que corta a região – estando relativamente próximo do Rio Inhandava (antigo Rio Forquilha), o que teria sido determinante para a escolha do pioneiro. Água em abundância e terras férteis, embora ainda recobertas pela mata atlântica, teriam motivado o Sr. Felisberto em sua aventura pela região. Conta-se que seria originário de Ex-Capoeiras (hoje Nova Prata) e estima-se que sua chegada ao território painfilhense tenha se dado no ano de 1893. Possivelmente tenha se beneficiado dos estímulos do governo estadual, que pretendia iniciar a colonização da região norte/nordeste riograndense, recebendo alguma área de terra do então município de Lagoa Vermelha. Os restos mortais do pioneiro e de sua esposa encontram-se no Cemitério Municipal de Paim Filho, e seus descendentes ainda vivem na cidade.

Por volta de 1908, era iniciada a colonização. Por meio da Comissão de Terras de Erechim, demarcaram-se, na região da mata, nove mil lotes-colônias, de dez alqueires cada, pagáveis em cinco anos, sem multas, ao preço de 750 mil réis. Isso atraiu dezenas de colonizadores de Sananduva, Caxias do Sul, Garibaldi, Bento Gonçalves, Antônio Prado, Veranópolis, Nova Pádua e Flores da Cunha. Algumas famílias, hoje tradicionais, chegaram ao município naquela época: Dal Prá, Luppi, Boff, Carlotto, Baggio, Centofante, Paese, Totti, Refosco. Entre as décadas de 1910 e 1930, foram chegando outras levas de migrantes, provenientes, também, da região da serra, a maioria de origem italiana, além de algumas famílias da região de Erechim, de origem polonesa.

Outras famílias tradicionais fixaram-se no pequeno núcleo populacional que já se transformava em Distrito de Lagoa Vermelha, sob o nome de Sede Nova: Montemezzo, Arsego, Conte, Schenatto, Rigon, Toscan, Benetti, Tagliari, Galon, Oliveira, Souza, Silva, Zanella, Gelain, Casagrande, Cavazzola, Bessegato, entre outras. Embora a estrada que ligava a Sede Nova a Lagoa Vermelha, de um lado, e a Marcelino Ramos, do outro. Aos poucos, a vila foi sendo formada: uma casa de comércio, um sapataria, uma ferraria, uma bodegazinha, um armazém, uma alfaiataria, uma capelinha, uma serraria, uma escola, etc.

Com o surgimento de outro núcleo populacional próximo, que viria a se tornar o vizinho município de Maximiliano de Almeida, este passou a deter a designação de Sede

Nova, deixando para Paim Filho o nome de Sede Velha. Posteriormente, o distrito passou a ser chamado de Sede Forquilha, com breve designação de “Nova Gorízia”, por influência do Frei Gentil de Caravaggio, capuchinho, primeiro sacerdote a atuar na microrregião de Sananduva.

Fazendo parte de um contexto maior, a pequena vila foi alvo de conflitos durante a revolução de 1923. Naquela época, os maragatos expulsaram o chefe de inspetoria, que representava, também, o centro da administração da pequena vila, tomando o seu controle. Ciente da situação, o General Firmino Paim Filho, comandante das tropas governamentais, liderou um contingente de homens em direção à vila, retomando o controle do lugar. Em anos posteriores, por iniciativa do intendente municipal de Lagoa Vermelha, que reconheceu os serviços prestados pelo General Paim Filho, alterou-se o nome da vila para “Vila Paim Filho”, por meio do “Acto Municipal” nº 270 de 06 de outubro de 1927.

Depois de uma tentativa fracassada de emancipação, em 1958, somente em 1961, após plebiscito, foi criado o município de Paim Filho, pela Lei Estadual nº 4.213, de 05 de dezembro de 1961. No dia 07 de janeiro de 1962, ocorreram as primeiras eleições para a escolha de prefeito, vice-prefeito e vereadores. Os eleitos assumiram em 21 de janeiro do mesmo ano, e a instalação oficial do município deu-se em março de 1962. Em homenagem à devoção dos sacerdotes painfilhenses, escolheu-se o dia 19 de março como dia do município, por tratar-se do dia de São José Operário, o qual ficou sendo o santo padroeiro da cidade.

Até hoje, o município é predominantemente agrícola, visto que lá não existem fábricas e indústrias de grande porte. Sendo assim, a principal fonte de renda é proveniente da agropecuária. Conforme dados do IBGE, sua população é inferior a cinco mil habitantes, da qual 60% residem no interior. Contém todas as características de uma cidade de pequeno porte interiorana, cuja marca principal é a religiosidade de seu povo.

### **3.2.1 A participação da Igreja Católica no contexto histórico-cultural de Paim Filho**

De acordo com Frei Pedro Locatelli, no livro *Paróquia de Paim Filho* (1997), a atuação de missionários capuchinhos, desde seus primórdios, aliada a costumes bem arraigados nas famílias de origem italiana da serra gaúcha, levou a que o distrito crescesse sob a influência da religião.

Segundo consta do livro de registros da Escola Luíza Formighieri, os primeiros padres a visitarem a região, por volta de 1911, foram Frei Germano da Saint-Sixt, pároco de Lagoa Vermelha, e Frei Bruno de Gillonay, chefe da missão dos capuchinhos. Em 1914, estabeleceu-

se, na vizinha cidade de Sananduva, o Frei Gentil Giacomel. Jovem determinado e destemido, tornou-se, em pouco tempo, o “apóstolo do povo das matas”, conforme relatam alguns dos entrevistados. Respeitado por caboclos e imigrantes, percorria, no lombo do cavalo, enormes distâncias para celebrar missas, batizados, casamentos, bem como levar instruções e aconselhamentos àqueles que se dispuseram a colonizar a região. Devido à inexistência ainda de igrejas, rezava suas missas nas casas, conforme as encomendas. Não raro, pregava a palavra de Deus ao ar livre, usando como altar um toco de árvore. Foi exatamente dessa forma que se deu a primeira missa na então Sede Nova. Depois, animado pelo padre, o povo da vila reuniu-se e edificou uma pequena capelinha dedicada a Santo Antônio.

Aos poucos, a população foi aumentando. Em fins de 1917, iniciou-se a construção de uma nova capela, em estilo de casarão, no mesmo local onde hoje está o Santuário. Toda de madeira, era também utilizada como salão de festas pela comunidade. Por determinação do bispo e pela vontade do povo de ter sua própria paróquia, que mais tarde, em 1927, passaria a matriz, decidiu-se pela construção de uma igreja de alvenaria. Para tanto, foi erguida, em outro local, uma capela provisória, de madeira, que também servia de escola e salão paroquial. Entretanto, com a transferência do padre, o plano de construção da igreja de alvenaria foi substituído por outro.

Explica Locatelli (1997) que, embora em meio a enormes divergências entre os moradores do local, foi construído, em 1941, o maior templo de madeira, coberto de zinco, de todo o Estado à época. Porém, no final da tarde de 15 de janeiro de 1942, um vento forte abateu-se sobre o belo e majestoso templo, que, por ter sido edificado no alto do morro ou pela economia do material com o qual fora construído, ficou em ruínas. O então vigário Frei João Crisóstomo assim escreveu no Livro Tombo a respeito: “o principal estava salvo”, referindo-se ao Santíssimo Sacramento. O salão paroquial passou a ser a igreja matriz. Nova ventania, um ano mais tarde, determinou a transferência da igreja para o antigo casarão que outrora funcionara como capela. Durante cinco anos, esse prédio serviu de igreja, grupo escolar e salão paroquial. Padre João, entretanto, saudoso do belo templo destruído pelo vendaval, deu início aos projetos de construção da quarta igreja matriz, hoje o Santuário Nossa Senhora do Caravágio. Graças a essa iniciativa, importante capítulo na história de Paim Filho também começou a ser escrito.

Consta dos Livros Tombo da Paróquia de Paim Filho que Frei João Crisóstomo estudou Teologia e Filosofia, foi capelão militar e acompanhou as tropas de Getúlio Vargas durante a revolução de 1923. Homem de Deus, conhecido e admirado pelos painfilhenses como uma pessoa “de cabeça no lugar”, líder, trabalhador, apaziguador e incentivador,

conseguiu, com a ajuda da maioria dos moradores, idealizar e conceber a tão sonhada igreja, que, mais tarde, se transformaria em Santuário. Como era um grande empreendedor, iniciou construindo uma olaria. Dela saíram os 920 mil tijolos utilizados na edificação. Frei João também construiu o Colégio Divina Pastora, uma parte do Hospital Santa Terezinha e deu início ao atual Salão Paroquial. Além disso, participou ativamente da instalação da Usina Hidrelétrica do Forquilha, no Rio Inhandava; colaborou no projeto de emancipação político-administrativa do município de Paim Filho, bem como na fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Pessoa de muita fé e fervoroso devoto de Nossa Senhora do Caravágio, integrou e envolveu pessoas de todas as idades em várias associações religiosas. Homem de muitas leituras, participava de congressos religiosos em diferentes estados.

Segundo o depoimento dos entrevistados, Frei João Crisóstomo era um homem inteligente, trabalhador, reto, ponderado, dono de um olhar penetrante e seguro, fiel a Deus e à religião. Equilibrado e íntegro, dizia e mostrava a verdade sem machucar ninguém. Em vista disso, as memórias dos depoentes estão impregnadas de situações em que a participação do frei foi fundamental. Por isso é que se tornou imprescindível apresentá-lo, mesmo que de forma bastante sucinta, aos leitores deste trabalho, para que possam entender a importância desse homem na construção e formação das histórias de vida e de leitura na cidade de Paim Filho.

### **3.2.2 Da capelinha à Escola Luiza Formiguieri: as instituições escolares em Paim filho**

Explica Locatelli (1997) que, desde os primeiros tempos, a preocupação com os estudos esteve presente entre os painfilhenses. As poucas famílias que, inicialmente, chegaram à cidade sentiam necessidade de dar aos filhos a instrução civil, ao menos primária. Não havia escolas, mas Frei Gentil resolvera essa questão ao construir, juntamente com o povo, a primeira capelinha, que também serviria para fins educacionais. Improvisou um professor cujo nome a história não registrou, o qual era pago pelos pais dos alunos. Era a “primeira cátedra” de ensino levantada em meio às aquelas matas virgens. A data de sua instalação não se sabe ao certo, acredita-se que tenha sido por volta de 1915.

Somente em 1936 ocorre, oficialmente, a instituição de um Grupo Escolar em Paim Filho, conforme decreto do governador do Estado, representado pelo Senhor Darcy Azambuja, então Secretário de Estado dos Negócios do Interior. Na mesma ocasião, a professora Luiza Formiguieri foi nomeada diretora da escola, que funcionava no prédio da igreja. Nela, os alunos estudavam da 1ª a 5ª série e, após esse período, faziam exame de



admissão em escolas de cidades maiores. Sabe-se, entretanto, que poucos continuaram os estudos, em virtude das suas precárias condições econômicas, uma vez que essas escolas eram particulares.

Também por volta de 1937, chegaram a Paim Filho as Irmãs de São José. Apoiadas pelos missionários capuchinhos, adquiriram um imenso casarão e instalaram na comunidade a Escola Divina Pastora. Às irmãs coube ensinar a catequese e o ensino religioso, além das matérias básicas. Assim como a outra escola, esta ensinava da 1ª a 5ª série. O que a distinguiu do Grupo Escolar, assim, era o fato de ser particular e de ter uma rígida postura religiosa.

Documentos encontrados nos livros de registro da Escola Luiza Formiguieri contam que, com o passar do tempo, as duas escolas iam enfrentando inúmeras dificuldades. Por um lado, o Grupo Escolar padecia em um prédio de precárias condições, prestes a desabar. Por outro lado, a Escola Divina Pastora mal conseguia atender seus alunos, porque as irmãs eram poucas e tinham que se dividir entre as tarefas rotineiras, a escola e o hospital, onde davam assistência em tudo o que fosse preciso, da enfermagem à cozinha. Em virtude disso, em 1958, formou-se uma comissão liderada pelo Frei João Crisóstomo, Irmão da Congregação de São José, pela professora Tereza Piovesam e pela delegada regional de ensino de Erechim, com a finalidade de unir o Grupo Escolar e a Escola Divina Pastora. Ficou decidido que a escola funcionaria no prédio das irmãs, que, desde a unificação, seria alugado para o Estado. Com a junção, passaria a se chamar Grupo Escolar e continuaria a ensinar de 1ª a 5ª série. Destacaram-se, neste trabalho de organização do educandário, a Madre Isaura e a professora Tereza Piovesam, escolhida para a função de diretora.

Com o desenvolvimento da cidade e o aumento considerável de alunos, tornou-se necessária a instalação de nova escola que oferecesse continuidade aos estudos. Por isso, em 1966, inaugurou-se o Ginásio Estadual, onde seriam oferecidos estudos de 5ª a 8ª série. Ainda segundo o livro de registros, após alguns anos de funcionamento das duas escolas, decidiu-se nomeá-las. Em homenagem a um dos primeiros professores públicos do município, que muito fez em prol do desenvolvimento intelectual do povo painfilhense, o Grupo Escolar denominou-se “Unidade Estadual de Ensino Professor Júlio Chaves de Bittencurt – 1ª a 4ª série”. O Ginásio, também em homenagem à atuação de Frei Gentil, passou a chamar-se “Unidade Estadual de Ensino Frei Gentil - 5ª a 8ª série”. Em 1975, com a necessidade de complementação de ensino, foi criada a Escola Estadual de 2º Grau Luiza Formiguieri.

Em 1994, por meio de Portaria de Unificação, Designação e Denominação, assinada pelo governador do Estado e pela secretária de educação, unificaram-se as escolas estaduais. A partir dessa data, a instituição passou a denominar-se Escola Estadual de 1º e 2º Graus

Luiza Formiguieri. Atualmente, conta com 40 profissionais entre professores e funcionários e atende 500 alunos.

### 3.3 Os sujeitos da pesquisa

Nesta subseção, apresentam-se os sujeitos que compõem a pesquisa. A fim de melhor organizar essa apresentação, optou-se por um critério cronológico, iniciando-a pelo entrevistado mais velho.

#### 1) Tereza Pellin Valmórbida Piovesan

Nasceu em Paim Filho, em 1928. Filha de descendentes de imigrantes italianos, foi criada num regime de austeridade e sob os rígidos preceitos da Igreja Católica. Sua família foi uma das primeiras na colonização do município. Por isso, além das escassas condições de moradia e acesso, enfrentou dificuldades econômicas, que, ao poucos, foram sendo superadas pelo trabalho no cultivo das terras.

Conta que era considerada “metida” quando criança, devido à sua imensa curiosidade. Assim, ávida pelo conhecimento, aprendeu a ler em casa “de tanto a mãe mostrar as letras”. O avô paterno, alfabetizado na Itália, além de lhe ensinar os números, “ensinava[-lhe] a contar nos dedos, a multiplicar”, e a incentivava a ler em voz alta, enquanto ele descansava, depois de uma árdua jornada de trabalho. Eram leituras feitas em revistas que falavam sobre Hitler e a Guerra. Posteriormente, ela lia, também, trechos de histórias dos livros que trazia da escola. Esse contato com diferentes leituras levou a que seu desejo de continuar os estudos se fortalecesse ainda mais.

Depois de concluir o primário no Grupo Escolar, mudou-se para Garibaldi, onde morou numa casa de freiras, durante três anos. Diariamente, acompanhada pelas religiosas, deslocava-se de trem até Caxias do Sul, onde concluiu a 8ª série. Durante esse período, aprofundou suas leituras, pois tanto na escola quanto na casa das irmãs havia bibliotecas com acervos bastante variados, aos quais tinha livre acesso. Seus livros preferidos eram aqueles que contavam a história do Brasil, bem como os de geografia e a História Sagrada da Bíblia.

A volta para casa, o casamento e a sucessiva chegada dos filhos (foram nove), em momento algum, a impediram de concretizar seu sonho de ser professora. Começou a lecionar no Grupo Escolar. Como se tratava de uma escola municipal, ao professor era exigido apenas o certificado de conclusão do ginásio. Para ser professora estadual, no entanto, era preciso ter

cursado a escola normal. Por isso, decidiu cursar o magistério em Lagoa Vermelha. Devidamente diplomada e com a união do Grupo Escolar (escola municipal) com a Divina Pastora (escola das irmãs de São José) e a conseqüente estadualização do ensino, passou a exercer o cargo de diretora da nova instituição então constituída. Além disso, dada sua posição de “mulher letrada”, era constantemente solicitada a participar do grupo de liturgia e de catequese. De acordo com suas palavras, “estava sempre metida em tudo”.

Durante todo esse tempo, nunca descuidou de suas leituras, embora as de cunho religioso nunca tenham sido superadas. Hoje, apesar da idade e das dificuldades de visão, lê diariamente a Bíblia e a vida do santo do dia. Segundo ela, são essas leituras que a mantêm alimentada na sua fé católica. A religiosidade é marca no seu jeito e modo de ser.

## 2) Ipenor Zanela

Nasceu em Paim Filho, em 1935, e fez seus estudos primários na Escola Divina Pastora. Filho de sapateiro, cresceu num ambiente desprovido de livros e de outros bens materiais. Seus pais, de pouca instrução, não liam nem contavam histórias aos seus filhos. Por isso, não teve em casa qualquer incentivo no que esse refere à leitura. Somente era estimulado a frequentar a escola, porque isso era um dever dos pais em mandar os filhos até ela e outro dos filhos em frequentá-la. Depois de concluir o 5º ano, não frequentou o ginásio pois seu pai não dispunha de recursos para pagar sua instrução em escola particular, em outra cidade.

Diante dessa situação, o desejo de aprender e progredir fez que aproveitasse, anos mais tarde, uma oportunidade de estudo na cidade de Tupanciretã. A conclusão do ensino técnico voltado à agricultura e à pecuária garantiu-lhe um emprego na Secretaria de Agricultura de Lagoa Vermelha. A partir daí, a necessidade de trabalhar com o melhoramento genético em suínos o levou a participar de vários cursos, encontros e exposições. As leituras, nesse período, foram “fundamentais”, pois a tardia conclusão dos estudos trazia uma defasagem muito grande em relação aos outros, com os quais trabalhava. Era por meio das leituras que buscava corrigir essas deficiências. Embora essencialmente técnicas, elas também lhe traziam engrandecimento intelectual. Lembra que a revista *A granja*<sup>2</sup> era uma de suas favoritas.

Depois de casado, profissionalmente bem sucedido, mudou-se, juntamente com a mulher e os filhos, para Porto Alegre. Constituída sólida carreira profissional em empresa multinacional, como representante de medicamentos veterinários, permitiu-se comprar

---

<sup>2</sup> Revista mensal de conteúdo agrícola e pecuário, publicada pela Editora Centaurus há 65 anos.

inúmeros livros. O acesso a livrarias e a boa condição econômica proporcionaram-lhe a formação de uma invejável biblioteca, que satisfazia, principalmente, aos desejos de leitura da mulher e dos filhos em idade escolar, já não dispondo apenas de materiais de agropecuária.

Ao retornar a Paim Filho com a família, dedicou um dos melhores cômodos de sua nova casa para a instalação da biblioteca. Nela, ainda são encontradas obras que vão da literatura clássica brasileira, como as coleções de Jorge Amado e de Erico Verissimo, a livros de direito, administração, literatura infantil e infanto-juvenil, além de alguns volumes bíblicos nas suas vistosas encadernações. Confessa, entretanto, que não aprecia muito a literatura propriamente dita, embora admire, particularmente, as obras do autor de *O tempo e o vento*. Justifica, porém, que a leitura dos livros técnicos, sobretudo os de administração, foi muito útil para o melhor desempenho de suas atividades como presidente da cooperativa agrícola do município, bem como quando, por diversas gestões, foi presidente do hospital público municipal.

Hoje, tem sérias restrições motoras em virtude de um acidente de automóvel sofrido há treze anos. Por isso, o ato de ler tornou-se mais difícil, mas jamais foi abandonado. Ressalta que lê, na medida do possível, principalmente o jornal *Zero Hora* e o *Correio Riograndense*, e que ainda assina algumas revistas. Dessa forma, intercala suas leituras de maneira que “uma complementa a outra”, porque acredita ser “preciso estar a par das coisas pra poder evoluir”.

### 3) Adelino Refosco

Nasceu em Paim Filho, em 1935, quando grande parte de sua família paterna já estava estabelecida na cidade. Estudou na Escola Divina Pastora somente até o 4º ano, pois precisou ajudar seu pai marceneiro. A família, muito católica, rezava o terço todos os dias, e a mãe lia trechos da Bíblia ou contava algumas de suas passagens. Foi dessa forma que teve seu primeiro contato com a leitura.

Aprendeu a ler e escrever na Escola Divina Pastora. Lembra que suas professoras eram todas freiras e educavam com bastante rigor. Ressalta que as turmas eram divididas em séries, e a cada série correspondia um livro, no qual havia todos os conteúdos previstos para o ano, além de trechos “de histórias”. Nesse material, foi praticando o ato de ler e adquirindo conhecimento. Destaca que quem aprendesse a ler, escrever e realizar as quatro operações matemáticas “já estava formado”. Por isso, tão logo atingiu esse *status*, a pedido do pai marceneiro, abandonou seus estudos para auxiliá-lo. Assim, aos doze anos, já trabalhava em

tempo integral, não tendo mais condições de frequentar a escola. A leitura restringiu-se àquela praticada em casa: da Bíblia Sagrada e do livro de catequese.

Somente aos dezoito anos, quando começou a trabalhar como caminhoneiro, é que viu realizado seu sonho de ter seus próprios livros. Nas viagens que realizava entre os centros maiores, procurava, sempre que fosse possível, comprar algum livro. Era principalmente nas livrarias de Erechim que encontrava *O Coyote*, ficção de faroeste americano do escritor mexicano José Mallorqui. Adelino revela que tinha “verdadeira adoração” por esse tipo de leitura, o que fez que adquirisse praticamente toda a coleção. Ela está guardada até hoje, bem como a Bíblia e o livro de catequese, ambos escritos em italiano.

Conta Adelino que não era hábito os jovens daquela época trocarem livros entre si ou conversarem sobre leituras, pois poucos eram os que liam. Ainda mais raros eram os que podiam comprar os livros. A dificuldade não era somente econômica, mas também de acesso a livrarias. Era sobretudo por meio da igreja que chegavam até as pessoas jornais ou revistas, materiais de cunho essencialmente religioso.

O casamento levou-o a voltar à casa paterna e a trabalhar com marcenaria. Suas habilidades artísticas não se restringiam às mãos. Aprendeu com o pai pianista e “grande conhecedor de música” a ser maestro. Juntamente com outros familiares, formou um coral, que cantava em missas e outras festividades. Suas cantigas eram predominantemente italianas. Com o tempo o coral se desfez, mas o gosto pela música fez que ajudasse a reativar a banda municipal, outrora composta por parentes próximos. Por vários anos, também foi seu regente e músico.

Hoje, ainda canta, esporadicamente, no coral da igreja. Das leituras, destaca o jornal *Zero Hora* e o *Correio Riograndense*. Lê em busca de entretenimento e informação, e, depois do falecimento da esposa, é na leitura e na igreja que encontra consolo e companhia.

#### 4) Nair Zuleica Zandoná Zanella

Nasceu em Paim Filho, em 1940. Voluntariosa desde pequena, “fugiu” da escola no início da 1ª série. Seus pais, italianos de rígida formação religiosa, a colocaram no colégio interno em Cacique Doble. Lá, sob os cuidados das freiras, teve contato com a leitura e o teatro. Durante os anos em que estudou nessa escola, Zuleica dedicou-se à leitura e à dramaturgia. Também descobriu o prazer das poesias, retiradas, na maioria das vezes, da obra

*Seleto em prosa e verso*. Destaca que era encorajada a ler todo tipo de livros, inclusive os que falavam sobre sexo. A única restrição era com a língua italiana, proibida na época. Lembra que um dos livros de que mais gostou, nesse período, foi *Marcelino pão e vinho*, de José Maria Sánchez Silva.

Como tinha grande facilidade para decorar e recitar poesias, recebia das irmãs, que escreviam as peças, os maiores papéis. As encenações, constituídas, basicamente, como adaptações de trechos de obras literárias ou bíblicas, eram apresentadas ao público como forma de arrecadar dinheiro para a manutenção do internato.

Depois do ginásial, casou-se e passou a dedicar-se ao marido e aos filhos. Se a dramaturgia deixou de acontecer em sua vida, a habilidade com as palavras a transformaram em oradora frequentemente requisitada em ocasiões festivas. Relembra que, por ocasião da luta pela emancipação do município, o Padre João Crisóstomo solicitou-lhe uma décima. Zuleica, prontamente, atendeu ao pedido e escreveu, com facilidade, o poema que depois foi afixado nas colunas da igreja. Quando morou em Porto Alegre, teve acesso a bibliotecas e livros. Nessa época, leu muitos romances, dos quais destaca *Olga*, ressaltando o “sofrimento da personagem” e a crueldade dos nazistas.

##### 5) André Debiasi Zanela

Nasceu no interior do município de Paim Filho, em 1943. De família muito pobre e filho de analfabetos, não teve contato com a leitura antes de frequentar a pequena escola da comunidade. Esta, apesar de estadual, não dispunha, na época, de material para leitura, a não ser os escassos livros didáticos que os professores utilizavam.

Foi apenas quando ingressou no seminário, em Marcelino Ramos, para cursar o ginásial, que realmente “descobriu” a leitura a partir do livro *Os três amigos*, da escritora eslovena Kristina Roy. Os quatro anos de estudos foram repletos de leituras e descobertas. Ele relata que “no seminário existiam duas bibliotecas: uma para os alunos e outra só para os padres. Como eu ajudava na limpeza podia entrar lá. Então eu escolhia os livros mais usados, aqueles que tinham as orelhas dobradas. Estes eram os melhores, os mais ‘picantes’”. Dessa forma, pôde ler, furtivamente, os romances *Amar foi minha ruína*, de Ben Ames Williams; *Ricardo coração de leão*, de Walter Scott; *Noite de núpcias*, de Marc Dannam; e toda a coleção de José de Alencar, além de vários livros sobre o cristianismo, entre outros.

Completamente fascinado pelos livros, afirma que seu conhecimento em história, geografia e literatura determinou um grande apego à escola e o desejo de ser professor,

levando-o a cursar o ensino médio voltado ao magistério, em Lagoa Vermelha. Por isso, ficou “bastante sentido”, quando teve que interromper seus planos e ir para o quartel, onde não havia biblioteca, sendo obrigado a permanecer durante um ano sem leitura.

Ao ingressar no curso superior em contabilidade, em Caxias do Sul, pôde, novamente, ter acesso à biblioteca e a bons livros. Entretanto, suas leituras passaram a ser mais técnicas, em virtude do curso que frequentava. Cita dessa época o livro *Economia e política*, de Luiz João Baraúna, cuja definição de política jamais esqueceu: “política é a arte de bem governar”. Essa definição tornou-se um princípio para ele, tanto na vida pessoal quanto na profissional. Além ter sido professor por 32 anos, também foi vereador e presidente do hospital municipal.

Foi depois de casado que começou a adquirir vários livros, além de revistas e jornais. Destaca as coleções de Jorge Amado, Erico Verissimo e Graciliano Ramos. Assinante e assíduo leitor do jornal *Zero Hora*, não descuidou do material de leitura para os filhos. Na sua biblioteca, estão inúmeros exemplares da revista *Nosso Amiguinho*<sup>3</sup>, bem como de vários livros infanto-juvenis. Dessa forma, ao proporcionar material aos filhos e, posteriormente, aos netos, constitui-se um grande mediador de leituras. Esse fato fica ainda mais em evidência quando pode fazer uma das coisas que mais lhe agradam: contar histórias e piadas para os amigos, filhos ou netos. Hoje, além do jornal diário, lê crônicas e piadas que são publicadas em pequenos almanaques. Destaca seu gosto por Luis Fernando Verissimo, Martha Medeiros e Paulo Sant’Ana. Conclui afirmando que as leituras, durante a adolescência e o início da vida adulta, lhe “temperaram o caráter”; agora lê para “exercitar a memória” e “se manter informado”, o que revela ser ele um leitor eclético em constante intercâmbio entre os diversos gêneros e tipos textuais.

## 6) Ezilena Dal Pra

Nasceu em Vila Ipê, Rio Grande do Sul, em 1945. Filha de família muito pobre e mãe viúva, desde muito pequena passou a morar com a madrinha de batismo, em Porto Alegre. Na capital, era fascinada pelos anúncios em *néon* e pelos livros que a madrinha lhe dava. Alfabetizou-se sozinha, antes mesmo de chegar à escola, tamanho era o seu desejo de adentrar

---

<sup>3</sup> Revista em quadrinhos educativa brasileira, publicada mensalmente pela Casa Publicadora Brasileira, editora pertencente à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

no mundo da leitura. Assim, desde os oito anos, passou a ler “tudo o que podia”. Tinha predileção pelas histórias em quadrinhos e gibis.

Aos onze anos, transferiu-se para Paim Filho, a fim de morar com a mãe. Concluiu a 5ª série primária na Escola Divina Pastora. Nessa época, para garantir seu sustento, trabalhou como babá e encantava as crianças, contando as histórias que havia aprendido nos livros: “as crianças gostavam de fábulas, aquela que a raposa lambuzava seu corpo com mel para que o leão não possa comê-la, a história do Saci-Pererê e todas as histórias da Coleção Reino Infantil”.

O casamento aos quinze anos de idade, a chegada do primeiro filho, o início da carreira de professora, tudo isso não a impediu de continuar a ler. O sogro foi seu grande incentivador. Era com ele que compartilhava as leituras do jornal *Correio do Povo* e de folhetins que vinham da Itália.

O espírito de luta e a determinação fizeram que vencesse as dificuldades de uma viuvez aos vinte e quatro anos. Nem a responsabilidade pelos quatro filhos nem as dificuldades econômicas abateram o seu ânimo. Com muita perseverança, concluiu o ginásio em Marcelino Ramos e a escola normal, no Colégio São José, em Erechim. O curso de graduação em economia doméstica foi realizado em Ijuí. Apesar das constantes idas e vindas da casa para a escola, do atendimento aos filhos e das exigências do trabalho, ainda encontrava tempo e disposição para a leitura. Além dos livros necessários, exigidos pelos cursos que frequentava, leu romances como *O morro dos ventos uivantes*, de Emile Bronte, e *Guerra e paz*, de Liev Tolstoi.

Todas essas leituras, aliadas à forte personalidade, levaram-na a lutar pelos painfilhenses menos favorecidos. Por isso, inúmeras ações sociais inexistentes no município foram concretizadas por meio de sua iniciativa. Em 1985, com o aval do prefeito municipal da época, fundou a Legião Brasileira de Assistência (LBA). Mais tarde, idealizou e criou a Creche Casulo e, posteriormente, a Creche Criança Feliz, ambas mantidas pelo município. Com o passar do tempo, dada a necessidade de atender ao idoso, fundou o Lar do Idoso, o qual coordena até hoje. Todas essas iniciativas, no entanto, exigiram-lhe múltiplas leituras, saberes que até então não dominava.

Atualmente, seu gosto literário não se alterou. Destaca, entretanto, que passou a ler, também, livros de autoajuda da escritora Zíbia Gaspareto e que a leitura foi determinante para a “criação dos filhos e da família”. As informações obtidas por meio dos livros a ajudaram a entender e aprender “como que tinha que cuidar da mãe, que sofria de Alzheimer”. Ressalta



que não tem problemas relacionados à depressão, porque a leitura foi sempre sua “companheira”.

## 4 ANÁLISE DAS MEMÓRIAS

“Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, somos nada [...]”.

Luis Buñuel, cineasta

“Se a memória se dissolve, o homem se dissolve”.

Jorge Luis Borges

Segundo Kleiman (1995), ao lermos um texto, de qualquer gênero, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que nascemos e fomos educados. Por isso, a leitura como prática social é bastante complexa, pois está intimamente ligada às nossas raízes socioculturais e, conseqüentemente, à formação da nossa cidadania.

Dessa forma, ao buscar reconstruir as memórias de leitura dos sujeitos que compõem o *corpus* da pesquisa, levou-se em conta, prioritariamente, que a linguagem é um conjunto de signos verbais e não verbais, de imagens construídas, códigos escritos, bem como de linguagens contemporâneas que permeiam a realidade. Nessa perspectiva, ao mapear as memórias de leituras dos sujeitos da pesquisa, de modo interacional, está sendo reconstruída a história de vida de cada entrevistado envolvido.

### 4.1 Memórias de vida e de leitura: entrelaçando histórias e leitores

Para melhor conhecê-los, aos sujeitos da pesquisa foram feitas perguntas referentes às suas origens, a questões familiares e educacionais e ao seu envolvimento com diferentes materiais de leitura – foco principal da presente investigação. Procurou-se investigar, também, a participação dessas pessoas no processo evolutivo do município de Paim Filho.

Os seis entrevistados são descendentes de imigrantes italianos. As dificuldades por eles encontradas nas terras novas puderam ser descritas, em detalhes, por todos. Dona Terezinha, a mais idosa, contou que a família de seus avós foi uma das primeiras a chegar a Paim Filho, quando as estradas ainda nem existiam. Eram “picadas” feitas a facão onde mal passavam os cavalos. Tal fato também é mencionado na investigação realizada por Marilene Bonafé, que conta a respeito que, “[...] além das precárias estradas para a comercialização do produto, havia dificuldades quanto à colheita. Os imigrantes abriam picadas a facão para

poderem colher o produto, que era transportado em cestos carregados nas costas e, mais tarde, em carroças puxadas por mulas ou por bois”. (2007, p. 40)

Os entrevistados ressaltam, em suas falas, a precária situação econômica de suas famílias. André, cuja família morava no interior do município, conta que “o pai carregava uma lata de mel em cada lado da montaria” para vender na cidade. Ipenor, por sua vez, ajudava o pai na sapataria, “endireitava os pregos para solear as botas que ele começava”. Já Adelino deixou de concluir seus estudos para ajudar o pai na fábrica de móveis da família: “eu parei, comecei a trabalhar ajudando o pai, cedo. Doze anos e já estava trabalhando”. Semelhantes depoimentos são encontrados na pesquisa de Bonafé, em que uma das depoentes menciona que, “[...] em razão da necessidade da época, as crianças trabalhavam desde os seis ou sete anos, apesar de terem um tempo para ir à escola”. (2007, p. 41)

As mulheres entrevistadas ajudavam nos afazeres da casa, exceto Zuleica, que muito cedo foi estudar no colégio interno, o que justifica o fato de seus relatos sobre as dificuldades serem apenas de ouvir falar, não acrescidos por suas experiências. Nesse sentido, é importante ressaltar a reflexão de Bosi, ao afirmar que “os fatos distantes, que não forem testemunhados e que não são objetos de narrações constantes, perdem o reforço, o apoio contínuo”. (1994, p. 27)

O contato com a escola representa um grande marco na vida dos entrevistados. Tereza e André iniciaram seus estudos em escola municipal, enquanto Ezilena, Zuleica, Ipenor e Adelino estudaram na escola das freiras, somente este sem concluir os estudos. Depois da escola primária e da ginásial Tereza, Ezilena e André ingressaram na escola normal. Ipenor concluiu somente o ensino técnico em agropecuária. Ezilena e André concluíram a graduação. Zuleica concluiu o ginásio no colégio interno, em Cacique Doble. Três deles foram professores: Tereza, Ezilena e André. Ipenor destacou-se como representante comercial. Adelino fez progredir, juntamente com seu irmão, a fábrica de móveis fundada por seu pai. Zuleica, depois de casada, passou a ser dona de casa.

Na época, as escolas normais representavam caminho natural para aquelas mulheres que desejavam ou que necessitavam de uma profissão, como no caso de Ezilena: “eu era viúva, morava com minha sogra e tinha quatro filhos para criar”. Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1996) analisam o aspecto da vinculação da identidade feminina a uma “vocação natural para as lides do magistério”, assinalando que a soluço se apresentava ideologicamente perfeita: a professora e a escola passavam a ser figuras idealizadas, na medida em que se atribuía   mestra uma conota o maternal e a sala de aula era vista como um segundo lar. Nesse momento, portanto, conforme demonstram as ensa istas, a presença das

mulheres em outros espaços sociais não afetou diretamente a divisão do universo social masculino e feminino, pois o magistério feminino era encarado tão somente como “uma extensão da tarefa doméstica e maternal”. (1996, p. 265)

Em seu relato, Tereza confirma essa ideia, contando que “a professora era respeitada que nem um Deus”. Afirma ela que, “quando a professora chegava, todos ficavam em pé”. Uma vez que as mulheres, em sua maioria, eram criadas para ser esposas e mães, poucas conciliaram a vida doméstica ao magistério. Nesse quadro, encaixam-se as depoentes Ezilena e Tereza.

Embora a educação tivesse grande destaque, pois as mulheres viam, sobretudo, no magistério a possibilidade de profissionalização e de acesso às universidades, o casamento era ainda o ideal mais disseminado. Por isso, Zuleica abdicou da vontade de continuar seus estudos para casar e constituir família. Essa prática encontra eco, mais uma vez, no trabalho de Bonafé: “[...] as meninas moças, num sentido geral, eram persuadidas a deixar os estudos para se dedicar à aprendizagem dos trabalhos domésticos” (2007, p. 42). Dessa forma, ainda segundo a autora, exigia-se delas uma exclusiva dedicação ao lar, que compreendia educar os filhos, executar as tarefas domésticas, bem como confeccionar roupas e bordar.

Em vista disso, o desejo de ser professora, nutrido por Zuleica, nunca foi concretizado, pois ela se dedicou exclusivamente à família. Relata, com bastante orgulho, na sua entrevista, o fato de seus quatro filhos terem concluído o curso superior e dois deles, o doutorado. Atribui a si parte desse mérito, acreditando que, ao contar histórias para seus filhos pequenos, revelou-se uma importante mediadora de leituras, o que hoje repete na convivência com os netos.

Em seus depoimentos, os idosos que compõem o *corpus* desta pesquisa articulam a história pessoal com a história social, os costumes e as práticas dos grupos de que fizeram/fazem parte. Com isso, vão sugerindo que o contato com a leitura pode ocorrer por intermédio de diferentes pessoas, tanto em espaços formais quanto informais. Diversos materiais aparecem na vida desses sujeitos, entrelaçando suas histórias de leitura de várias formas. Os sentidos são aguçados com base em suas vivências sociais e culturais.

Ao analisar suas memórias de leitura, observa-se que o processo de formação desses leitores ocorreu de diferentes maneiras. De acordo com os relatos, exceto no caso de André, os primeiros contatos com os livros ocorreram antes da chegada à escola. Alguns dizem que foi por meio de familiares que contavam histórias orais, por meio de histórias em quadrinhos, folhetins ou textos bíblicos. Tal fenômeno é destacado na dissertação de Burlamaque (1999). Segundo a autora, ao oferecer esse tipo de leitura, os pais poderiam proporcionar aos filhos,

principalmente às filhas moças, uma leitura que estimulasse a moral e os bons costumes. Esse fato, conforme registra a pesquisadora, reflete a ideologia da época, cuja preocupação era com os temas veiculados nesse material e “não no ato de estimular o gosto estético ou formar futuros leitores”. Na entrevista, Ezilena ressalta: “minha madrinha começou a me dar livrinhos de histórias. Eu lia tudo: eram gibis, histórias em quadrinhos e romances em quadrinhos”.

De acordo com Moya (1996), as histórias em quadrinhos da atualidade tiveram origem nos *comics* norte-americanos do final do século XIX. Seguindo a influência e tendência americana, em 1905, foi lançada a revista *Tico-tico*, a primeira do gênero no Brasil, a qual consistia numa mescla de quadrinhos, passatempos, contos e textos educativos. Assim como nos Estados Unidos, as editoras de vários países, incluindo o Brasil, passaram a desenvolver temas relacionados às associações de pais e mestres. Os principais títulos ressaltavam valores nacionalistas, os históricos principalmente.

Moya destaca, ainda, que, por volta de 1930, a Editora Globo lança o *Gibi*, nome pelo qual as histórias em quadrinhos seriam conhecidas no Brasil. As primeiras histórias publicadas no *Gibi* foram as do capitão *Marvel*, *Tocha Humana* e *Namos*. Já nas décadas de 40 e 50, três gêneros deveriam estar sempre presentes nessas revistas: policial, aventura e ficção.

Conforme Adelino, que teve de superar a falta de recursos financeiros para alcançar a leitura na infância, a compra de seus próprios livros, na juventude, representava uma satisfação inexplicável, tanto que os guarda até hoje. Ao ler o que tinha em casa – Bíblia e livros da literatura cristã – passou a interessar-se cada vez mais pela leitura e, quando adulto, pôde diversificar seu gosto: “[...] Minha mãe contava histórias da Bíblia, minha família era bem católica [...] logo que uma criança aprendia a ler um pouquinho, começava a ler o catecismo e a história sagrada [...] eu sempre gostava de ler, eu era muito curioso”.

Adelino revela-se um colecionador, pois mantém consigo grande parte dos livros que comprou durante o período em que era caminhoneiro. Uma vez que tinha preferência pelos faroestes americanos, grandes caixas guardadas no porão de sua casa estão repletas de exemplares d’*O Coyote*. Como escreve José Antônio no seu *blog* “Livros e Opinião”, o escritor espanhol José Mallorqui criou o *Coyote* inspirado em um outro mito: o *Zorro*, de Johnson Mc Culley. O próprio Mallorqui afirmou que “bebeu na fonte de Mc Culley” para criar o seu personagem hispânico. Se por um lado, o *Zorro* tem o costume de castigar os seus oponentes, fazendo um “Z” com a espada no peito ou no rosto da vítima, o *Coyote* também tem a sua mania, e diga-se, bem peculiar. Ele dispara um tiro na orelha do inimigo. Dessa

forma, aqueles que tiveram um ferimento a bala no ouvido ficam marcados como os infelizes que cruzaram o caminho do justiceiro e se deram mal. Além de ser um pistoleiro muito rápido e com excelente pontaria, o Coyote é um cavaleiro experiente; mas sua principal arma é a inteligência com que manipula os seus oponentes, chegando ao ponto de fazer que eles próprios se matem. A série atingiu 192 títulos e, por quase uma década, manteve o interesse dos leitores por suas aventuras, provando que já havia se transformado num verdadeiro ícone da *pulp fiction*.

Conforme Burlamaque (2003), no período de 1929 até o início da segunda guerra mundial, introduziu-se nos quadrinhos americanos a temática aventureira com a criação de enredos que obrigavam a seriar os episódios. Dessa forma, ampliou-se o número de leitores, com repercussão no mercado brasileiro, que presenciou a multiplicação dos super-heróis estrangeiros e nacionais a partir de 1930/1940.

Conta André que, entre os livros encontrados na biblioteca do seminário, os que mais lhe agradavam eram os “de páginas amarelas e com muitas orelhas [...] pois eram os mais lidos”. Além da natural curiosidade juvenil, sua condição econômica durante boa parte da vida, que não lhe permitia a compra dos livros, levava a que valorizasse ainda mais a possibilidade de satisfazer seus anseios de leitura nas bibliotecas que frequentava. “Quando eu era criança não tinha livros na minha casa, só despertei para a leitura, quando no colégio em Marcelino li *Os três amigos*, depois disso nunca mais parei. Durante o tempo que fiquei no seminário, li mais de cem livros”.

Como destaca Burlamaque (2003), a biblioteca é um espaço de promoção da leitura, ideal para o acesso a textos variados e a obras culturalmente relevantes. De acordo com a autora, a biblioteca pública assume grande importância no acesso a diferentes materiais de leitura por todos os cidadãos. Sobre isso, é importante mencionar que, em Paim Filho, a biblioteca municipal passou a existir recentemente, de modo que nenhum entrevistado pôde desfrutar de seu acervo durante a adolescência e juventude. Assim, na falta desse espaço, a biblioteca escolar teve que assumir sozinha um papel relevante na sua prática e formação leitora.

Na opinião de Ezilena, era importante que o livro fosse seu para que pudesse pegá-lo por diversas vezes e a hora que quisesse, enfatizando que ainda hoje age dessa forma. Salienta a entrevistada que gostava de ler romances em sua juventude e que, atualmente, obras de autoajuda e *best sellers* estão entre as suas preferências. Analisa-se essa fala com base em Lajolo (2004). Segundo a autora, os romances representam para os leitores muito mais do que

uma leitura envolvente e vertiginosa: “Junto com o suspense, ao lado do mergulho na história, transcorre o tempo de decantação. Enredo, linguagem e personagens depositam-se no leitor. Passam a fazer parte da vida de quem lê”. (2004, p.14)

Em seu artigo sobre o bibliófilo e a leitura, Mindlim (1999) afirma que a bibliofilia sem leitura não tem sentido e que seria um absurdo total imaginar que alguém que conseguisse reunir várias edições de obras fundamentais da literatura universal as guardasse em um cofre. A bibliofilia tem que estar, portanto, ligada a um contato permanente com o livro, ideia que tem relação com o depoimento de Ipenor. Na sua entrevista, ele afirma que nem sempre foi um leitor. A valorização da leitura deu-se somente depois que começou a trabalhar, tendo em vista que, por meio dessa prática, o conhecimento necessário para o exercício da profissão pôde ser ampliado. A partir disso, diferentes e preciosos materiais de leitura passaram a fazer parte de sua vida, levando a que construísse sua própria biblioteca, que exhibe com orgulho. Revela que, embora não tenha sido “grande leitor” na adolescência e em parte da juventude, os livros adquiridos serviriam para que seus filhos, desde muito jovens, tivessem fácil acesso a um privilegiado acervo. Além destes, sua esposa Zuleica, uma das depoentes da pesquisa, declaradamente leitora, também desfrutou de tais materiais. Desde pequena, ela teve oportunidade de ouvir sua mãe contar histórias e, mesmo sem ter muitos recursos financeiros, pôde se aproximar da leitura por meio de empréstimos de livros de amigos e da escola, até que tivesse, depois de casada, sua própria biblioteca.

Tereza, igualmente, aproximou-se da leitura na infância, com os folhetos que o avô recebia da Itália. Na mesma época, lia “alguns livros e revistas em quadrinho”, assim acrescentando: “Durante a minha adolescência, não tinha um hábito de leitura de livros, como os clássicos da literatura, pois não tinha acesso a eles [...]. Contudo, por já ser cristã desde a infância, comecei a leitura da Bíblia (também um clássico), na qual tive acesso a uma linguagem bem rebuscada, mas para mim muito deleitosa e motivadora”. Essa prática, típica do gênero feminino, aparece, também, na pesquisa de Burlamaque, mais especificamente nas memórias de duas depoentes. Conforme a autora, é possível que a leitura da Bíblia esteja relacionada ao fato de que ela funciona como uma espécie de guia ético-espiritual, como uma fonte de ensinamentos religiosos, de caráter fundamental para o estabelecimento da moral humana. Além disso, a Bíblia é um documento de caráter histórico que expressa uma cultura milenar, constituindo-se numa fonte de sabedoria.

## 4.2 Espaços de leitura

Toda leitura acontece num espaço, e este não é vazio nem de matéria nem de significados. Constituído de diferentes formas, volumes, desenhos, cores, texturas, materiais, linguagens e técnicas construtivas, o espaço, seja qual for, mantém relações físicas e simbólicas com a leitura, tornando-se parte integrante dela. Daí que pensar em tais relações se torna essencial, na medida em que não apenas aprendemos a ler em lugares especialmente destinados a isso, como também praticamos a leitura em múltiplos espaços, alguns dos quais apreciamos, outros nem tanto, provocando, nesse caso, desinteresse e falta de motivação. É no espaço e no tempo que vivenciamos as experiências cotidianas, as trocas interpessoais, o aprendizado e o conhecimento, o trabalho, a brincadeira, a leitura, e essas relações do homem com o espaço fazem parte de um longo processo de vivências e descobertas. (DELLANOY, 2000)

A partir do momento que o homem sentiu necessidade de proteção contra as forças da natureza, o espaço desempenhou um papel fundamental à sua sobrevivência. À medida que os avanços e o desenvolvimento técnico e material foram sendo conquistados, ele foi ganhando novos significados e conquistando importância sociocultural e simbólica. Um dos primeiros registros encontrados na história remonta aos abrigos disponíveis na natureza. As grutas e cavernas dos nossos ancestrais testemunham esse uso e domínio, representando as primeiras relações humanas com o espaço delimitado e configurado. Nelas, todavia, os pictogramas gravados na pedra já marcam, de forma indelével, a ação de apropriação física do espaço, conjugada a uma outra, de natureza simbólica. Se as paredes de pedra serviram como abrigo, serviram também como suporte para o desenho, gesto representativo da escrita naquele momento. Esses foram, assim, alguns dos primeiros espaços de leitura e escrita desenvolvidos de modo intencional pela espécie.

### 4.2.1 Em casa

A casa pode ser vista como o lugar próprio de um indivíduo, onde este tem a sua privacidade e onde a parte mais significativa da sua vida pessoal se desenrola. Apesar de a modernidade ter lhe afastado sobremaneira de sua casa, o lar sempre foi considerado uma referência de identidade para o sujeito.

Quando questionados sobre os primeiros contatos com a leitura, quatro dos seis depoentes afirmaram que estes ocorreram no ambiente familiar, embora não houvesse em



todos os casos material de leitura em abundância. Foi por meio das histórias bíblicas contadas pela mãe, católica fervorosa, que Adelino se interessou pela leitura. Conta ele que, depois de ter aprendido na escola a “ler um pouquinho”, era no livro de catequese e na História Sagrada que praticava suas leituras, dizendo não lembrar como esse material, todo escrito em italiano, chegava até sua casa. Assim, despertado seu interesse pela leitura, somente quando pôde trabalhar como motorista de caminhão, é que teve acesso a outros livros, entre eles *O Coyote* de José Mallorqui:

Confesso que na minha juventude fui um dos grande fãs d’*O Coyote* e me arrependo de ter perdido através dos tempos alguns livros da coleção com as histórias do personagem. Lembro que enquanto o meu irmão mais velho tinha o hábito de trocar as histórias que já havia lido, eu fazia questão de guardar numa caixa todos os meus livros de bolso. Por falar nisso, ainda tenho duas caixas cheias destes livros. Para mim não importava a baixa qualidade do material interno, ou seja, as páginas de papel jornal, o que valia para mim eram as histórias emocionantes, de aventura e ação, sem contar as capas que eram verdadeiras obras primas e estimulavam a leitura.

Tereza teve no avô paterno seu grande mestre e incentivador. Era ele quem lhe contava as histórias sobre a imigração, as dificuldades de adaptação nas terras novas e sobre a Guerra. A mãe, professora, além de lhe contar histórias, trazia-lhe poucos livros que Tereza folheava insistentemente. Foi dessa forma que aprendeu a ler antes de entrar na escola. Como recebiam em casa revistas e folhetins vindos da Itália, era para o avô que os lia: “o vô deitava cansado quando chegava da roça e pedia: ‘leia para mim’ e eu lia em italiano a revista dele”. De acordo com Chartier (1998), a prática comum da leitura em voz alta, tanto para si próprio como para os outros, era uma convenção cultural da época que buscava a associação do texto com a voz, a leitura e a escuta. A leitura oralizada consistia em uma prática de vida em sociedade, em tornar público o escrito, uma vez que poucas eram as pessoas que sabiam ler.

A leitura oral foi experimentada, também, por Ezilena, no papel de cuidadora de crianças e mediadora de leituras. A prática da narrativa em voz alta favoreceu o despertar da leitura, pois, por meio dela, as crianças podiam participar das histórias. Conforme relata, elas adoravam ouvir fábulas e a história do Saci-Pererê. Além desses momentos, Ezilena destaca sua preocupação em oferecer material de leitura para seus filhos. Conta que, juntamente com uma amiga, comprou-lhes a coleção chamada “Reino Infantil”: “meus filhos, depois de lerem de ponta a ponta, emprestavam para seus amiguinhos”. Salienta que, graças ao seu incentivo, eles se tornaram leitores, e essa prática se evidencia até hoje. Complementa dizendo que agora, depois de aposentada, tem mais tempo para leituras e gosta de fazê-las em casa:

Eu gosto de ler em silêncio. Eu não gosto de ler com muita zoada, não! É tanto que eu não gosto muito de estar lendo em bibliotecas públicas, porque, mesmo tendo silêncio, fica o entre e sai de pessoas, e eu não gosto. Eu gosto mesmo é de ler sozinha, no meu canto. Tá ali lendo e pronto. Eu gosto de ler aqui onde eu estou agora; aqui nesse cantinho do sofá. Às vezes, vou fazendo meu serviço ou o almoço e vou lendo. Sempre eu estou lendo, de um jeito ou de outro.

Com base nos relatos dos depoentes, percebe-se que a casa permanece como o lugar preferido de leitura. Assim, revela-se como espaço profícuo a essa atividade, uma vez que atualmente todos têm à disposição os mais variados materiais, dadas as facilidades que adquiriam – maior número de bibliotecas, maior acesso a livrarias, feiras de livros, etc. –, contrariamente a épocas mais distantes, quando eram fornecidos geralmente pela igreja, ou comprados, esporadicamente, em centros maiores, na medida em que na cidade de Paim Filho não existiram nem existem livrarias.

#### **4.2.2 A biblioteca**

Silva (1986) define biblioteca como um espaço coletivo, cuja função básica é a transmissão dos bens culturais às novas gerações. Faz-se necessário, então, que seja bem equipada com os mais variados gêneros textuais, de boa qualidade, dos clássicos aos populares. O que caracteriza uma biblioteca é seu acervo, sua capacidade de atrair o público leitor, sua organização e os serviços que oferece aos seus frequentadores. A qualidade do acervo de uma biblioteca será estabelecida pelo atendimento às necessidades reais de leitura dos usuários, voltadas para fruição estética, recreação e busca de informações e conhecimentos. Desse modo, a biblioteca constitui um espaço de formação de leitores num sentido polissêmico, sendo o lugar onde o sujeito tem a oportunidade de encontrar conhecimentos dos mais variados, diversão, senso estético e cultura.

Ezilena, Zuleica, Tereza e André destacam, em suas entrevistas, a importância da biblioteca como instituição mediadora na formação de leitores, porque era nesse ambiente que encontravam os materiais de leitura. De acordo com suas falas, a grande diversidade de assuntos disponíveis favoreceu o desenvolvimento de um gosto mais eclético. Ampliando sua definição, Silva acrescenta que a biblioteca também é considerada espaço paradoxal, reservado ao silêncio e ao diálogo ao mesmo tempo. Espaço onde circulam ora leituras obrigatórias, ora contrárias aos valores legitimados pela escola. E é nesse ambiente que o sujeito leitor interage com o que é lido, com seus conflitos, medos, vivências, saberes. Trata-se de um ambiente mágico, de múltiplas possibilidades de significações e construções. Como

define Baratin, “ler numa biblioteca é instaurar uma dialética criadora entre a totalidade e suas partes, entre a promessa de uma memória universal, mas que ultrapassa o olhar de todo indivíduo, e os itinerários pacientes, parciais e atípicos, desenvolvidos por cada leitor”. (2010, p. 10)

André revela, em sua entrevista, que foi na biblioteca do seminário que teve contato com algumas leituras proibidas. “O livro *Iracema*, por exemplo, tinha várias páginas grampeadas”, tendo em vista que certas passagens não eram bem aceitas pela igreja, como no trecho em que a personagem é caracterizada como “a virgem dos lábios de mel”. Rubens Moraes assim menciona a participação das bibliotecas de instituições religiosas na formação de muitos leitores: “Como na Europa da Idade Média, foi o convento quem nos ensinou a ler e a estudar” (1943, p. 33). Convém ressaltar que a trajetória das bibliotecas no Brasil iniciou-se com as ordens religiosas dos beneditinos, dos franciscanos que possuíam bibliotecas nos conventos. Isso se devia à função dos religiosos na formação letrada das pessoas. De fato, a biblioteca cumpriu importante papel na prática e formação leitora dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa. Foi nesse espaço que a maioria teve contato com os diferentes materiais de leitura.

Lê-se em diversos espaços, de acordo com a finalidade, com o momento ou, simplesmente, com o gosto do leitor. Alguns preferem o silêncio de uma biblioteca; outros gostam de ler ouvindo música; uns, sentados em suas poltronas; outros, até em pé. Tão importante quanto compreender que, ao realizar uma leitura, conversas são compartilhadas, experiências são revividas e histórias são reinventadas é cuidar da criação de ambientes favoráveis ao ato de ler. Mais do que apenas fazer os livros chegarem aos leitores, é necessário preparar espaços e tempos de leitura capazes de promover interesse pelos conteúdos que ela veicula. Trata-se, assim, de criar instâncias de mediação que, além do acesso físico aos livros, promovam a apropriação de seus conteúdos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No começo do século XX, por volta de 1903, era iniciada a colonização da região da mata do imenso município de Lagoa Vermelha. O baixo custo e a facilidade de pagamento dos lotes-colônias destinados aos colonizadores atraíram para o local dezenas de imigrantes, com destaque aos de etnia italiana. Fundou-se, dessa maneira, uma pequena vila, denominada Sede Nova.

Aos poucos, com a chegada de mais famílias e a instalação de pequenos pontos comerciais, capela e escola, o lugar transformou-se em distrito: o oitavo distrito da cidade de Lagoa Vermelha. Novo nome ganhou o local: Sede Forquilha, pelo fato de sua localização ser às margens do Rio Forquilha. Durante a revolução de 1923, tropas contrárias ao governo da época tomaram posse do lugar. Designou-se o General Firmino Paim Filho para, com suas tropas, reconquistar a vila. Por isso, anos mais tarde, em homenagem a esse ato de bravura, o distrito passou a se denominar Paim Filho.

Em 1961, após plebiscito, garantiu-se a emancipação do município. Desde então, inúmeras administrações foram marcando o seu processo evolutório; novas casas foram sendo construídas, bem como o hospital, igrejas e escolas. Desenvolveram-se o comércio e a agricultura, cuja prática representa, até hoje, o principal meio de subsistência do povo painfilhense. Destaca-se, principalmente, na primeira metade do século, a presença dos padres capuchinhos, dentre eles o Padre João Crisóstomo, pessoa “de visão” e o maior responsável pela construção de inúmeras obras de grande importância para o desenvolvimento sociocultural do município: a igreja, o hospital, a olaria, a usina hidrelétrica e a escola.

Esse caminho percorrido representa, direta ou indiretamente, as histórias de vida dos sujeitos estudados nesta pesquisa. Os idosos entrevistados, ao rememorarem esses acontecimentos, reconstruíram também, suas memórias de leituras, a fim de que pudessem ser analisadas e registradas. Dessa forma, alcança-se o objetivo do estudo, uma vez que a experiência com grupo de idosos, além de se constituir em um espaço de exercício do pensamento, configura a possibilidade de entrar em contato com a condição de finitude a que todos são sujeitos.

Por meio das entrevistas, foi possível reconstituir grande parte do caminho percorrido pelos depoentes no processo de aquisição da leitura, bem como a identificação de alguns dos materiais por eles utilizados nesse processo. Ressalta-se que a ênfase recaiu sobre a infância, pois é nessa etapa da vida que, geralmente, acontece o “despertar” do gosto pelo ato de ler. Ao abordar histórias de vida de pessoas idosas, observa-se que o comportamento dos

entrevistados aproxima-se muito do que Halbwachs (2006) comenta em seus estudos, a respeito de que um indivíduo, quando testemunha oralmente o seu passado, formula a própria narrativa, que, dependendo da reação do ouvinte, funciona como um processo de adaptação, confronto ou acomodação. Desse modo, no momento em que relataram suas histórias, os sujeitos procuraram uma maneira de justificar e confirmar sua formação leitora. Frisa-se, também, a importância do leitor como sujeito mediador.

Quase todos os entrevistados revelaram que poucas leituras aconteceram na infância. Isso se deveu, em parte, às dificuldades econômicas das famílias. Outro fator que dificultava o acesso aos materiais de leitura era a ausência de livrarias e de bibliotecas públicas na cidade. Os poucos livros, jornais ou almanaques que lá chegavam vinham intermediados pela Igreja Católica.

Como as escolas da época tinham forte vínculo religioso, o material de leitura disponível em suas bibliotecas era revestido de marcante apelo didático, que valorizava a moral e os bons costumes, por isso as leituras de *Marcelino pão e vinho*, *Os três amigos*, da “Coleção Tesouros da juventude” e da Bíblia Sagrada. O saber enciclopédico da obra *Seleção em prosa e verso* proporcionou o contato com as diferentes áreas do conhecimento, incluindo geografia, história e literatura.

Na juventude, quando a escolha do material de leitura podia ser feita pelo próprio leitor, muitos revelaram predileções por romances como *O morro dos ventos uivantes*, *Ricardo, coração de leão* e *Olga*. As histórias em quadrinhos e o faroeste americano também dividiram espaço com as leituras de *O Coyote*. Quatro dos entrevistados mencionaram, também, a necessidade das leituras teóricas, uma vez que seus estudos e suas carreiras profissionais assim exigiam.

Atualmente, todos os entrevistados revelam ser leitores de jornais e revistas. Comparando as leituras anteriores às atuais, as mulheres não citaram mais o romance como uma de suas preferências, porém os homens mantêm, basicamente, as mesmas leituras do passado. As pessoas escolhem materiais com os quais se identificam, porque procuram neles algo que as caracterize em um determinado período de suas vidas. Em razão disso, alguns tipos de leitura perderam espaço em detrimento de outros, que se aproximam mais do momento que cada um está vivendo.

Outro aspecto observado corresponde ao fato de que, tanto nas leituras anteriores quanto nas atuais, a Bíblia está entre os materiais recorrentes, levando a inferir que a religião tem funcionado como incentivador dessa prática, embora com finalidades distintas. O lugar

do livro e o momento que a pessoa está vivendo também influenciam na escolha do material de leitura, pois estes são representações de um lugar e de um tempo. A leitura da Bíblia pode estar igualmente relacionada ao seu caráter de guia ético-espiritual, agindo como uma fonte de ensinamentos fundamentais para o estabelecimento da moral humana. Além disso, ela é um documento histórico que expressa uma cultura milenar, constituindo-se numa fonte de sabedoria até mesmo para os não religiosos.

Para finalizar, vale ressaltar que a tradição oral sempre desempenhou um papel significativo na história da humanidade. Na contemporaneidade, faz-se parte de uma sociedade letrada, complexa, em que a escrita passou a exercer o papel de guardião dos registros do passado. É, pois, por meio da leitura que se torna possível reavivar a memória, mantendo vivo um grande acervo do saber. Essa prática, assim, se configura como atividade que dá significado ao mundo e por isso pode ser compreendida como fonte do saber, do prazer, da evasão, do refúgio, de formação do imaginário, dentre outros fatores.

A memória, dessa forma, consiste na capacidade de registrar e evocar informações diversas, fornecendo a base para todos os conhecimentos, habilidades, sonhos e desejos. Como ensina Halbwachs (2006), toda memória se estrutura em identidades de grupos, argumentação que remete aos sujeitos da pesquisa, que tiveram a prática da leitura como facilitadora de sua trajetória. Essa prática, por ter sido habitual entre os idosos entrevistados, certamente, contribuiu para que se tornassem leitores até os dias de hoje.

Constata-se, ainda, que as memórias aqui apresentadas correspondem àquelas que marcaram, de forma significativa e afetiva, a vida dos idosos e das idosas. Por isso, cada fragmento de memória comunicado contribui para a reconstrução da história de vida e de leitura, pois, quando o passado é reconstruído, realiza-se uma releitura, na medida em que não é possível revivê-lo exatamente como aconteceu.

Dessa forma, experienciar não é somente viver, mas refletir sobre essa vivência. É desvelado o fato de que, quando há reflexão sobre aquilo que é vivido, há aprendizagem, seja ela informal ou formal, seja ela adquirida na escola ou na vida. Experiências de vida estão mescladas com a aprendizagem significativa. Os livros, os diversos autores, as memórias das leituras, as bibliotecas ganhavam voz, quando os idosos começavam a falar e a relacioná-los com a sua trajetória. É neles que se encontra o sentido maior da aprendizagem.

As histórias de vida que ouvi e experienciei já fazem parte de mim. Uma mescla da minha história de vida, antes da minha pesquisa e agora, diz o que eu realmente sou: uma pesquisadora que teve o privilégio de ouvir a sabedoria falar por meio das histórias de vida. Meus ouvidos sensíveis às histórias de vida, mesmo após o término da pesquisa, não

conseguem mais se comportar como antes. Minha fala usa vocabulário novo; meu olhar busca outro foco; encontro-me, muitas vezes, dividindo tudo o que aprendi. Um livro lido, um filme assistido, uma história compartilhada, nada deixa de passar pelo filtro da minha experiência. Assim, ao analisar as experiências vividas e as memórias de leituras dos sujeitos colaboradores, pude me reconhecer, também, como portadora de uma história de vida.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil; FAPESP, 1999. (Coleção “Histórias de Leitura”).
- ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ARIÉS, P. A história das mentalidades. In: LE GOFF, J. *A nova história*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Lagoa vermelha e sua história*. Lagoa Vermelha: Planalto, 1981.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BONAFÉ, Marilene de Carli. *Memória, literatura e cultura: as vozes de mulheres italianas*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo Cia das Letras, 1994.
- BOTH, Agostinho. *Gerontogogia: educação e longevidade*. Passo Fundo: Imperial, 1999.
- BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. *Memórias de leitores: histórias de vida*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Mulheres em três gerações: histórias de vida, itinerários de leitura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Tradução de Fulvia Moretto, Guacira Machado e José Antônio Soares. São Paulo: Ática, 1998. v. 2. p. 203-228.
- \_\_\_\_\_. *A história cultural entre práticas e representações*. 2. ed. Portugal: Difel, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. Espelho da alma, janela do mundo. In: \_\_\_\_\_. *O olhar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.



CORREA, Mariele Rodrigues. Oficinas de psicologia: Memória e experiência narrativa com idosos. *Revista Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 249-256, dez. 2010

D’ALESSIO, Márcia M. *Estudos de memórias e transformações na historiografia*. Comunicação. Recife: Anpuh UFPe, 1995.

\_\_\_\_\_. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, v. 13, n. 25/26, p. 97-103, set. 1992/ago. 1993.

DELANNOY, J. P. *Guia para a transformação das bibliotecas escolares*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. O almanaque Garnier, 1903-1914: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura no Brasil; FAPESP, 1999 (Coleção “Histórias de Leitura”).

ECO, Umberto. Sobre a crise da razão. In: \_\_\_\_\_. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 148-155.

FÉLIX, Loiva Otero. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de Memórias*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2002.

\_\_\_\_\_. *História e memória: a problemática da pesquisa*. 2. ed. Passo Fundo: Ed. UPF, 2004.

FERREIRA, Marieta L. Moraes. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1988. p. 207-222.

FERREIRA NETO, Waldemar. *Tradição oral e produção de narrativas*. São Paulo: Paulistana, 2008.

GARCIA, Marco Aurélio. Tradição, memória e história dos trabalhadores. In: DPH/SMC da Prefeitura de São Paulo (Ed.). *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH/SMC da Prefeitura de São Paulo, 1991. p. 169-174.

GUARINELLO, Norberto. Uma morfologia da história: as formas da história antiga. *Revista Politeia: História e Sociedade*, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2006.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre, ARTMED Editora, 2002.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 14. ed. São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

LIVROS E OPINIÃO. *Blog*. Disponível em: <<http://livroseopiniao.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

LOCATELLI, Frei Pedro. *Paróquia de Paim Filho*. Porto Alegre: Edições EST, 1997.

MAIRESSE, D.; FONSECA, T. M. G. Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. *Revista Psicologia em Estudo*, v. 7, n. 2, p. 111-116, dez. 2002.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MICELI, Paulo. Dossiê memória – reportagem. *Revista Comciência*, n. 52, mar. 2004. Disponível em: <[www.comciencia.br/reportagens/memoria/01.shtml](http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/01.shtml)>. Acesso em: 09 jul. 2010.

MINDLIM, José. O bibliófilo e a leitura. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil; FAPESP, 1999. (Coleção “Histórias de Leitura”). p. 101-114.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2001.

MORAES, Rubens Borba de. *O problema das bibliotecas brasileiras*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

MOYA, A. de. *História das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MUNAKATA, K. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil; FAPESP, 1999. (Coleção “Histórias de Leitura”).

NEPOMUCENO, Davi Valdir; MORAES, Demétrio Dias; LACERDA, Nelly. *Grande Lagoa Vermelha 1881-1981*. Porto Alegre: Corag, 1981.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias. *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

PAIM FILHO. *Histórico do município*. (Polígrafos).

PEREIRA, Ligia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral – Revista da Associação Brasileira de História Oral*, São Paulo, n. 3, p. 117/127, jun. 2000.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 2-15, 1989.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na Escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de memórias*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2002.

\_\_\_\_\_; SANDER, Roberto. *Madeireiros, comerciantes e granjeiros: lógicas e contradições no processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo (1900-1960)*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2002.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VILLALTA, Luiz Carlos. Os leitores e o uso dos livros na América portuguesa. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura no Brasil; FAPESP, 1999. (Coleção “Histórias de Leitura”). p. 183-212.

## APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 01

*Tereza Pellin Valmórbida Piovesam, 83 anos, viúva, natural de Paim Filho*

### **1. Como foram seus estudos?**

Eu fiz o primário aqui em Paim Filho. Depois, o ginásio em Caxias do Sul. Eu morava em Garibaldi em uma casa de freiras e ia com as elas todos os dias de trem até Caxias. Ia de trem pra aula e voltava de trem a uma hora da tarde, porque era longinho. Depois que eu vim pra casa, casei e comecei a lecionar no Grupo Escolar aqui, fui uma das primeiras professoras, Foi a Luiza Formighieri me chamou para trabalhar lá. Eu era professora municipal, e professor municipal podia lecionar tendo concluído somente o ginásio. Depois, para ser professora estadual precisei fazer o normal, porque a lei exigia. Então eu fazia o normal em Lagoa Vermelha. Ia de manhã e voltava à tarde, de ônibus.

### **2. A senhora gosta de ler?**

Sempre gostei, sempre li. Eu terminei agora de ler ‘A vida dos santos’. Eu sempre tomo café e a primeira coisa que gosto é de ler um trecho da bíblia.

### **3. A senhora lembra quando foi a primeira vez que teve contato com um livro?**

Meu falecido avô veio da Itália. Ele recebia umas revistas de lá. Como eu já sabia ler, de conta e risco em casa, de tanto a mãe me mostrar as letras, eu já era alfabetizada em casa. Então eu lia. O vó deitava cansado depois que vinha da roça e dizia “leia pra mim”. E eu lia em italiano a revista dele.

### **4. Então a senhora foi alfabetizada em italiano?**

Não. Eu tinha dificuldade de falar português porque lá em casa só falávamos em italiano, mas eu me alfabetizei em português. Depois que comecei a ir na escola ficou mais fácil pra mim dominar o português.

### **5. Quem contava histórias pra vocês, em casa?**

Era me avô. Minha mãe também contava, mas eram as história dele que mais me impressionavam. Quando eu entrei no colégio em 1937, fui passada passaram para a 3ª série. Eu estudava sozinha em casa, sabia ler, e as contas meu falecido vó me ensinava, me ensinava a fazer os números, me ensinava a contar nos dedos, a multiplicar...

### **6. A senhora aprendeu a ler e escrever em casa. E seus irmãos também?**

Não meus irmãos não. Eu era a mais metida. Meu irmão mais velho demorou pra aprender, era mais cabeçudo.

**7. E era só a senhora que lia pro seu avô?**

Era só eu, os outros tinham que trabalhar. Enquanto ele descansava eu lia. E ele tinha um relógio e quando tava na hora de trabalhar ele dizia 'olha a hora'. E eu controlava hora. Aprendi a hora, os minutos, tudo, tudo!

**8. E seu pai?**

Meu pai era analfabeto, não tinha como ensinar. Também não me lembro se ele contou alguma história para nós, em casa. Não sei porque não alfabetizei meu pai, acho que ele nunca demonstrou interesse!

**9. A senhora se lembra de alguma dessas histórias que eram contadas?**

As histórias que meu avô gostava de contar eram sobre o sofrimento que eles tiveram que passar no navio quando vieram para o Brasil. Foram 40 dias em cima da água. Era gente que ficava doente, gente que morria e eles jogavam no mar. Ele contava aquelas histórias tristes! Depois vieram aqui, se localizaram no mato, não tinha nada, só as ferramentas que eles trouxeram para trabalhar. Eles tinham que fazer todo o trajeto até Sananduva para buscar mantimentos, por trilhas. Ele contava que um ia na frente abrindo o mato, para o cavalo poder passar. Depois, procurando os trilhos para sair. Pense que sofreram, sofreram!...Somente mais tarde que começaram a ter as coisas deles. Daí foi rápido porque eles trabalhavam bastante!

**10. E a sua mãe? Que história ela contava?**

A minha mãe foi diferente. Eles não vieram da Itália. Já eram daqui. Aqui na Bracatinga. Ela se criou ali. Bem educada, foi na aula três meses e aprendeu ser professora. Então ela ensinava as outras crianças. Ela tinha nove alunos que moravam longe mas vinham até na casa, ao meio-dia, para aprender alguma coisa. Ela ensinava a ler e escrever e a fazer as contas de matemática.

**11. A senhora se lembra de algum material de leitura que tinham em casa?**

O falecido vô tinha os boletins que contava os feitos de Hitler, na guerra. E ele me fazia sempre ler para saber como as coisas estavam naquela época. Vinha uma vez por mês da Itália e chegava até Sananduva. Depois os tropeiros que vinham com as mulas e cargueiros, traziam a correspondência. Eles traziam também roupas, tecidos e outras coisas que eram mais necessárias.

**12. A senhora lembra como eram esses boletins? Tinham título?**

Sim lembro bem. Era Boletim Italiano. O meu avô, antes de vir para o Brasil, tinha estudado na Itália. Ele era "entendido", estudou até os treze anos!

**13. Seus avôs foram os primeiros a chegar aqui em Paim?**

O primeiro foi o Tigre que entrou aqui, ele era Theodoro de sobrenome mas se chamou Tigre porque matou um tigre com a faca. Ele ia passando pelo mato o tigre veio. A sorte que ele tirou a faca e enfiou no bicho e mesmo assim o tigre abocanhou ele, mas ele se

defendeu e conseguiu matar a fera. Só mais tarde é que vieram os Carlotto, os Luppi, os Piovesan, os Refosco, os Valmórbida e todas as outras famílias.

**14. E como que a senhora se lembra da sua escola?**

A minha escola era muito boa! A irmã Maria Dionisia foi minha professora. Lembro que as irmãs entraram aqui em 1937 quando eu comecei a ir na aula.

**15. Tinha livro na escola, que tipo de livro?**

Tinha. Era tudo separado. Tinha livro de historia, geografia, ciências...se estudava por aquilo. A gente tinha uma coleção de livros, que tinha de tudo, tinha fatos, historietas, a história do Pinóquio era contada abreviada em trechinhos. Era uma história em quadrinhos, como um gibi.

**16. E durante o normal, que tipo de leitura vocês faziam?**

No normal se estudava mais a Inconfidência Mineira, Tiradentes, esses fatos do Brasil.

**17. Existia algum tipo de livro que vocês não podiam ler ou que era proibido?**

Naquela época não. Só entrava livro bom. Almanaque entrava mas tudo católico, tudo de religião. No colégio tinha uma biblioteca enorme. A gente tinha acesso. Os livros que eu mais li contavam a história do Brasil a geografia. Mais livro teórico.

**18. E mais tarde? Que leituras a senhora foi fazendo?**

O que eu mais li era a História Sagrada da Bíblia. Eu lia todos os dias. Também lia livros sobre a vida de autores e suas obras. A gente lia depois tinha que dizer de quem era aquele trecho.

**19. E essas histórias eram histórias bíblicas ou não?**

Histórias da literatura do sul. Histórias do sul.

**20. Que tipo de leituras a senhora faz, hoje?**

Tenho a bíblia, a história dos santos do dia e tenho sempre algum santo, a vida deles. E rezo terço todo o dia.

**21. A senhora começou a trabalhar novinha bastante nova, não tinha nenhum tipo de preconceito?**

A professora era respeitada que nem um Deus! Imagine! Quando chegava o professor, todos ficavam em pé.

**22. Dona Terezinha, conte um pouco sobre quando começou a trabalhar? Tinha livros? Como que era a escola, tinha biblioteca? Que material vocês usavam, material didático?**

Era um tempo sofrido... naquela época era muita religião. Todos os dias tinha a meia hora da religião. No início da aula fazia a oração. Entrava na aula, depois do recreio era o sinal da cruz, e depois nós contávamos um texto da história sagrada e resumia e faziam os desenhos do texto.

Logo depois que comecei a trabalhar a Luiza Formighieri foi morar pra Cruz Alta e outra irmã se aposentou e eu fiquei sozinha. Com 70 alunos de primeiro, segundo e terceiro ano e quarta e quinta série. Quase não vencia. Fui falar com falecido padre João, ele era o santo sacerdote, e eu pedi pra ele “padre, o que eu vou fazer com todas essas crianças porque eu não consigo?” E ele disse “eu pensei uma coisa muito boa que vai ser melhor pra todo mundo, vamos unir o grupo escolar com o colégio das irmãs.” Daí nós fomos lá em Erechim, a delegada era Dona Lurdes Galiazo, já faleceu, ela aceitou, disse sim, o grupo escolar tem a casa velha...

**23. De que forma aconteceu essa unificação?**

Fechamos a escola onde funcionava o Grupo Escolar e nos mudamos para o prédio das irmãs. A escola passou a ser estadual. Trouxemos tudo, o que era classe, livro, biblioteca. Até tinha na biblioteca um conjunto de livros chamado “O tesouro da Juventude”. Eu pesquisava naqueles livros lá. [...]. Misturamos que nem uma fusão. Eu consegui 3 contratos pra três irmãs. Elas ganhavam pelos alunos, naquela época não eram formadas, não ganhavam do Estado. Como eram particulares ganhavam por alunos, mais ou menos uns R\$4,00 por mês, por aluno. Quase não sobreviviam as coitadas.

Quando eu consegui que fossem nomeadas as 3 professoras, meu Deus que festa que eles fizeram! Imagine 3 professoras! Eu fiquei diretora um ano. Como eu estava grávida e me sentia muito pesada, epassei a minha direção para Madre. No início ainda tinha a Madre e as freiras e assim começamos a andar. No primeiro ano da nova escola trabalhei com a 5ª série, tinha a Inete, a Lucimara toda essa gente “grande” que hoje estão em Porto Alegre. Eram todos meus alunos da 5ª série. Tu visse que 5ª série que nós fizemos! Aquilo que era bom aparecer no jornal! Não aprontavam e aquilo que a professora dizia era sagrado! Eu passava as lições no quadro e eles copiavam ligeiro e depois todo mundo lia. Não tinha nada de erro. E a professora ia olhando ver se tinha erro ou não, mas olha era uma beleza! Aquele ano ficou gravado na minha mente. Me fez tanto bem, tanto bem! Eram 26 alunos e 20 foram fazer o exame de admissão e passaram.

**24. E o exame de admissão se fazia onde, em Marcelino?**

Em Marcelino, Caxias, Porto Alegre, uns foram em Marcelino, outros foram a Lagoa Vermelha, outros a Caxias, mas todos passaram. A única que não concluiu os estudos foi a Inete, que se arrependeu e estudou mais tarde. Naquela época ela não podia, tinha a mãe doente, e eram muitos filhos em casa e não podia estudar fora. Ficou esperando para trabalhar em uma escola do município, por um tempo.

**25. E o município foi se desenvolvendo. A senhora e seu marido com certeza sempre participando. O que a senhora fazia pelo fato de ser professora?**

Olha eu tinha que cuidar da família. Eu tive 9 filhos. E sempre metida em tudo. Era na catequese, era quando começou a liturgia, metida em tudo, tudo, tudo. Onde precisava ata,

era a Dona Terezinha que fazia. Graças a Deus sempre pude ajudar. Nunca me arrependo de ter estudado. Minha vida teria sido muito diferente caso isso não acontecesse. A leitura sempre me ajudou e continua me ajudando até hoje.



Entrevista 02

*Adelino Refosco, 76 anos, viúvo, natural de Paim Filho*

**1. Quando o senhor nasceu aqui e a sua família já estava estabelecida aqui em Paim Filho há muito tempo?**

Já, os meus pais casaram aqui. Meus avôs é que vieram para cá juntamente com outras famílias de imigrantes.

**2. O senhor trabalhou a vida inteira como artesanato apenas?**

Não eu trabalhei naquele tempo, no meu tempo há mais de 30 anos, mais de chopeiro hoje dizem caminhoneiro. Naquele tempo trabalhava mais com transporte trabalhei bastante tempo, depois mais lá na metade da vida com móveis né e não fui só eu, meu irmão também.

**3. Como foi seu primeiro contato com a leitura? Antes de ir para escola alguém lia na sua casa ou contava histórias?**

A minha mãe contava histórias da bíblia e lia também. Mas aprender a ler foi mais na escola porque a gente desde criancinha já ia na escola. Era na escola Divina Pastora que hoje é a Irmã Maria Anastasie.

**4. O que o senhor lembra dessa época de estudante?**

Eu lembro que tínhamos livros para a leitura onde aprendíamos sobre todas as coisas. Era um livro para cada ano. A gente usava lápis e a professora o giz. Hoje tem um problema muito sério com aluno batendo em professor, no meu tempo quando estava na segunda, terceira série, ah meu Deus do céu, se inventasse de dizer alguma coisa ruim para uma irmã ou para a professora. Era posto no castigo ali e depois apanhava em casa! (risos)

**5. E quem eram suas professora na época? Eram muitos alunos na escola?**

As professoras eram todas freiras. Eu não me lembro certo mas eu acho que tinha uns 80 ou 100 alunos. Todos divididos em série. Cada série correspondia um livro. Eu não cheguei a completar o quarto livro. Fiz até uma parte do terceiro livro e parei. Comecei a trabalhar ajudando o pai. Com 12 anos e já estava trabalhando. Naquela época era assim, quando o menino aprendesse logo as quatro operações e saber ler e escrever, pronto! Já estava formado! (risos)

**6. O senhor se lembra de algum livro em especial que o senhor lia sem que fossem os livros da escola?**

Um livro, por exemplo, era o Catecismo. Logo que aprendesse a ler começava pelo Catecismo e a História Sagrada eram os que mais apareciam para as crianças. Esses livros quem distribuía eram os padres, outro tipo de leitura só nos livros da escola.

**7. Depois que o senhor parou de estudar, eram só livros sobre religião que o senhor lia?**

Ah sim e eu sempre gostei de ler. Olha, eu tenho até esse monte de livros aí, nas caixas guardadas no porão, revistas, histórias dos bandidos americanos, livros de faroeste, eu li muito isso. E também a história sagrada, a bíblia. Jornais eu sempre tive e sempre gostei de ter e ler.

**8. E como que o senhor adquiria esses livros?**

Eu viajava e trazia. Aqui em Paim nunca teve livraria, nem biblioteca pública tinha, soa a da escola. Eu, por exemplo, fazia muita viagem com caminhão. Nos lugares que ia e que tinha livraria eu comprava. Em Erechim, principalmente.

**9. E o senhor lembra título dos livros? Coleções?**

Tinha por exemplo O Coiote, eram muitos, uma coleção, todo mês publicavam um. Todas as histórias de faroeste que também eu via nos filmes. Às vezes tinha cinema aqui em Paim. Os filmes eram de faroeste americano. A gente gostava barbaridade.

**10. E hoje em dia o senhor lê o que?**

Mais é jornal. Tem vários, agora por exemplo fiz a assinatura de O Rio Grandense que é muito bom. Também tenho o Zero Hora.

**11. E quando o senhor comprava esse livros, vocês trocavam, se emprestavam ou o senhor lia e guardava?**

Não, a maioria das vezes eu guardava para mim.

**O senhor ainda tem guardado?**

Tenho. ...

**12. No seu círculo de amizades, naquela época, as pessoas não tinham muito o hábito de ler porque eram poucas pessoas que liam?**

É, tinha pouca gente tinha esse hábito e que gostava de ler.

**13. O senhor se lembra de alguém? Mas não era costume vocês se encontrarem para, por exemplo, falar de leitura.**

Não. Não tinha esse costume.

**Trabalhavam bastante...**

É desde, praticamente criança, jovem, com 12 anos, por exemplo, eu já trabalhava. Ajudava puxar as tábuas na plana, fazer fogo na locomotiva que não tinha energia elétrica era tudo na base do fogo, da água e do vapor.

**14. O seu pai, nessa época, já era marceneiro?**

Sempre.

**Sempre ele trabalhou nisso?**

Sempre como marceneiro.

**E foi ele quem ensinou tudo?**

Sim, para todos que trabalhavam.

**Ele aprendeu isso com quem?**

Por conta própria...

**E vocês todos aprenderam a profissão, o senhor também aprendeu e aí o senhor trabalhou um tempo como caminhoneiro...**

E depois com marcenaria.

**15. E na parte da leitura, você sempre estimulou os filhos a ler? Sempre foi comprando o material, tudo o que fosse possível?**

Sim...

**16. O senhor lembra de algo especial que despertou no senhor o gosto pela leitura, ou foi por acaso? A coisa se foi indo, se desenvolvendo?**

É.

**17. Foi uma pessoa especial que disse – leia tal coisa porque isso é bom – e a partir daí?**

Não.

**18. O senhor participou da igreja, sua família toda participou na construção de várias coisas aqui na cidade. O que o senhor se lembra do desenvolvimento de Paim Filho?**

Eu lembro da igreja, eu era criança mas lembro, do padre João Crisóstomo que junto com o povo desviaram todo o forquilha para fazer a queda, fazer a olaria para construir a igreja, tudo com a olaria.

Foram os tijolos da igreja, o colégio das irmãs o hospital...

Tudo, tudo, tudo...

E o padre João Crisóstomo era uma pessoa muito... Muito inteligente, barbaridade. Quando ele termino todas as obras aqui eu lembro que ele foi a Porto Alegre e aqui diziam que ele foi dizer para o governo quem venham ali que falta só colocar as máquinas da para fazer a usina, ele fez tudo e até hoje está funcionando. Ele foi uma pessoa muito instruída que tinha uma visão muito boa...

Tinha, sempre foi coisa séria. Porque, na verdade, se vai ver com todas as pessoas que eu conversei até agora todos falam a mesma coisa, tudo foi a partir do padre.

Colégio, hospital, igreja, a emancipação. Tudo, ele estava sempre no meio de tudo.

**19. Ali na igreja o senhor sempre foi participando?**

Sempre.

**20. O senhor era quem tocava lá na igreja?**

Não, era meu pai. Ele tocou o harmônio mais de 50 anos e só parou porque já tinha quase 90 anos.

**Eu lembro dele. O senhor não tocava?**

Não, eu gostava muito de cantar. Tinha um coral que durou uns 15 anos mais ou menos.

**Qual era o nome do coral?**

Santa Cecília, e eu era o maestro.

**E como o senhor aprendeu a ser maestro?**

Um pouco por conta e um pouco o pai era muito músico e ele também era o chefe da banda.

**E como que o seu pai aprendeu isso?**

Olha, eu não sei.

**Mas ele também lia?**

Ah sim, sim, ele conhecia música, barbaridade coisa séria.

**Então o gosto pela leitura não foi por acaso.**

Não, vem de longe.

**E ai vocês tinha um coral, e vocês cantam só nas missas?**

É missas, festas. Tiramos o primeiro lugar no Cacique que teve 12 corais que se apresentaram.

**Em que época mais ou menos?**

Faz uns 15 anos, mais até. E depois também, que eu gostava, um grupo que eu era chefe, o grupo Garrafão, éramos em 9, inclusive se apresentamos em São Leopoldo que o Rotary nos levou.

**E esse grupo Garrafão não era ligado igreja?**

Não. 90% era canto italiano.

**E o senhor me fale agora da banda Sta. Cecília, a banda em si, quem teve a ideia de criar a banda?**

Falecido pai e uns parentes dele que vieram de lá, Refosco, Valmorbida e foi encaixando mais gente, inclusive em 1930, quando houve a revolução a banda foi requisitada e foram embora.

**Foi requisitada para quê?**

Requisitada para tocar na revolução, talvez para tocar o hino nacional, não sei, então quando iam para lá pararam uns dias aqui na região do Barracão e o falecido meu pai e o falecido Valmorbida, que eram primos de sangue, andavam caminhando no campo e enxergaram um coisa estranha e foram lá olhar, era uma estátua de Sto. Antônio. Lá no campo acharam a estatuazinha de Sto. Antônio e fizeram uma promessa todo o pessoal da banda que se não acontecesse nada com ninguém nessa revolução iam construir o capitel. Hoje está aí o capitel feito e aquela estátua que está lá dentro do capitel, foi aquela que foi encontrada lá em 1930.

**E voltaram lá depois que terminou a guerra?**

Depois que terminou lá, vieram e construíram esse capitel. Foi o Júlio Valmorbida e o Aldino Refosco que encontraram.

**Depois a banda voltou e ela sempre se manteve?**

Depois parou um tempo, e depois que se emancipou aqui Paim, então era o meu irmão o maestro da banda, o Verildo, esse também muito músico, era o chefe da banda por muitos anos e depois parou de novo.

**E daí com o seu Alevino ela...?**

É no tempo do Alevino que ela funcionou, que formou a banda de novo. Mas a banda é como se fosse um marco, é um patrimônio, do município, e hoje em dia ela esta desativada ou ainda...?

**Não, ela está desativada.**

É Paim Filho de coisas que eu me lembro, foi regionalmente muito forte. Esportes, o futebol, barbaridade. Eu não joguei porque era reserva, eu e ainda aqui tem outro vivo, o Neri, nós éramos reservas daqueles jogadores que foram campeões invictos da grande Lagoa Vermelha de toda a região.

**Em que época?**

Em 1949.

**Então o senhor gostava de jogar bola?**

Opa, eu jogava quando era piá que com 16 anos eu era reserva do Cruzeiro aqui, em 1947, e daí acabou a geração e eu fui pro quartel.

**O senhor foi pro quartel também?**

Fui pro quartel com 19 anos. Fui campeão de futebol em vacaria pelo quartel.

**Naquela época todos iam pro quartel, né?**

Sim, era obrigatório.

Era uma época em que Paim teve tudo para se desenvolver, porque foram muitas mini indústrias, mini fábricas...

Sim. Eu tenho até anotado ali 110 sobrenomes que foram embora de Paim. De famílias que vieram aqui foi anos e foram se desenvolver em outras regiões.

## Entrevista 03

*Ipenor Zanella, 76 anos, natural de Paim Filho, casado, representante comercial aposentado*

### **1. O senhor estudou, Seu Ipenor?**

Sim, eu comecei aqui na Escola Divina Pastora em Paim Filho e fiz todo o primário. Depois disso eu fiz uma parada. Quando eu tive nova estudar foi para fazer um curso prático de suinocultura em Tupanciretã em 1954. Então eu me preparei, fui ajudado pelo Dr. Olivo Zanella e o Dr. Jose Augusto Muller, que conseguiram uma vaga para eu fazer a escola técnica em suinocultura. Terminado o curso, eu fui convidado para trabalhar na Secretaria da Agricultura do município de Lagoa Vermelha para fazer o teste de brucelose em bovinos da raça Devon que estavam sendo selecionados. Então aí eu comecei a minha vida profissional.

### **2. E depois disso...**

Eu trabalhei durante um ano e pouco nisso, só que minha vocação não era bovinos, era assistência técnica e mais a suinocultura. Nesse período eu fui convidado a participar da primeira exposição que teve em Porto Alegre. Eu deixei da Inspeção Veterinária e fui participar da exposição em na capital para ver o que era feito em suinocultura. Depois dessa exposição eu fui convidado para residir em Nova Prata onde fui trabalhar em suinocultura. Nesse período em Nova Prata eu fui trabalhando, fui sendo apoiado pela inspeção veterinária de Lagoa Vermelha que era a maior da região na época. Neste tempo eu fiz um trabalho e fui crescendo na suinocultura. Desse período em diante eu já conhecia toda região e fui convidado para participar da suinocultura regional. Começamos então a fazer uma seleção de suínos na época.

### **3. Depois disso o senhor voltou para Paim?**

Não, depois iniciei um período em Casca. Eu fui assumir em Casca e residir lá. Criar vacas, na Granja Ideal para exportação. Um tempo depois eu sai da Granja Ideal contra a vontade do pessoal, para voltar para Paim Filho pra começar a minha vida aqui com a suinocultura. Além disso eu tinha uma namorada aqui e que agora é minha esposa. Comecei com a suinocultura aqui antes de casar ainda. Instalamos uma suinocultura aqui que cresceu bastante na época chegamos a ter aqui 1500 animais. E com isso, melhoramos um pouco nossa vida e a gente constituiu a família.

Desse inicio eu já tinha uma bagagem boa, eu me dava bem com os técnicos, era sempre convidado para as exposições. Por isso, acabamos deixando na nossa granja e partimos para uma empresa multinacional. Eu era representante comercial, sempre ligado à suinocultura. Fui gerente por três gestões consecutivamente. Com isso pude viajar para outros países e conhecer novas culturas. Eu estava muito bem, fizemos um belo trabalho. Minha esposa sempre foi uma companheira que sempre me ajudou muito, enquanto eu estava trabalhando ela estava cuidando dos filhos, mas nos finais de semana a gente se encontrava e podia aproveitar bem esses momentos. Como a nossa situação financeira melhorou, nossos filhos puderam se preparar melhor. Hoje três deles são formados medicina veterinária e os três fizeram doutorado. Os dois mais velhos já estão com pós-doutorado e seguindo o bom caminho profissional. Mas nunca nos esquecemos que tudo se iniciou aqui de Paim Filho.

Depois que voltamos para Paim continuamos a vida no ramo agropecuário. Fui vice-presidente da cooperativa por nove anos até sofrer o acidente e parar. Isso já há treze anos.

#### **4. Esse progresso profissional exigiu conhecimentos. Conte como o senhor os buscou?.**

É, agora você tocou num ponto muito forte. Você sabe que o grande mal de hoje é a televisão. Ninguém mais lê. Só vê televisão e esquece daquilo que é base. A gente começou sempre lendo, assistindo a programas, notícias e se preparando. Inclusive fiz vários cursos durante esse período. Na vida toda eu fui muito bem sucedido naquilo que eu fazia porque mantinha uma bom relacionamento com todos, com as pessoas que estavam no setor primário, que estavam no meio e as que estavam na administração porque a gente pensa que quando alguém enxerga a gente assim, “pensa será que esse cara sabe mesmo do que esta falando, ele tem certeza?” Às vezes a gente fica meio assim, então a gente tem que realmente ouvir as pessoas, se preparar bem porque realmente quando menos espera está tratando com uma pessoa que tem muito para ajudar a gente. Isso foi o que eu fiz no passado por isso que cresci.

#### **5. Seu Ipenor vamos voltar lá no início. O senhor disse que veio de uma família pobre, como foi sua relação com a escola e a leitura**

Bom, o que realmente me botou no bom caminho foi aqui em Paim Filho, no colégio eu era bom aluno. Quando eu terminei o primário aqui, o 5º ano naquela época, lembro que no dia 7 de setembro eu me preparei para desfilar. Naquela época não tinha com o que fazer e eu pedi para o tio Euclides Bertuol, que me fizesse um fuzil de madeira porque eu queria marchar com um fuzil como os militares. A gente ouvia sobre isso, não via, porque naquela época não se tinha televisão. Era utopia, mas se sabia dos militares.

Também lembro da professora Ermelinda Conte, ela foi uma das pessoas que lá atrás no passado me ajudaram muito. Eu gostava de música e ela me ensinou muita coisa sobre isso. Meu pai era sapateiro e ia daqui para Erechim a cavalo para comprar couros para fazer as botas. Ele era sapateiro, mas no trabalho dele o que mais ele fazia eram botas. E era um bom profissional nisso. Eu quando era menino, ia no colégio aqui e quando eu voltava, no outro período, eu ajudava e endireitava os pregos para o meu pai e soleava as botas que ele começava. Então a minha vida começou por aí. E eu sempre fui assim. Eu gostava de tudo. Quando guri eu ia lá no clube, naquele tempo não podia entrar, mas eu dava um jeito. A Ermelinda Conte que fazia parte do clube me deixava entrar.

#### **6. E o que tinha no clube?**

Era uma sociedade bem organizada pessoal bem preparado, naquela época era mesmo um clube, era muito bom. Só entravam sócios. Eu chegava lá e dizia “um dia vou ser sócio vou participar também”. E aí que eu comecei a minha caminhada.

#### **7. Seu Ipenor, o que o senhor lembra da escola?**

A escola aqui em Paim Filho foi muito bom, na minha época, aqui tem uma senhora que é viúva que foi minha colega, a Nini Cavassola, a gente tinha um bom relacionamento, era estudioso e inclusive ia muito bem, foi um período muito bom, fazia os temas, me preparava bem e voltava pra casa sempre fazendo alguma coisa.

#### **8. E quem que era a professora na época, o senhor lembra?**

Eu me lembro da irmã Modestina, da madre Mili e de uma outra que era a irmã Otiqiana e tinha uma que era muito linha dura. Por isso eu sempre fazia os temas os

trabalhos, e sempre levava bem organizado. E foi uma época muito difícil e inclusive eu tenho só uma irmã, e naquele tempo começaram as sorveterias em Paim Filho. Então, de vez em quando no verão, que nem agora, não era sempre, mas umas duas a três vezes no verão a gente ganhava um dinheirinho do pai para comprar um picolé. Era assim a nossa vida no passado. No curso técnico eu lembro de ter estudado bastante e que era muito difícil, muito “puxado”.

**9. Seu Ipenor o senhor lembra de alguma aula por exemplo, o que o senhor mais gostava?**

Sempre gostei muito de matemática, sempre fui bem em matemática.

**10. Seu Ipenor, o senhor lembra de algum livro, de alguma leitura que vocês tinham vontade de fazer e não fizeram, alguma leitura que era proibida?**

Uma pena que queimou a nossa casa, porque eu tinha meus livros, tinha tudo guardado, inclusive meu diploma do colégio. Eu era sempre muito organizado gostava dos livros, e das leituras assim, agora eu não estou lembrado, mas eu gostava muito de ler e naquele tempo, cinema aqui em Paim não tinha e de vez em quando vinha algum. Então a gente arrumava o dinheiro e no dia que tinha filme a gente ia mas isso era muito raro.

**11. E essa era a forma como vocês se divertiam?**

É . E eu vejo o seguinte, que a evolução foi muito rápida. E naquela época, Paim era distrito de Lagoa Vermelha, e o seu Cavassola e o Bianchi iam a Lagoa Vermelha pra resolver os problemas de Paim Filho. E a gente trabalhou na emancipação de Paim Filho, inclusive quando foi feito o acordo de emancipação que criou o município eu estava em Porto Alegre em companhia do falecido Atilio Motin . Juntos e com mais algumas pessoas fizemos o acordo com o falecido senhor Borges para emancipar o município de Paim Filho.

**12. Como é que surgiu essa possibilidade de emancipação?**

Já havia boatos de emancipação, tinha Machadinho, e outros municípios que estavam sempre naquela luta. E realmente só saiu essa possibilidade quando foi feito esse acordo em Porto Alegre porque quando foi por disputa política Paim Filho não conseguiu se emancipar. Depois eu participei da primeira gestão , quando foi criada a lei orgânica do município. Nessa época eu fui vereador aqui em Paim.

**13. Só por uma vez?**

Sim. Depois disso eu comecei no setor técnico, de suinocultura, e não nego a você que eu gostaria de um dia ter sido prefeito de Paim Filho e poder ter feito alguma coisa a mais para minha terra e dado o acidente, apagou todas as minhas possibilidades. Mas realmente eu não escondo que no fundo no fundo, depois de muitos anos, eu voltei pra Paim Filhop minha esposa está aqui do meu lado e pode comprovar o que estou dizendo. Tenho um pouco de mágoa pois era o meu sonho ser prefeito de Paim Filho, com toda a bagagem que eu tinha! E eu lamento não poder ter feito isso. E o que a gente tem que fazer agora é isso que você tá fazendo, trazer para o presente, resgatar o passado, e levar para o futuro, senão o pessoal vai esquecer que Paim Filho teve o Padre João Crisóstomo, que foi capaz de construir uma olaria, fazer uma usina e construir uma Igreja.



**14. Com certeza o senhor, apesar de não contribuir tanto na administração, contribuiu no crescimento do município. Que outras formas foram essas? Hospital, clube de serviço?**

Eu fui presidente do hospital durante nove anos, e a gente sempre trabalhou bastante, era hospital, a cooperativa, sempre procurando trazer o que tinha de bom para o crescimento de Paim Filho.

**15. E hoje continua lendo, se atualizando?**

Eu assisto os notícias desde manhã, de meio-dia, nos domingos também. Depois do acidente tenho algumas limitações, então prefiro ouvir as coisas. Mas sempre buscando saber o que está acontecendo. Leio jornais e revistas., a revista *A granja* sempre foi minha favorita. Assino há muitos anos. Confesso que nunca gostei muito de Literatura . Tem alguns livros de Érico Veríssimo que gostei. Na minha biblioteca tem tudo isso: Jorge Amado, Érico Veríssimo e muitos outros. Meus filhos aproveitaram bastante os livros, minha esposa também. Sempre que pude comprei livros, se eu não lia, meus filhos e minha mulher liam. A biblioteca de nossa casa é muito grande, embora alguns livros os filhos ou os netos tenham levado para ler.

Eu que agradeço e fico feliz por ter pessoas como você fazendo esse tipo de trabalho, se atualizando, estudando sempre. A gente precisa sempre estar à par da coisas pra poder evoluir e não esquecer do passado porque ele é a base de tudo, a formação.

OBSERVAÇÃO: em virtude das limitações físicas do entrevistado, essa entrevista foi sendo conduzida pelo próprio depoente, privilegiando assuntos de seu interesse. Sucessivas pausas precisavam ser feitas durante a conversa, mas diante da vontade de participar dessa pesquisa, Seu Ipenor procurava superar essas dificuldades.

Entrevista 04

*Nair Zuleica Zandoná Zanela ( pede para ser chamada de Zuleica), 71 anos, dona-de-casa*

### 1. A senhora estudou?

Sim, eu estudei até o 5º ano. Eu era interna no colégio das freiras em Cacique Doble.

### 2. E porque a senhora estudava lá e não aqui?

Eu fiz o primeiro ano aqui, mas eu não gostava e eu fugia do colégio, daí minha mãe me colocou interna no colégio de freiras. Eu fui bem pequena pra lá.

### 3. E o que a senhora lembra de lá?

Mas eu era muito pequena, imagine eu tinha uns 6 ou 7 anos, fui bem novinha. Então era com todo mundo no colo, com irmãs. Eu lembro que nós tínhamos um dormitório bem grande. Tinha a irmã Rosalinda que dormia do meu lado. Era dividido com lençol, e ela antes de dormir ele levava uma garrafa de água quente e colocava nos meu pés. Lembro também que minha mãe, todos os sábados, me mandava torta, galinha recheada, tudo que era doce. Eu não comia, sobrava tudo pra irmãs. Eu fui estudar lá porque tinha amigos conhecidos da família lá.

### 4. Como eram as aulas lá? Eram as próprias irmãs que davam aula?

Sim, eram as próprias irmãs. Mas tinham outras, até a professora Terezinha Piovesan foi minha professora. Ela também parava lá. Até depois da minha primeira comunhão, e a minha primeira comunhão eu fiz lá.

### 5. Dona Zuleica como era a relação que a senhora teve com a leitura?

A minha mãe contava muita história pra nos quando eu era criança. A gente tinha livros em casa. Meu pai podia comprar. Eu lia bastante e gostava muito de ler. Depois que fui para casa eu sempre lia naqueles livros. Até livros falando de sexo meu pai permitia que eu lesse, e naquela época as irmãs faziam pra juntar dinheiro, elas faziam dramas...

### 6. E a senhora lembra de algum livro que leu e que mais gostou?

*Marcelino Paõ e Vinho*, li o livro e assisti o filme. Tinha *Olga*, que depois eles mataram, os nazistas. Então eu lia muito, quando morava em Porto Alegre também. Quando eu estudava em Cacique a gente retirava poesia de livros, era uma coleção, *Seleção em prosa e verso*. A gente retirava da biblioteca, copiava e depois devolvia. A gente decora os versos e declama. Eu tinha muita facilidade para decorar as coisas por isso participava dos tetos e sempre tinha o papel principal. Aqueles com mais texto.

### 7. Encenavam teatros?

Fazíamos teatros. Eram dramas que as freiras adaptavam de histórias bíblicas ou outras peças teatrais. A gente precisava fazer isso para ganhar dinheiro e manter o colégio. Foi em uma dessas apresentações que o Ipenor me conheceu.

### **8. Como foi?**

Meu pai “lotava” um ônibus com pessoas aqui de Paim que quisessem assistir nossas peças em Cacique. Dessa forma o salão lotava e nosso lucro aumentava. Durante as apresentações eu me expressava muito bem. Por isso eu sempre falava em público quando era preciso. Eu discursava.

### **9. Discurso assim, uma homenagem?**

É, falando da vida, trajetória, e eu fazia muito, fiz a décima do município. A décima do município fui eu que fiz. Eu tinha acho que uns 14 a 15 anos, nem lembro bem, lembro que tinham mandado fazer uma décima para promover a emancipação daqui de Paim. O padre João chegou lá em casa muito triste. Meu pai era cabo eleitoral dele. E ele disse assim ‘ eu precisaria de alguém que me fizesse uma décima pra eu poder espalhar aqui pra Paim’ e eu disse assim ‘se o senhor quiser eu faço’. Ele me olhou e disse assim ‘quanto tu demora?’ eu fazia rápido. Um tempinho depois, quando ele voltou eu dei a décima pra ele. Ele afixou em todas as colunas da igreja.

### **10. Dona Zuleica a senhora contava história para seus filhos?**

Contava e continuo até hoje. É só os netos chegar e eles começam ‘vó a senhora tem que dormir com nós pra contar histórias’.

### **11. E que histórias a senhora conta?**

Joãozinho e Mariazinha, do Chapeuzinho Vermelho, da Branca de Neve... histórias que a minha mãe contava. Outras eu invento. Eles adoram, ficam pedindo para contar mais e mais...

### **12. E que é que a leitura representou na vida de vocês?**

O alicerce de tudo. É uma coisa muito boa porque passamos conhecimento para nossos filhos. E hoje eu sinto ainda muita necessidade e percebo ainda muita falta de estudo. E até hoje meus filhos falam ‘mãe nunca e tarde pra estudar’. Mas eu acho que agora já é tarde demais. Sabe, eu faço versinhos pros meus netos. Assim, quando precisa escrever nas lembrancinhas de aniversário, por exemplo. Eu escrevo e mando pra eles e elas mandam imprimir. Eu tenho como ímã de geladeira. Quer ver?

Entrevista 05

*André Debiassi Zanella, 68 anos, nascido e criado em Paim Filho. Casado, pai de dois filhos e avô de três netos*

### **1. Qual é seu grau de escolaridade?**

Estudei até o terceiro grau. Fiz o primário numa escola municipal aqui em Paim Filho. Cursei o antigo ginásio em Marcelino Ramos, no seminário. O segundo grau em magistério fiz em Passo Fundo. O terceiro grau, a graduação, em Caxias do Sul em Ciências Contábeis.

### **2. Quanto à experiência profissional, trabalhou ou trabalha em quê?**

Trabalhei como professor, magistério, 32 anos, até 1993. Comecei sendo professor na escolinha onde iniciei meus estudos. Mais tarde passei no concurso para o estado e me transferei para a cidade porque fui nomeado para trabalhar na escola estadual que na época se chamava Frei Gentil. Hoje sou aposentado e por isso, até o ano passado trabalhei como voluntário, na administração do Hospital Municipal Santa Terezinha.

### **3. E seu tempo de escola? Como era o menino André no início da vida escolar?**

O curso primário no anos 50 é inesquecível, apesar de irmos até a escola de pés descalços. As dificuldades eram muitas. A gente ia para a escola meio dia e no outro turno ajudávamos o pai na roça. Foi no curso ginásial em Marcelino Ramos que tive uma base melhor para o resto dos meus estudos.

### **4. Que lembrança da infância foi mais marcante?**

Nós morávamos na Linha São Caetano. Lembro bem das primeiras vindas do interior para a cidade Meu pai com uma lata de mel em cada bolsa amarrada em sua montaria e eu com outra montaria com duas latas em cada cesto. Na época se usava o cargueiro. Era uma época bastante sofrida!

### **5. Quando foi que começou a se interessar por leitura?**

Na época do ginásio em Marcelino Ramos. O livro “Os três amigos” foi o que me entusiasmou a ler e de lá pra cá, 1958, não deixei mais de ler. Hoje fazem mais de 20 anos que leio Zero Hora, todos os dias.

### **6. Por que só na época do ginásio? E antes? Em casa não tinha leitura?**

Não. Em casa não tinha nada pra gente ler. Éramos muito pobres, como já falei. Meus pais eram analfabetos. Não me lembro de ouvi-los contando alguma história, nem cantigas de ninar. A mãe era bastante religiosa, mas tudo que sabíamos da igreja, da bíblia ou da religião era aquilo que o padre falava na igreja quando, muito raramente vinha um padre na capela para rezar missa. Quando comecei a ir para a escolinha, não me lembro de nenhum livro em especial. A gente aprendia o básico: ler, escrever, as contas de matemática e só. Não tinha biblioteca. Eram só os livros que a professora trazia e mesmo assim eram poucos. Se eu não

tivesse tido a oportunidade de estudar no colégio dos padres, dificilmente teria me tornado um leitor.

### **7. Que tipo de livros gostavas de ler quando era criança, quando adolescente, adulto e atualmente?**

Quando criança não tive acesso. Na adolescência, época de Marcelino Ramos foram os livros de aventuras: “Os três amigos”, não lembro o escritor, a partir dele deslanchei na leitura de outros. Na vida adulta, romances. Atualmente, leio Zero Hora integralmente. Gosto muito de ler crônicas também: David Coimbra, Rosane de Oliveira e Paulo Santana. Eles falam de atualidades.

### **8. Leu algum livro proibido? Como foi e por que eram proibidos?**

Li muitos livros proibidos. Na época que estudava no seminário e que descobri a leitura comecei a ler tudo o que podia. Na biblioteca destinada aos alunos, me lembro que alguns livros eram parcialmente censurados. *Iracema*, de José de Alencar, por exemplo, tinha partes dos capítulos grampeados. Isso porque dizia “a virgem dos lábios de mel” e a igreja não aceitava isso.

### **9. Além destes tinha mais alguns?**

Sim, na biblioteca dos padres. Eu entrava lá porque ajudava na limpeza. Enquanto tirava o pó das estantes meus olhos corriam pelos livros. Comecei a ficar intrigado com aqueles bem manuseados: as páginas com muitas orelhas, folhas amareladas. Um dia peguei um sorratamente e a partir desse momento, minha curiosidade fez com que eu lesse *Ricardo coração de leão*, *Amar foi minha ruína*, *Noite de núpcias* e outros tantos que agora não lembro mais. Naquela época tudo o que a igreja achava que era imoral, não chegava até a nossa biblioteca, mas eram os padres que decidiam isso, dessa forma os proibidos ficavam na biblioteca deles.

### **10. Mas como era essa leitura? E os padres não desconfiavam?**

Eu pegava escondido e levava para o quarto. À noite, durante a hora da leitura eu colocava no meio dos outros livros e fingia que lia aqueles que eram pedidos. Ou então líamos no quarto depois que todos fossem dormir. Eu lia e emprestava para os outros que dormiam no mesmo quarto. Um dia, um dos padres percebeu que faltavam três livros na biblioteca e “fez revista” em nós. Combinamos em esconder perto do cinto da calça porque eles apalpavam só nos bolsos. Assim, com o cinto bem apertado era difícil que percebessem. Nesse dia, quando tive a primeira oportunidade, corri até a biblioteca para devolver. Depois disso, continuamos a ler escondidos porque os livros eram muitos e a nossa curiosidade ainda maior.

### **11. Que benefícios essas leituras trouxeram?**

As leituras, principalmente dessa época “temperaram” meu caráter. Quando eu entrei para o ensino médio e depois para a faculdade tinha uma “visão” de geografia, história, literatura, muito grande. Sempre soube que foram as leituras que me deram isso. Quando fui pro quartel fiquei um ano sem ler. Lá não tinha biblioteca e eu ainda não podia comprar livros. Fique triste com isso.

**12. E que leituras fizeste depois? Quando adulto?**

Na época do normal continuei lendo bastante mas já eram livros exigidos pelos professores por causa do curso que fazia. Depois, na faculdade também, mas teve um que eu nunca esqueci. Falava sobre economia e política e tinha um trecho que dizia “... *política é a arte de bem governar...*” . esse trecho me impressionou muito porque descobri que usamos política em tudo na vida. No trabalho, em casa, nos grupos sociais... enfim fiz desse trecho meu lema de vida.

**13. E depois de casado e com o nascimento dos filhos? Os livros mudaram?**

Sempre gostei de biblioteca. Os proibidos “pegava “ na biblioteca dos padres e trocava com colegas. Quando comecei a trabalhar e ter meu sustento comecei a comprar meus próprios livros. Adquiria por assinatura ou quando podia ir a alguma livraria. Dessa forma comprei toda a coleção de Érico Veríssimo e Graciliano Ramos, por exemplo. Quando os filhos começaram na escola, comprei a revista *Amiguinho*. Elas estão guardadas até hoje. Os meus netos, quando nos visitam, pedem para ver e ler também. Meus filhos gostavam de ouvir histórias quando pequenos. Nós contávamos e depois já vinham os “porquês”.

**14. O senhor costuma presentear os amigos, com livros?**

Antigamente sim. Hoje em dia não. São poucos que praticam leituras. Por isso não posso compartilhá-las também. Raros são os interessados.

**15. Na sua opinião como a sociedade via o leitor na sua juventude? E como é hoje?**

Na minha opinião um leitor era visto como uma pessoa que sabia aconselhar; um sábio; um líder. Hoje já não é mais assim, mas ainda é visto com muito respeito e admiração.

**16. O senhor no decorrer da vida leu muito. Que benefícios a leitura trouxe para o senhor?**

Como eu já disse, a leitura “temperou” meu caráter. Profissionalmente eu não seria bem sucedido se fossem pelas leituras. Quando eu era jovem, lia para conhecer e me desenvolver. Hoje leio, principalmente para “alimentar” minha memória. Gosto muito de ler piadas para depois contá-las aos outros. Dessa forma exercito minha memória. Além disso, quando contamos piada alegramos os outros e com isso vamos mantendo o bom humor e a alegria de viver.

| Entrevista 06

*Ezilena Dal Prá, 66 anos, nascida em Ipê. Viúva.*

**1. Seu nome completo.**

Meu nome completo é Ezilena Lionço Dal Prá.

**2. A Sra. Nasceu aqui em Paim?**

Não, nasci em Ipê.

**Ipê?**

Município de Ipê, vila Ipê, pertencia ao município de Vacaria.

**3. E veio pra cá com quantos anos?**

Eu vim pra cá com 10, 11 anos.

**4. E veio pra cá com a família?**

Vim com a família. Antes disso eu morei em Porto Alegre por 3 anos antes de vir pra cá.

**5. E a Sra. Está com que idade hoje?**

66.

**6. A Sra. é viúva a quantos anos?**

Ah, desde 1967.

**7. A Sra. Casou com que idade?**

Eu casei faltavam... hum... 4 meses para os 18 anos. Naquele tempo se casava jovem com 15, 16 anos. Era para o pessoal se casar.

**8. E a Sra. quando casou tinha estudado até que série?**

Admissão ao ginásio.

**9. Isso é a 5ª série?**

Isso é a 5ª série. Era a 5ª série a admissão ao ginásio. Na escola particular das freiras aqui de Paim, a Divina Pastora.

**10. Hum... Divina Pastora. A Sra. hoje é professora aposentada?**

Desde 1994. Eu comecei a lecionar com 15 anos. Aliás, fiz o concurso o dia seguinte que completei 15 anos. Eu tirei o primeiro lugar, Janice, e daí o Danilo Vidãna, que era

Formatado

inspetor de ensino naquele tempo. Paim Filho pertencia a Lagoa Vermelha, já imaginou?? Então a gente... o Danilo Vidãna falou assim que quem tirasse o 1º lugar ia ter uma escola no seu nome e ia poder escolher o lugar para lecionar. E veio fazer um concurso para os professores municipais de Paim e eu tirei o 1º lugar e ele me disse assim, que eu não ter que escolher o lugar para lecionar mas ia ter uma escola. Eu comecei a lecionar então. Dia 14 de fevereiro eu fiz 15 anos e dia 05 de março comecei a lecionar. E lecionei dos 15...32 anos. Com 15 anos comecei e nunca mais parei.

### **11. E assim como é que a senhora depois que chegou a 5ª série, concluiu os estudos, continuou estudando?**

Bom, daí eu era professora municipal. Naquele tempo tinha a 5ª série. Professor com 2ª série era professor municipal. Imagine a 5ª série. Eu era uma estudada. Imagine você que a Inete Ampessan era coordenadora de ensino e tinha o mesmo grau de instrução que eu. E daí... depois que eu fiquei viúva, um dia, minha sogra me convidou para ir na casa de uma irmã dela em Campinas do Sul e nós passamos por Marcelino Ramos e tinha lá um cartaz grande na rodoviária que dizia assim “Faça seu ginásio através do curso Madureiro Ginásial. Estude e seja autodidata. Estude e venha fazer as provas.” E eu fui. E daí eu falei pra minha sogra: - Eu vou fazer esse curso - e ela falou assim:- “ooo” - eu disse: - A sra cuide das crianças, eu já era viúva e já tinha 4 filhos, eu tinha 24 pra 25 anos. E daí eu fui me inscrever lá. Parei no colégio das freiras e tinha uma turma de Concórdia SC, estudando, se preparando pra fazer a prova de português. E como é que fazia pra fazer a redação? Como é que não fazia e tal. E eu me meti e disse pra eles assim: se vocês querem saber, sou mais ou menos boa em português. A redação tem que ter inicia desenvolvimento e conclusão eu falei, vocês tem que ter assim o título da redação e fui falando pra eles, um parágrafo a introdução, outros de desenvolvimento e outro de conclusão. E os caras, amigos que tavam fazendo, porque ficaram meus amigos depois, me disseram assim, porque que você não se inscreva nas outras matérias? Eu tinha me inscrito em matemática, português, biologia e geografia, quatro. Eram 13 provas, e faltam 9 outras provas. Tinha UFBP, educação artística, língua estrangeira eu peguei o espanhol e gostava muito de espanhol. E eu podia fazer a inscrição hoje fazer a prova amanhã. Eu falei com o diretor do Sinodal de Marcelino Ramos, e falei eu queria me inscrever nas matérias todas. Porque você podia repetir durante 5 anos as matérias todas, reprovava ia lá pagava e fazia de novo. E eu me inscrevi em todas as 13 matérias. Mande pra casa uma cartinha pelo Norbelio Ampessan que era motorista do ônibus que jogasse a cartinha lá no Gnoatto que mandavam avisar a minha sogra que eu ia fazer todas as provas que ela cuidasse, que eu morava com a sogra. Você sabe que eu fiz os testes e voltei pra casa e daí 8 dias ia lá pra saber o resultado. E eu cheguei lá em Marcelino, não lembro o nome do diretor da escola, me deu os parabéns que foi o único caso que eles tinham que fez as 13 provas e passou em todas e com nota boa. Ai ele me disse assim ‘escuta moça, porque você não vai fazer o normal de férias em Erechim nas irmãs de São José, se quiser eu tenho conhecimento lá e te arrumo uma vaga’. E era com bolsa de estudo essa normal de férias. Bah, mas eu tinha que dar resposta quando? Porque eu tinha que voltar pra casa conversar com minha sogra pra ver se ela cuidava das crianças pra ver se dava pra eu estudar lá. Daí ela disse assim ‘dá sim’. A nona disse ‘o se tu quer ir pra frente vai e tal’. Ai eu voltei pra Marcelino, daí através desse diretor, ele me deu um bilhete e de lá eu fui pra Erechim, me inscrevi e fiquei. E as freiras tinham tanta confiança em mim que as freiras me deram a chave do portão pra eu entrar de noite quando chegasse em Erechim, eu tinha a chave do colégio. E lá eu jogava vôlei no roda viva. E daí, tivemos formatura e tudo. Quando nós fomos fazer registro no MEC, faltou, não tinha a assinatura de um orientador educacional e daí nosso curso não foi aprovado pelo MEC. Mas daí indicaram mais um em Lagoa Vermelha, um normal em Lagoa Vermelha. E



em Lagoa Vermelha resolvi fazer vestibular em Ijuí para Economia Doméstica, eu estava em alta naquela época. Eu estava em Ijuí fazendo faculdade, a delegada de educação de Lagoa Vermelha, chamada Terezinha Capra, mandou uma cartinha pra mim passar em Lagoa Vermelha que ela tinha uma vaga pra mim assumir a direção da escola municipal de São Caetano, aqui em Paim. Tinha 3 escolas municipais em Paim. Mas como é que eu ia me deslocar de um lugar pro outro se eu morava na linha Rosario, lecionava no município e no estado? Ai o Dr Milton Michelin me aconselhou entrar num consorcio da Ouro Preto em Erechim. No primeiro consorcio eu fui contemplada. Ai aprendi a dirigir. Já ia de casa, meio barbeirona, e comecei lá. Um dia a delegada de ensino me chamou em Lagoa Vermelha e disse que eu tinha superado as expectativas. Quando eu assumi em São Caetano não tinha nem cadeira pro professor sentar. Eu plantei trigo e colhi pra comprar cadeiras, birô e um mimeógrafo. Ai ela falou que a partir do dia primeiro eu assumiria no grupo escolar. Fiquei ali até uns 4 anos. Daí ganhei uma requisição e trabalhei 40 horas na escola estadual.

#### **12. A escola estadual era Frei Gentil?**

Frei Gentil de 5ª a 8ª. Então eu terminei em Ijuí e comecei a plena em Passo Fundo, sempre tudo particular. A plena em economia doméstica.

#### **13. A sra. sempre gostou muito de ler, a sra. sempre foi muito leitora?**

Mãe do céu! Sempre, sempre.

#### **14. Lembra como e quando foi sem primeiro contato com a leitura?**

Eu tinha 8 anos quando minha mãe me deu pra uma família lá em Porto Alegre, e o que começou a me deixar bem doída mesmo foi os anúncios de neon. E minha madrinha viu que eu gostava daquilo e começou a me dar livrinhos de historia. Eu lia tudo o que me aparecia na frente, gibi, história em quadrinhos, romance em quadrinho, desde pequena com 8 anos eu já lia tudo o que me vinha na frente. Neste tempo eu não me chamava Ezilena, meu nome era Elisa.

#### **15. A sra. foi pra escola já sabendo ler e escrever?**

Sabendo ler e escrever.

#### **16. E quanto tempo a senhora ficou lá em Porto Alegre?**

Eu fiquei 2 anos e meio lá.

#### **17. Depois a senhora voltou pra cá?**

Não, depois eu morei em Garibaldi e lá eu jogava tênis na escola Marista. E um dia um menino veio me avisar que não era pra eu ir jogar no dia seguinte porque eles iriam pra Vacaria. Daí eu falei 'ah Vacaria', mandei uma carta pro bispo procurando pela minha mãe. Tinha perdido totalmente o contato com ela neste tempo que morei em POA. Ela não me procurou e eu não procurei por ela. E esse meu amigo então levou minha carta pra Vacaria e pediu pra um outro irmão Marista, de lá onde ficava a casa do bispo, porque ele tinha que levar uma carta de uma amiga até ele. Daí esse irmão pediu pra ver e viu o nome da pessoa que eu tava procurando e disse que era a cozinheira de lá. E minha mãe voltou com eles pra

Garibadi pra me buscar, e ela chamava Ezilena! Ezilena!, daí que eu e minha mãe nos encontramos. No outro dia eu tava com a malinha pronta pra ir embora com minha mãe.

**18. A sra. morou quanto tempo em Vacaria?**

Em Vacaria eu fiquei bem pouco tempo. Eu fui trabalhar de doméstica em Antonio Prado. Daí minha mãe veio morar em Paim Filho. Fiquei mais 2, 3 meses lá e daí minha mãe foi me buscar porque tinha uma mulher aqui que queria uma menina porque tinha um monte de criança pequena.

**19. Como sempre foi voltada a educação contava histórias e incentivava a leitura para as crianças. Se lembra de alguma história que contava?**

As crianças gostavam de fábulas, aquela que a raposa se passa mel pro leão não comer, Saci-Pererê, e eu comprei junto com uma colega minha uma coleção de livros chamado “Reino Infantil. Meus filhos depois leram de ponta a ponta emprestavam pros outros. Sempre incentivei eles a lerem e ainda hoje todos gostam de ler.

**20. Um livro que a sra. leu e diz “este é o livro”?**

Os livros que eu mais gostei de ler foram daquela coleção “Tesouros da Juventude”, era uma coleção tão célebre, tudo sobre e imagens do mundo. Foram os livros que eu mais gostei de ler porque não era assim uma história específica e um romance que eu nunca vou esquecer ‘O Morro dos Ventos Uivantes’, foi o livro que eu mais gostei. Li, reli, assisti ao filme. E aquele também ‘Guerra e Paz’.

**21. A sra. se lembra se as pessoas que a sra convivia liam também?**

O meu sogro. O meu sogro foi a pessoa que mais leu. Ele assinava folhetins que vinham da Itália, o Correio do Povo, e o meu sogro lia, lia, nunca vi ninguém ler tanto que nem ele. E minha mãe também. Minha mãe nos últimos anos da vida ela lia 3 jornais, eu assinava o Zero Hora, o Correio Rio grandense e o Jornal O Dia, ela lia todos lê sem óculos antes do Alzheimer atacar mesmo.

**22. Então sua mãe sempre foi leitora?**

Ela sempre leu muito. Foi autodidata aprendeu a ler sozinha. E lia muito bem.

**23. E como que esses jornais chegavam ao seu sogro?**

Vinham através da Igreja, o padre recebia e distribuía na Igreja. Eram semanais.

**24. A sra. começou a trabalhar muito cedo. As mulheres naquela época sofriam discriminação?**

Preconceito? Aham, e muita inveja. Eu que era viúva nunca esqueço que me diziam que eu ia casar logo porque trabalhava fora de casa onde é que se viu, deixar os filhos e trabalhar fora. Tinha um preconceito muito grande. Eu trabalhava à noite e a diretora da escola, porque eu era viúva, me sobrecarregava de períodos, a semana toda eu tinha aula, e as outras mulheres donas de casa, achavam que a gente não podia conciliar o trabalho fora e o

trabalho em casa. E quando chegavam na casa da gente se admiravam porque tava tudo em ordem, arrumadinho. Mas a gente era muito discriminada. Por a gente ser viúva e talvez eu era muito despachada, tinha muitos homens que cantavam a gente e a gente tinha que mandar à merda e encher de lixo.

#### **25. Mas assim, pela senhora ser estudada era solicitada..**

Eu trabalhei com curso de noivos por 14 anos em Maximiliano de Almeida, dei palestras no curso de noivos, 6 anos em Paim Filho também com curso de noivos, 25 anos de catequese, curso de batizado, então a gente conciliava as coisas. Em Maximiliano o padre pagava as palestras.

#### **26. Mas a sra. participou da vida política também. Conte como se deu essa participação.**

Eu comecei participar quando o João Motin foi candidato a prefeito de Paim que ele me convidou para trabalhar na Prefeitura, e eu fui em diversos encontros de autoridades em Caxias do Sul, eu trabalhei naquela época 4 meses na prefeitura e quando eu vi que eu iria ser usada... eu era supervisora de ensino, visitava as escolas, fazia planos de aula e agente aplicava provas né. A professora preparava os alunos, fazia exame oral. E quando eu percebi que estavam me usando, tavam roubando, e teve um problema muito sério com o abono familiar para os professores, e eu contei que teria esse abono e o seu Motin foi até na minha casa e disse que eu não tinha nada que ter contado, e ele não pagou os professores e guardou esse dinheiro. E eu pedi minha demissão e o prefeito falou pro meu sogro que eu era pessoa mais ingrata que ele tinha encontrado na vida. Mas eu sempre fui das coisas justas e certas. Depois eu fui escolhida como presidente da LBA, pedi licença da escola e assumi a LBA aqui em Paim.

#### **27. Isso foi em que época?**

Meu Deus... 1985, 1986, 1987 por aí. E com a LBA eu consegui montar uma fábrica de estofados que hoje já não existe, uma padaria, uma fábrica de cadeiras que também já não existe, através da LBA, e uma fábrica de lajotas. Daí eu entrei na LBA, e eu não tinha ficha em partido nenhum a Ivone Baggio, o Gentil Dalprá e o Nelson Tagliari porque eu não era filiada ao PMDB, me tiraram da LBA. E o seu Ferri, prefeito, me confiscou para trabalhar na prefeitura. Trabalhei com ele como Secretária de Saúde, Meio Ambiente e Bem-Estar Social por 6 anos. E assim eu era o braço direito dele, quando tinha reuniões em POA eu ia, quando tinha reuniões em Brasília eu ia, eu sempre representava o prefeito. E na eleição seguinte ganhou o Alevino e uma das reivindicações dele era que eu continuasse meu trabalho. E nós começamos o plano habitacional em Paim Filho, começamos do zero e compramos o terreno e construímos as primeiras 11 casas populares. E quando o Valério se acidentou eu pedi minha exoneração por fax e fiquei no Rio de Janeiro cuidando do Valério. E voltei pra cá de novo.

#### **28. E a sra. ajudou a fundar e presidir a casa do idoso.**

A casa do idoso foi assim, eu fundei um creche comunitária, a creche Casulo... na época que eu trabalhei com a LBA. O Jocenei Flores me mandou um telegrama que era pra eu estar em POA que iam me doar uma creche comunitária toda equipada. O Jocenei Flores colocou quatro plantas para escolher uma. E começamos a construir a creche pro lado de lá. O lado de cá, o Sidônio, a doutora Sonia, o Sergio Cadore me ajudaram desde o início a criar, começamos desde o primeiro tijolo, se fazia matinê lá na capela São Silvestre e aquele

dinheiro comprava isso. A campanha do tijolo a gente batia nas casas e pedia ‘quantos tijolo você me dá?’ essa foi a creche Casulo que depois passou pro município. Ai eu chegava na escola e as professoras me diziam que não tinha uma creche para filhos de mãe que trabalhavam fora, daí eu encaminhei e consegui o registro da creche ‘Criança Feliz’ que as crianças pra se matricularem ali tinham que ser obrigatoriamente filhos de mãe que trabalham fora. Ai um dia eu tava na prefeitura e a Irmã Maria Anastasie me falou ‘Ezilena você se preocupa com as crianças e o outro lado da vida, o final? Que tal nós fundar um grupo de idosos em Paim?’ E tava passando por lá o Paulo Tarasconi que disse eu sou força pra isso. Ai nos reunimos lá e começamos a pensa e fundar a casa do idoso. E o Paulo Tarasconi foi no Lar do Idoso em Veranópolis pegou todos os estatutos, regimentos de como que funcionava. Daí nós começamos aqui. Ai começou, fiz a campanha do tijolo. Ai meu irmão era candidato a deputado federal me mandou uma verba pra construir essa casa ali. A irmã Maria Anastasie conseguiu a doação do terreno. E iniciamos a construção as obras.

### **29. E hoje, como é que funciona a casa?**

Todas as quartas-feiras a gente reúne as vovós, a gente faz a socialização, espiritualidade, a gente faz exercícios físicos, faz o lanche e a confraternização. Nosso objetivo não é trabalhar. Nessa quarta-feira quando somos solicitadas nós ajudamos. Além disso nós fizemos intercâmbio social com todos os municípios da região, que a gente tem uma coordenação regional em Sananduva. E a gente sai 2 vezes por mês, aos domingos, a gente vai nas festas. E assim, cada município sabe que a festa do idoso dá certo porque todo município tem a obrigação de devolver as visitas.

Além disso, a gente ajuda pessoas que tem problemas, arrecada comida, da vestuário..

### **30. E assim, nesse tempo todo, o que a sra lembra que foi determinante pelo fato de a sra ter o acesso a cultura?**

A criação dos meus filhos minha família. O cuidado com minha mãe. Ler sobre a doença foi a coisa que mais me ajudou. A leitura, através da informação a gente soube como que tinha que cuidar. Outra coisa, a leitura me ajudou muito principalmente na solidão. Não tenho problema de estresse, de depressão, tudo isso através da leitura.

### **31. Então a sra. pode dizer que a leitura...**

Foi companheira da vida.

### **32. O que a sra. está lendo agora?**

Eu terminei agora de ler um livro da Zibia Gasparetto, *Quando chega a hora*, e aqui estou lendo *Se houver amanhã*.

### **Muito obrigada pela entrevista.**

Obrigada você. A gente tem muitas histórias pra contar e muitas vão se perdendo. Pena que você não possa contar todas elas e de todas as nossas vovós, aí no seu trabalho. Mas, que bom que você está fazendo isso, antes que todos morram e as histórias se percam porque não foram registradas.